

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

PROARQ – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

Mestrado em Arquitetura

Área de Concentração: História e Preservação do Patrimônio Cultural



As relações entre a **Comunidade Local** e a **Área Histórica** de Tiradentes–MG:

uma contribuição para a preservação do patrimônio cultural em áreas urbanas

Márcia Maria Pereira Araújo

Março/2004

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
PROARQ – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

Mestrado em Arquitetura

Área de Concentração: História e Preservação do Patrimônio Cultural

## As relações entre a **Comunidade Local** e a **Área Histórica** de Tiradentes–MG:

uma contribuição para a preservação do  
patrimônio cultural em áreas urbanas

Márcia Maria Pereira Araújo

Orientadora

Prof.ª Dra. Angela Maria Moreira Martins

Membros da banca

Prof.ª Dra. Beatriz de Basto Teixeira

Prof. Dr. Júlio César Ribeiro Sampaio

Março/2004



As relações entre a Comunidade Local e a  
Área Histórica de Tiradentes - MG:  
uma contribuição para a preservação do patrimônio cultural em áreas urbanas

Márcia Maria Pereira Araújo

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências da Arquitetura, área de concentração em História e Preservação do Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Angela Maria Moreira Martins

Rio de Janeiro

Março/2004

**As relações entre a Comunidade Local e a  
Área Histórica de Tiradentes - MG:**  
uma contribuição para a preservação do patrimônio cultural em áreas urbanas

Márcia Maria Pereira Araújo  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Angela Maria Moreira Martins

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências da Arquitetura, área de concentração em História e Preservação do Patrimônio Cultural.

Aprovada por:

---

Prof. <sup>a</sup> Dra. Angela Maria Moreira Martins

---

Prof. <sup>a</sup> Dra. Beatriz de Basto Teixeira

---

Prof. Dr. Júlio César Ribeiro Sampaio

Rio de Janeiro  
Março/2004



Dedico este trabalho ao meu avô,  
**Manoel Figueiredo Pereira**,  
que me ensinou a amar os livros  
e o conhecimento; e a  
**Julinha e Marininha** para quem  
pretendo ensinar  
as mesmas coisas.

## Agradecimentos

À minha família:

Maria de Assunção M. Pereira, Vanda de A. P. Araújo,  
Marco Antônio P. Araújo e Verônica Cristina C. Araújo

e em especial, a

**Ana Paula P. Araújo** e Carlos Antônio Araújo,

pelos dias felizes no Rio de Janeiro

e a Ricardo Ladeira de Rezende,

pelos dias felizes em Tiradentes.

Àqueles que mais do que professores

foram Mestres e amigos:

Marcos Olender, André Dângelo

e, em especial, a

**Ângela Martins**, pelo apoio e confiança.

Aos professores e funcionários do PROARQ,

em especial, a **Rosina Trevisan**,

José Aguilera, Maria da Guia e Dionísio.

Aos amigos da UFRJ, em especial,

a Ana Lúcia Moncorvo, Mariana Vaz

e aos **estagiários do LabLET**

Aos amigos de todos os lugares

e de todas as horas

Fausto Machado, Kennia Orsetti,

Aline Santos, Milena Andreola, Mônica Olender,

Claudia Saraiva, Alfredo Bastos e

Shirlene Vianna.

Aos moradores, autoridades e amigos de Tiradentes e

São João Del Rei, em especial,

a **Theo Silveira**, Simone e Mazinho.





Falo assim sem saudade  
Falo assim por saber  
Se muito vale o já feito  
Mais vale o que será

E o que foi feito  
É preciso conhecer  
Para melhor prosseguir

Falo assim sem tristeza  
Falo por acreditar  
Que é cobrando o que fomos  
Que nós iremos crescer

Araújo, Márcia Maria Pereira.

As relações entre a Comunidade Local e a Área Histórica de Tiradentes – MG: uma contribuição para a preservação do patrimônio cultural em áreas urbanas./ Márcia Maria Pereira Araújo. – Rio de Janeiro:UFRJ/FAU,2004.

xxiii, 136f: il.; 29,7cm.

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2004.

Referências bibliográficas: f.117-123.

1.Área Histórica. 2.Preservação urbana. 3.Patrimônio cultural. 4.Tiradentes. I. Martins, Angela Maria Moreira. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura. III. Título.

# Resumo

## As relações entre a Comunidade Local e a Área Histórica de Tiradentes-MG: uma contribuição para a preservação cultural em áreas urbanas

Márcia Maria Pereira Araújo

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Angela Maria Moreira Martins

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências da Arquitetura, área de concentração em História e Preservação do Patrimônio Cultural.

A presente dissertação identifica e analisa as relações entre a Comunidade Local e a Área Histórica de Tiradentes – MG, tendo como objetivo principal atualizar o conhecimento a respeito da cidade de Tiradentes, fornecendo subsídios para a preservação de sua Área Histórica a partir de uma visão antropológica e turismológica. Para isso, foram identificados o modo como a população se organiza sobre o território (em seus espaços de moradia, trabalho e lazer) e suas relações com a Área Histórica e as motivações para que estas relações ocorram, estabelecendo a importância destes fatores para a preservação urbana.

Palavras-chave: Área Histórica, Preservação urbana, Patrimônio cultural, Tiradentes.

Rio de Janeiro

Março/2004

# Abstract

## The acquaintances among Sectional Community and Historical Site from Tiradentes Town – MG: a contribution to the cultural preservation in urban areas

Márcia Maria Pereira Araújo

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Angela Maria Moreira Martins

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências da Arquitetura, área de concentração em História e Preservação do Patrimônio Cultural.

The present dissertation identifies and analyzes the acquaintances among Sectional Community and Historical Site from Tiradentes Town – MG, being as prime purpose to update the knowledge concerning about the town of Tiradentes, supplying grants to the preservation of this Historical Site through across researches and studies about the effects that the tourism causes, and a point of anthropologic view. In order that, it was identified the way as the population gets themselves organized above the territory (in the employment where they inhabit, they work and they entertain themselves) and their acquaintances to Historical Site and the motivations for these acquaintances happen, establishing the importance from these factors to the urban preservation.

Key-words: Historical Site, Urban preservation, Cultural heritage, Tiradentes Town.

Rio de Janeiro

Março/2004



## Sumário

Índice de Anexos .....	xiii
Índice de Figuras .....	xvi
Introdução .....	01
1. As transformações sociais, econômicas, políticas e espaciais de Tiradentes .....	03
1.1. A origem de Tiradentes: da descoberta do ouro à elevação a Vila.....	03
1.2. Os anos de estagnação: do fim da mineração à proteção pelo Tombamento .....	07
1.3. O início de uma nova atividade econômica: o turismo .....	13
1.4. A situação atual do Município .....	18
2. A preservação da Área Histórica de Tiradentes .....	26
2.1. Os critérios para a definição de áreas históricas .....	26
2.2. A preservação das áreas históricas .....	29
2.3. O problema da delimitação das áreas históricas .....	32
2.4. As diferentes delimitações da Área Histórica de Tiradentes: do Tombamento ao Plano de Preservação .....	33
2.5. Os instrumentos de preservação em Tiradentes .....	37
2.6. A preservação de Tiradentes na visão da Comunidade Local .....	42
2.7. Os limites da Área Histórica de Tiradentes na visão da Comunidade Local .....	50



<b>3. As relações entre a Comunidade Local e a Área Histórica de Tiradentes .....</b>	<b>56</b>
3.1. A importância dos conceitos de Memória, Identidade Cultural, Valor Cultural, Valor Econômico , Valor Afetivo e Pertencimento .....	56
3.2. Características da Comunidade Local .....	61
3.2.1. Dados gerais .....	61
3.2.2. As relações entre a Comunidade Local e o Município de Tiradentes .....	63
3.3. Características dos lugares de moradia da Comunidade Local .....	68
3.3.1. Localização dos lugares de moradia .....	68
3.3.2. Características arquitetônicas dos lugares de moradia .....	69
3.3.3. As relações entre a Comunidade Local e os lugares de moradia .....	80
3.4. Características dos lugares de trabalho da Comunidade Local .....	90
3.4.1. Localização dos lugares de trabalho.....	90
3.4.2. Características arquitetônicas dos lugares de trabalho .....	91
3.4.3. As relações entre a Comunidade Local e os lugares de trabalho .....	93
3.5. Características dos lugares de lazer da Comunidade Local .....	98
3.5.1. Localização dos lugares de lazer .....	98
3.5.2. Características arquitetônicas dos lugares de lazer .....	101
3.5.3. As relações entre a Comunidade Local e os lugares de lazer .....	102
3.6. As relações entre Comunidade Local e a preservação adotada em Tiradentes .....	106
<b>Conclusão .....</b>	<b>114</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>117</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>124</b>



## Índice de Anexos

Anexo 01: Modelo de questionário .....	124
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Anexo 02: Logradouros pertencentes a cada setor de preservação .....	128
Fonte: IBPC, 1994, pp. 70-72.	
Anexo 03: Tabela de fotos .....	133
Prefeitura	
Fonte: <a href="http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas">www.terra.com.br/cidadeshistoricas</a>	
Estação Rodoviária	
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000, p.32E.	
Rio das Mortes	
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000, p.3E.	
Largo das Forras	
Fonte: <a href="http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas">www.terra.com.br/cidadeshistoricas</a>	
Rua da Câmara	
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Casa do Padre Toledo	
Fonte: <a href="http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas">www.terra.com.br/cidadeshistoricas</a>	
Riacho na Serra de São José	
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000, p.3E.	
Matriz de Santo Antônio	
Fonte: <a href="http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas">www.terra.com.br/cidadeshistoricas</a>	
Monumento do Trevo	
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Museu de Arte Sacra	
Fonte: <a href="http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas">www.terra.com.br/cidadeshistoricas</a>	
Igreja da Santíssima Trindade	
Fonte: <a href="http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas">www.terra.com.br/cidadeshistoricas</a>	
Ginásio Esportivo	
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Estação Ferroviária	
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000, p.4E.	



Ponte sobre o Ribeiro Santo Antônio  
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000, p.32E.

Igreja de Nossa Senhora das Mercês  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Câmara Municipal  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Igreja de Santo Antônio da Canjica  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Bosque da Mãe d'Água  
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000, p.3E.

Serra de São José  
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000, p.31E.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Ponte no acesso à Rodoviária  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.

Centro Cultural Yves Alves  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Cachoeira do Mangue  
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000, p.3E.

Chafariz de São José  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Praça da Estação Ferroviária  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.

Igreja de Bom Jesus da Pobreza  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Rua Direita  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.

Casa de Custódio Gomes  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Ponte sobre o Rio das Mortes  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.

Igreja de São João Evangelista  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)



Cachoeira do Quatorze  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Monumento a Tiradentes  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Trilha na Serra de São José  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Fazenda do Pombal  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Poço da Matriz  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Casa do Comendador Assis  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Maria Fumaça  
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000, p.4E.

Passo  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Cachoeira do urubu  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Sobrado Ramalho/IPHAN  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Balneário Águas Santas  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Igreja de São Francisco de Paula  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Estrada Velha  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.

Relógio de Sol  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)

Casa da Cultura  
Fonte: [www.terra.com.br/cidadeshistoricas](http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas)



## Índice de Figuras

Figura 01: A descoberta do ouro na Ponta do Morro.....	03
Fonte: BARREIROS, 1976, p.15.	
Figura 02: A Capitania das Minas do Ouro e São Paulo.....	04
Fonte: Museu Paulista, s/d. In: FROTA, 1993, p. 31.	
Figura 03: As três comarcas das Minas Gerais. Em destaque, a área ampliada na figura 04.....	05
Fonte: BARREIROS, 1976, p.32.	
Figura 04: Detalhe da Comarca do Rio das Mortes. Em destaque, a localização da Vila de São José, antigo Arraial Velho.....	05
Fonte: Arquivo Cartográfico do Exército, s/d. In: FROTA, 1993, p. 38.	
Figura 05: Auto de criação da Vila de São José.....	06
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, s/d. In: FROTA, 1993, p. 37.	
Figura 06: Auto de criação da Vila de São José.....	06
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, s/d. In: FROTA, 1993, p. 37.	
Figura 07: Os habitantes das Minas Gerais.....	08
Fonte: RUGENDAS, 1979, p.48.	
Figura 08: A Vila de São José.....	09
Fonte: RUGENDAS, 1824. In: FROTA, 1993, p. 44.	
Figura 09: A Serra e a cidade de São José.....	09
Fonte: WALSH, 1985, s/p.	
Figura 10: Vista de Tiradentes e crianças da cidade. Desenho de Tarsila..	11
Fonte: AMARAL, Tarsila do, 1924. In: FROTA, 1993, p. 53.	
Figura 11: A visita dos modernistas a Tiradentes .....	11
Fonte: ANDRADE, Mário de, 1924. In: FROTA, 1993, p. 48.	



Figura 12: Largo do Ó na década de 1940.....	12
Fonte: LIMA JR, 1978, s/p.	
Figura 13: Rua Direita na década de 1940.....	12
Fonte: LIMA JR, 1978, s/p.	
Figura 14: Prefeitura na década de 1940.....	12
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000, p.1E.	
Figura 15: Rua Direita em 1948.....	12
Fonte: Arquivo Noronha Santos, 1948.	
Figura 16: Restauração da Matriz de Santo Antônio em 1946.....	13
Fonte: s/r. In: FROTA, 1993, p. 56.	
Figura 17: Inauguração da BR 265.....	14
Fonte: CONCEIÇÃO, Eros, 1960.	
Figura 18: Praça do Chafariz em 1980.....	16
Fonte: MOTTA, Lia, 1980. In: PRAÇAS, 1980, p.13.	
Figura 19: Largo do Rosário em 1980.....	16
Fonte: MOTTA, Lia, 1980. In: PRAÇAS, 1980, p.14.	
Figura 20: Poluição visual causada por postes e fiação elétrica na Rua da Câmara na década de 1970.....	17
Fonte: s/r. In: FROTA, 1993, p. 115.	
Figura 21: Mapa dos pontos turísticos de Tiradentes.....	18
Fonte: NADDEO, Alberto, s/d. In: DINES, 1985, s/p.	
Figura 22: Esquema de localização das faixas de ocupação.....	20
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Figura 23: Centro. Rua Direita.....	21
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Figura 24: Centro. Rua dos Inconfidentes.....	21
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	



Figura 25: Carnaval.....	21
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000, p.28E.	
Figura 26: Mostra de Cinema.....	21
Fonte: <a href="http://www.mostratiradentes.com.br">www.mostratiradentes.com.br</a>	
Figura 27: Igreja de Santo Antônio da Canjica.....	22
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Figura 28: Igreja da Santíssima Trindade.....	22
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Figura 29: Várzea de Baixo.....	22
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Figura 30: Pousada na Várzea de Baixo.....	22
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Figura 31: Parque das Abelhas.....	23
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Figura 32: Residência no Parque das Abelhas.....	23
Fonte: SANTOS, Aline L., 2003.	
Figura 33: Mococa.....	23
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Figura 34: Alto da Torre.....	23
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.	
Figura 35: Esquema de ocupação no século XVIII.....	24
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 36: Esquema de ocupação no século XIX.....	24
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003	
Figura 37: Esquema de ocupação no século XX. Década de 1970 .....	25
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	



Figura 38: Esquema de ocupação no século XX. Década de 1990.....	25
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 39: O Sítio Histórico de Tiradentes. Em destaque, os marcos que orientaram a sua implantação e expansão.....	35
Fonte: IBPC, 1994, p.13.	
Figura 40: Setores de Preservação.....	36
Fonte: IBPC, 1994, p.44.	
Figura 41: Tabela utilizada nas entrevistas. Tamanho real 63 x 87 cm.....	51
Fonte: Vide índice de anexos, anexo 3.	
Figura 42: Lugares com 5% ou mais das incidências nas entrevistas: Matriz de Santo Antônio, Chafariz de São José, Casa do Padre Toledo, Igreja da Santíssima Trindade, Igreja de São Francisco de Paula, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Largo das Forras, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Igreja de Santo Antônio da Canjica e Serra de São José.....	52
Fonte: Vide índice de anexos, anexo 3.	
Figura 43: Área delimitada pelos principais lugares da Área Histórica de Tiradentes, segundo os entrevistados.....	53
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003. A partir da base IBPC, 1994, p.44.	
Figura 44: Área delimitada pelos principais lugares da cidade de Tiradentes, segundo os entrevistados.....	54
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003. A partir da base IBPC, 1994, p.44.	
Figura 45: Esquema de localização dos lugares de moradia das famílias entrevistadas .....	68
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 46: Esquema de localização dos lugares de moradia do total moradores envolvidos na pesquisa .....	69
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	



Figura 47: Quadro de identificação das características espaciais dos lugares de moradia situados no Alto da Torre .....	70
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 48: Quadro de identificação das características espaciais dos lugares de moradia situados na Canjica .....	71
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 49: Quadro de identificação das características espaciais dos lugares de moradia situados no Cascalho .....	72
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 50: Quadro de identificação das características espaciais dos lugares de moradia situados no Centro .....	73
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 51: Quadro de identificação das características espaciais dos lugares de moradia situados no Cuiabá .....	74
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 52: Quadro de identificação das características espaciais dos lugares de moradia situados na Mococa .....	75
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 53: Quadro de identificação das características espaciais dos lugares de moradia situados no Pacu .....	76
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 54: Quadro de identificação das características espaciais dos lugares de moradia situados no Parque das Abelhas .....	77
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 55: Quadro de identificação das características espaciais dos lugares de moradia situados na Santíssima Trindade.....	78
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	



Figura 56: Quadro de identificação das características espaciais dos lugares de moradia situados na Várzea de Baixo.....	79
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 57: Esquema da média do número de pessoas por residência em cada uma das faixas de ocupação .....	89
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 58: Esquema de localização dos lugares de trabalho do total de moradores envolvidos na pesquisa .....	90
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 59: Esquema de localização dos lugares de trabalho dos moradores entrevistados .....	91
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 60: Quadro de identificação das características espaciais e usos dos lugares de trabalho situados no Centro .....	92
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 61: Quadro de identificação das características espaciais e usos dos lugares de trabalho situados fora do Centro .....	93
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 62: Esquema de localização dos lugares de lazer diário do total de moradores envolvidos na pesquisa .....	99
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 63: Esquema de localização dos lugares de lazer de fim de semana do total de moradores envolvidos na pesquisa .....	100
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	
Figura 64: Quadro de identificação das características espaciais e usos dos lugares de lazer situados no Centro .....	101
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.	



- Figura 65: Quadro de identificação das características espaciais e usos dos lugares de lazer situados no Cascalho ..... 102  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.
- Figura 66: Os moradores de todas as faixas de idade e de renda destacam sua relação de afetividade com a residência..... 109  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.
- Figura 67: Os moradores de todas as faixas de idade e de renda destacam sua relação de afetividade com a residência..... 109  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.
- Figura 68: Os moradores de todas as faixas de idade e de renda destacam sua relação de afetividade com a residência..... 109  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.
- Figura 69: O artesanato e os artesãos locais são cada vez menos valorizados pelo visitante em Tiradentes ..... 110  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.
- Figura 70: O artesanato e os artesãos locais são cada vez menos valorizados pelo visitante em Tiradentes ..... 110  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.
- Figura 71: O artesanato e os artesãos locais são cada vez menos valorizados pelo visitante em Tiradentes ..... 110  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2002.
- Figura 72: O alto custo e o tipo de atividades de lazer oferecidas, faz com que crianças e jovens fiquem sem opções de divertimento ..... 110  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.
- Figura 73: O alto custo e o tipo de atividades de lazer oferecidas, faz com que crianças e jovens fiquem sem opções de divertimento ..... 110  
Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.



Figura 74: Edificações na Santíssima Trindade, na Canjica e no Centro imitam as características da arquitetura colonial..... 112

Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.

Figura 75: Edificações na Santíssima Trindade, na Canjica e no Centro imitam as características da arquitetura colonial..... 112

Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.

Figura 76: Edificações na Santíssima Trindade, na Canjica e no Centro imitam as características da arquitetura colonial..... 112

Fonte: ARAÚJO, Márcia M. P., 2003.



## Introdução

No momento em que a preservação do patrimônio cultural passa da valorização dos monumentos isolados para a proteção de conjuntos urbanos surgem novas relações entre a comunidade local e as denominadas áreas urbanas históricas. Normalmente, as ações de preservação de conjuntos arquitetônicos e urbanísticos implicam em processos de renovação urbana que geram alterações nos usos das edificações e dos espaços públicos, decorrentes de uma nova valorização destas áreas. Ao alterar os usos e os valores alteram-se as relações entre os atores sociais e a cidade. Desta maneira, noções de memória, identidade, valor e pertencimento, idéias sobre as quais a própria preservação é baseada, assumem novos significados.

A presente dissertação tem como questão principal identificar as relações entre a Comunidade Local e a Área Histórica de Tiradentes. Estas relações sofreram grandes transformações nas últimas décadas, principalmente devido a dois fatores: o desenvolvimento da atividade turística e a implantação de normas de intervenção elaboradas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

Desta forma, esta dissertação tem como objetivo principal atualizar o conhecimento a respeito da cidade de Tiradentes, fornecendo subsídios para a preservação de sua Área Histórica a partir de uma visão antropológica e turismológica. Para isso, serão identificados o modo como a população se organiza sobre o território (em seus espaços de moradia, trabalho e lazer) e suas relações com a Área Histórica e as motivações para que estas relações ocorram, estabelecendo a importância destes fatores para a preservação urbana.

Para alcançar o objetivo proposto, o trabalho foi dividido em três etapas:

1. Levantamento bibliográfico, documental e iconográfico: levantamento dos elementos da fundamentação teórica a respeito dos conceitos e formas de preservação das áreas históricas e sobre a importância da comunidade local na sua preservação. Levantamento dos dados históricos da cidade de Tiradentes.

2. Pesquisa de campo: a pesquisa de campo foi direcionada por questionários que foram testados em outubro de 2002 e após avaliações e alterações chegaram ao seu formato definitivo, de acordo com o anexo 1.



A pesquisa de campo foi realizada em 142 edificações, o que corresponde a aproximadamente 10% do total de edificações residenciais da cidade de Tiradentes. Os entrevistados foram escolhidos de forma aleatória, para atingir uma amostragem diversificada da população.

3. Análise dos dados coletados: visando a interpretação das informações obtidas nas etapas anteriores.

Para organizar os dados coletados nas etapas descritas anteriormente, a dissertação está dividida de acordo com os seguintes capítulos: o primeiro capítulo, denominado “As transformações sociais, econômicas, políticas e sociais de Tiradentes”, apresenta os dados referentes à formação da cidade de Tiradentes, desde a sua fundação até os dias de hoje.

O segundo capítulo, denominado “A preservação da Área Histórica de Tiradentes”, apresenta todos os dados referentes à fundamentação teórica sobre as áreas históricas, e aos dados específicos a respeito da preservação e delimitação da Área Histórica.

O terceiro capítulo, denominado “As relações entre a Comunidade Local e a Área Histórica de Tiradentes”, apresenta todos os dados referentes à fundamentação teórica sobre as relações entre comunidade e áreas históricas e especificamente a respeito destas relações na cidade de Tiradentes, a partir da localização, caracterização e análise dos lugares de moradia, trabalho e lazer da sua comunidade.

O último capítulo, denominado “Conclusão”, apresenta as considerações finais a respeito dos dados apresentados.



## 1. As transformações sociais, econômicas, políticas e espaciais de Tiradentes

### 1.1. A origem de Tiradentes: da descoberta do ouro a elevação a Vila.

Do século XVI até o século XIX, os núcleos urbanos originados no Brasil tiveram, segundo Paulo Santos (2001, p. 81), a sua formação orientada pelos seguintes aspectos: afirmação de posse e defesa da costa, conquista do interior, penetração rumo às fronteiras oeste e sul, cidades do café, cidades da borracha e cidades da indústria.

Aqueles formados no desejo de conquista do interior foram fundados entre os séculos XVI e XVIII e tinham como objetivo a fixação do homem no sertão, tendo como um de seus principais fatores de motivação a atividade da mineração.

O atual município de Tiradentes, em Minas Gerais, tem como referência de sua origem o ano de 1702, quando os paulistas descobrem ouro nas encostas da Serra de São José, no local denominado Ponta do Morro. Os garimpeiros que foram atraídos pela notícia fundaram, no mesmo ano, o Arraial da Ponta do Morro, que logo recebeu o acréscimo do nome do santo de devoção dos moradores, passando, então, a ser conhecido como Arraial de Santo Antônio da Ponta do Morro. Em 1704, o arraial passa a ser chamado de Arraial Velho, para se diferenciar do recém criado Arraial Novo do Rio das Mortes, atual cidade de São João del Rei.



Figura 01: A descoberta do ouro na Ponta do Morro.



Em 1711, logo que é criada a Capitania das Minas do Ouro e de São Paulo, tornando a região independente do Rio de Janeiro, inicia-se o processo de elevação de diversos arraiais à categoria de vilas. Desta forma, o governo metropolitano busca estabelecer alguma ordem e tranqüilidade a partir da implantação de instituições de justiça, milícia e fisco nos núcleos urbanos fundados. Como exemplos deste processo temos em 1711, a Vila do Carmo (Mariana), a Vila Rica (Ouro Preto) e a Vila Real de Sabará (Sabará). Em 1713, a Vila de São João del Rei (São João del Rei) e em 1714 a Vila da Rainha (Caeté) e a Vila do Príncipe (Serro).



Figura 02: A Capitania das Minas do Ouro e São Paulo.

O território mineiro é oficialmente dividido, em 1714, em três comarcas: Vila Rica, Rio das Velhas e Rio das Mortes que tinham como sede as atuais cidades de Ouro Preto, Sabará e São João del Rei, respectivamente.



Figura 03: As três comarcas das Minas Gerais. Em destaque, a área ampliada na figura 04.



Figura 04: Detalhe da Comarca do Rio das Mortes. Em destaque, a localização da Vila de São José, antigo Arraial Velho.

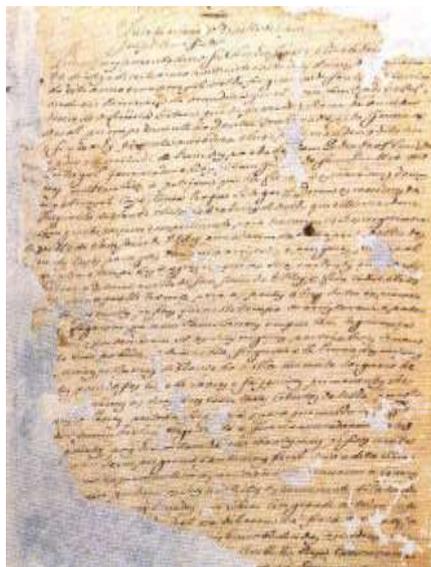
Somente em 1718, o Arraial Velho é elevado a vila, com o nome de Vila de São José del Rei, em homenagem ao futuro rei de Portugal, D. José. Seu traçado urbano é delineado já na primeira metade do século XVIII, desenvolvido a partir do eixo criado pela rua que ligava a Matriz de Santo Antônio (construída entre 1710 e 1752) e o Chafariz de São José (construído em 1749). Este eixo, hoje Rua da Câmara, Rua Jogo de Bola e Rua do Chafariz, é a referência para a implantação do Espaço do Poder, a sede poder público e religioso da Vila, e será



o principal pólo de irradiação da ocupação do território onde serão construídos o Pelourinho e a Casa de Câmara (IBPC, 1994, p.16). A partir deste núcleo inicial, a ocupação se desenvolve com a abertura da Rua Padre Toledo, da Rua Direita e da Rua da Praia. Ocorre, então, a construção de importantes marcos arquitetônicos como a Cadeia, a Igreja de São João Evangelista, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e a Igreja de Bom Jesus da Pobreza. Outro núcleo importante é o do Espaço da Produção, formado pela área onde se explorava o ouro e que ficou conhecida como Canjica, porque, segundo a tradição, neste local eram encontradas pepitas de ouro do tamanho de canjicas (grãos de milho). O marco arquitetônico mais importante desta área é a Igreja de Santo Antônio da Canjica, provavelmente a mais antiga da Vila, fundada no mesmo ano da descoberta do ouro na região, 1702. A ocupação do Espaço do Poder vai se expandir até alcançar a área do Espaço da Produção, tendo como marcos importantes desta fase da ocupação a Igreja de Nossa Senhora das Mercês e a Igreja de São Francisco de Paula, construídas em 1769. O último marco importante da consolidação do núcleo da Vila, a Igreja da Santíssima Trindade, foi construído em 1785, no caminho de chegada na cidade.

As relações entre o Espaço do Poder e o Espaço da Produção...

... foram muito tênues, como frágeis foram as estruturas que consolidaram o núcleo urbano, já que jamais firmou-se como um centro densamente ocupado, havendo a presença marcante de vazios, e que acabaram por se tornar uma das principais características da ocupação (IBPC, 1994, p.16).



Figuras 05 e 06: Auto de Criação da Vila de São José.



As moradias da Vila eram sobretudo térreas, implantadas no alinhamento da rua, tendo em média 6 metros de frente e 20, 50 ou até 70 metros de fundos. Apresentam com frequência dois cômodos na frente, e apesar de ser possível o uso comercial em um desses cômodos, o comércio da Vila pode ter se organizado predominantemente em tendas.

Segundo Lélia Frota (1993, p.35), a ocupação das áreas de exploração aurífera ocorre rapidamente e em cerca de 25 anos o território das Minas já era conhecido na sua quase totalidade. Acompanhando o desenvolvimento da região, a Vila de São José atinge o máximo de seu crescimento em 1795, quando a população chega a 10.926 habitantes.

## 1.2. Os anos de estagnação: do fim da mineração à proteção pelo Tombamento

A primeira metade do século XIX é marcada pelo rápido declínio econômico das regiões auríferas devido à diminuição da exploração do ouro. Isso é muito visível na Vila de São José, que apresenta no período de 1816 a 1827 uma desvalorização de cerca de 40% dos imóveis urbanos, chegando a perder a categoria de Vila, em 1848, logo recuperada em 1849.

Este declínio pode ser constatado, visto que, o controle e o sigilo sob os quais as áreas de mineração eram mantidas foram reduzidos, possibilitando o início da visitação da região pelos famosos viajantes, naturalistas, desenhistas, pintores, diplomatas e comerciantes, que interessados em conhecer e documentar a natureza e o homem do Brasil nos deixaram preciosos registros dos hábitos e das características marcantes da arquitetura e da paisagem das cidades mineiras, bem como das atividades econômicas desenvolvidas na região (FROTA, 1993, p.43-45).

John Mawe foi o primeiro dos viajantes a chegar a Vila de São José, em 1804, e observa a precariedade na exploração das minas devido à falta de equipamentos adequados.

Em 1817, Ayres do Casal observa os primeiros indícios da mudança das atividades econômicas da Vila, relatando que os habitantes colhem milho, centeio e frutas e criam gado e porcos que, segundo ele, são a maior riqueza da cidade, sendo poucos aqueles que ainda mineram. Também em 1817, John



Luccock, ao avistar a Vila ao longe, descreve como imponente o conjunto formado pela Serra de São José e o povoado. Ainda em 1817, Johann Emanuel Pohl visita a Vila e conta 500 casas, que segundo ele são mal construídas. Por outro lado, elogia a arquitetura da Igreja Matriz de Santo Antônio, destacando seu caráter de imponência devido a sua implantação elevada. Identifica a Serra de São José como um muro que cerca a cidade e lhe confere limites.

Auguste de Saint-Hilaire, descreve a Vila de São José em 1818, vista do alto da Serra, com destaque para a paisagem da região. Considera a cidade pequena, mas com casas muito bonitas e ressalta o porte monumental da Igreja de Santo Antônio. Também é testemunha da decadência da mineração, visto que não considera a atividade significativa na região.

Os cientistas Spix e Martius, em sua viagem pelo Brasil entre 1817 e 1820, visitam a Vila de São José onde destacam a Igreja Matriz de Santo Antônio como a mais bela de toda Minas Gerais. Constatam ainda, o ressecamento da terra devido à extração do ouro, mas destacam a grande produção de cereais, como trigo e cevada.

A equipe formada por Rugendas, Riedel, Menetriés e Rubsov, organizada pelo barão alemão Grigori Langsdorff, chega a Minas em 1824. Os viajantes dão destaque para a Serra de São José, considerando-a uma moldura natural que envolve a Vila. Rugendas demonstra especial interesse pelos habitantes da região, os denominados mineiros, descrevendo minuciosamente as suas vestimentas e seu comportamento.



Figura 07: Os habitantes das Minas Gerais.



Figura 08: A Vila de São José.

Reverendo Walsh, passa pela vila em 1828 e refere-se aos elementos da natureza regional, também dando destaque para a Serra de São José e para a paisagem romântica e singular ao redor do povoado. Registra que muitas casas encontram-se fechadas, e que muitos habitantes estariam se mudando para São João del Rei. Esse fato é justificado através do relato de Eschwege que, em 1833, destaca o empobrecimento de São José em virtude da paralisação da mineração e o desenvolvimento de São João del Rei devido ao crescimento do comércio.



Figura 09: A Serra e a cidade de São José.

A segunda metade do século XIX é marcada por um período de lentas mudanças. Em 1860, a Vila de São José é elevada a cidade, mas o empobrecimento e o esvaziamento, bem como o deslocamento da produção econômica das minas para a agricultura vão gerar uma sucessão de



desdobramentos do território, dando origem, entre outras, às atuais cidades de Itapecerica, Lafaiete, Prados, Barbacena e Bambuí, entre outras.

Em 1867, Richard Burton visita a já então Cidade de São José e se espanta com a arquitetura da Igreja Matriz de Santo Antônio. Registra ainda que as atividades econômicas encontram-se paradas, e a população é de 2500 habitantes.

Após o declínio da exploração aurífera, seria outro minério, o ferro, que iria reativar a economia de algumas cidades mineiras. As ferrovias vieram estremecer o sono das cidades do ouro (FROTA, 1993, p.49). Desta forma, em 1881 é inaugurada em Tiradentes a Estrada de Ferro Oeste de Minas, pelo imperador D. Pedro II.

Depois da Proclamação da República, em 1889, a cidade passa a se chamar Tiradentes, por um decreto sugerido por Silva Jardim, em homenagem ao ilustre filho da cidade, que seria um representante precursor do sentimento nacional deste período.

O início do século XX é marcado pela situação de pobreza e abandono da cidade. Tais fatores, de certa forma, contribuem para a preservação das características originais de seu conjunto urbanístico-arquitetônico. Os moradores não tinham condições financeiras para demolir ou construir e os empresários não tinham interesse de investir na cidade.

Nesta mesma época, uma importante mudança cultural estava acontecendo no País através da atuação de alguns intelectuais que viam o Brasil como um amplo campo de inspiração da própria arte nacional, onde...

... os diversos elementos que fazem parte da nossa cultura vão ser “redescobertos” e demarcados por inúmeras pesquisas *in loco*, exigindo constantes deslocamentos dos seus idealizadores (GUEDES, 1991, p.15).

Desta forma, Mário de Andrade chega a Minas Gerais, em 1919, para conhecer e estudar a arquitetura colonial. A vinda do poeta suíço-francês Blaise Cendrars ao Brasil, em 1924, motivou uma nova visita de Mário de Andrade às cidades históricas mineiras. Esta viagem é considerada um dos episódios de maior repercussão do Movimento Modernista (GUEDES, 1991, p. 17). Entre as cidades visitadas está Tiradentes, retratada em vários desenhos de Tarsila do Amaral.



Figura 10: Vista de Tiradentes e crianças da cidade. Desenho de Tarsila.



Figura 11: A visita dos modernistas a Tiradentes.



Esse marco na revalorização do passado brasileiro trouxe influência à maior parte dos modernistas pela inspiração na temática cotidiana brasileira e pela influência a partir da descoberta e do contato com a arte do século XVIII, uma arte “genuinamente nacional”, que contribuiria para a afirmação de nossa nacionalidade. Segundo José Reginaldo Gonçalves (1996, p.70), “cidades, casas e igrejas coloniais barrocas eram consideradas como signos de um Brasil original e esquecido, um exemplo de vitalidade e originalidade cultural”.

Dentro deste contexto, o Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, solicita a Mário de Andrade, em 1936, um anteprojeto para a criação de um serviço de proteção ao patrimônio histórico e artístico do Brasil, origem do Decreto Lei n.º 25 de 30 de novembro de 1937, que institui o tombamento como instrumento de preservação dos bens culturais brasileiros.

Em 1938, as cidades mineiras de Ouro Preto, Mariana, São João del Rei, Tiradentes, Serro e Diamantina são tombadas em conjunto, por possuírem características históricas, estéticas e estilísticas semelhantes que, segundo o pensamento vigente na época do tombamento, seriam representantes de uma arquitetura nacional, a simples arquitetura brasileira, originária da terra e da mistura das habilidades peculiares de índios, negros e portugueses.

Segundo Maria Beatriz Setúbal Silva (1996, p.166), nesta época o órgão nacional responsável pela preservação do patrimônio cultural, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, estava sendo criado e buscava consolidar-se, em um contexto mais amplo de construção do Estado



Nacional onde as cidades tombadas representariam a produção arquitetônica brasileira mais autêntica, fonte de inspiração para o projeto de um Brasil moderno. Os tombamentos em conjunto foram reforçados pelo tombamento individual dos imóveis considerados excepcionais do ponto de vista histórico e artístico.

Apesar do tombamento da cidade, Tiradentes, nas décadas de 1940 e 1950, era vista como um local decadente, destruído e morto, como pode-se observar nos trechos transcritos abaixo:

Velha, abandonada, decadente, quase em ruínas, ergue-se entre o Rio das Mortes e a Serra de São José, à margem da Estrada de Ferro Oeste de Minas, a histórica cidade de Tiradentes (A TRADICIONAL, 1941, s/p).

Esta é uma reportagem sobre uma cidade morta. [...] O silêncio, apenas o silêncio envolve tudo (NUNES, 1950, s/p).

Uma cidade que conheço está sendo destruída [...] é a cidade de Tiradentes e vem sendo liquidada pela ação do tempo e pela mão do homem (PEDROSA, 1950, s/p).

Figura 12:  
Largo do Ó na  
década de  
1940.



Figura 13: Rua  
Direita na  
década de  
1940.



Figura 14:  
Prefeitura na  
década de  
1940.



Figura 15: Rua  
Direita em  
1948.



Nos anos seguintes, o SPHAN, transformado em DPHAN – Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1946, realizou diversas obras na cidade de Tiradentes, assim como nas demais cidades históricas, visando a



restauração de seu patrimônio arquitetônico e urbanístico. Pode-se destacar a restauração da Matriz de Santo Antônio e a restauração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e da Igreja de Nossa Senhora das Mercês.



Figura 16:  
Restauração  
da Matriz de  
Santo Antônio  
em 1946.

Entretanto, as ações pontuais não foram suficientes para impedir a descaracterização das cidades tombadas. Em 1968, o próprio diretor da DPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade, reconhece que “apesar do tombamento, parte considerável das cidades aludidas tem sido desfigurada mais ou menos gravemente” (ANDRADE, 1987, p.77).

Essa desfiguração foi uma consequência direta do abandono gerado pelo processo de estagnação econômica, pelo qual passaram as cidades históricas mineiras.

### 1.3. O início de uma nova atividade econômica: o turismo

Na década de 1960, a construção do trecho asfaltado de 5 Km da BR 265, ligando Tiradentes a São João del Rei, facilitou o acesso à cidade e após um longo período de estagnação a cidade passou por novas transformações geradas pela implantação de uma nova atividade econômica: o turismo.



Figura 17:  
Inauguração da  
BR 265.

O despertar para a atividade turística em Tiradentes, e a esperança da população de uma melhor condição de vida, podem ser verificados através dos trechos abaixo, transcritos da Revista Horizontes, de 1969:

Tiradentes foi ficando esquecida, à margem de estradas, vivendo de mesmice e de teimosia até ser despertada recentemente para o turismo. E ela tem o que mostrar, principalmente se o visitante tem paciência e amor, bem como aqueles ouvidos de ouvir e olhos de ver, recomendados pela Bíblia [...]

Atualmente a cidade vive de um gadinho, de uma lavourinha e de muito artesanato de prata. E do turismo, que começa a chegar pela simpática estradinha de asfalto[...]

Tiradentes ainda não tem hotel (espera-se a construção de um para breve) [...]

Assim que atingem a adolescência os meninos “se mandam” para mais alegres e proveitosas paragens e a cidade fica entregue, como na guerra, aos velhos e às moças. Há uma certa nostalgia, um ar parado. Um desânimo de melhores dias. Começam, porém, a despertar às possibilidades do turismo e nele se concentram todas as esperanças (É TEMPO DE ACORDAR TIRADENTES, 1969, s/p.).

No mesmo ano, uma reportagem publicada no jornal Estado de Minas destaca os atrativos e vantagens para se visitar a cidade:

As casas estão conservadas dentro do estilo antigo, as ruas são tortas, calçadas com imensas pedras [...]

O artesanato de prata que se desenvolve na cidade é, por outro lado, uma de suas maiores atrações [...]

Para o turista que não queira ir muito longe ou não tenha tempo de fazer uma viagem longa, o interior de Minas Gerais tem atrativos vários [...]. Isso pode ser feito sem que se gaste muito dinheiro e se perca tempo, pois estas cidades estão logo ali [...] Para lá transportamos hoje os nossos turistas (TERRA ONDE NASCEU, 1969, p.06).



O aumento da divulgação da cidade atraiu, na década de 1970, várias pessoas de outros estados, que compraram ou alugaram os casarões abandonados, assumiram sua preservação e se estabeleceram na cidade. São os, atualmente, chamados “Ets”, ou “Extratiradentinos”, ou ainda, “Estranhos de Tiradentes”, que vieram para a cidade com o claro objetivo de inseri-la nos principais roteiros turísticos regionais e nacionais.

Esse processo teve como grande incentivador, o crescente interesse pelo desenvolvimento integrado da Microrregião do Campo das Vertentes, composta pelos municípios de Andrelândia, Barroso, Carrancas, Cassiterita, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Itutinga, Lagoa Dourada, Madre de Deus de Minas, Nazareno, Prados, Piedade do Rio Grande, Resende Costa, Ritópolis, São João del Rei, São Vicente de Minas, São Tiago e Tiradentes.

Visando propor projetos e ações neste sentido, foi elaborado, entre 1971 e 1977, um estudo preliminar e diretrizes de desenvolvimento da Microrregião pela Fundação João Pinheiro. Dentro destas diretrizes, Maria Jusselina Barroso (1977, p.21) destaca que o melhor aproveitamento do turismo constituiria uma alternativa para o desenvolvimento econômico microrregional. Desta forma, são identificadas como potencialidades turísticas da microrregião não somente o conjunto de bens históricos, artísticos e arquitetônicos dos municípios, mas também os bens naturais e as manifestações folclóricas e de artesanato. Destacava-se ainda a necessidade de estabelecer uma infra-estrutura de apoio à atividade turística, através de um intenso programa de divulgação dos municípios.

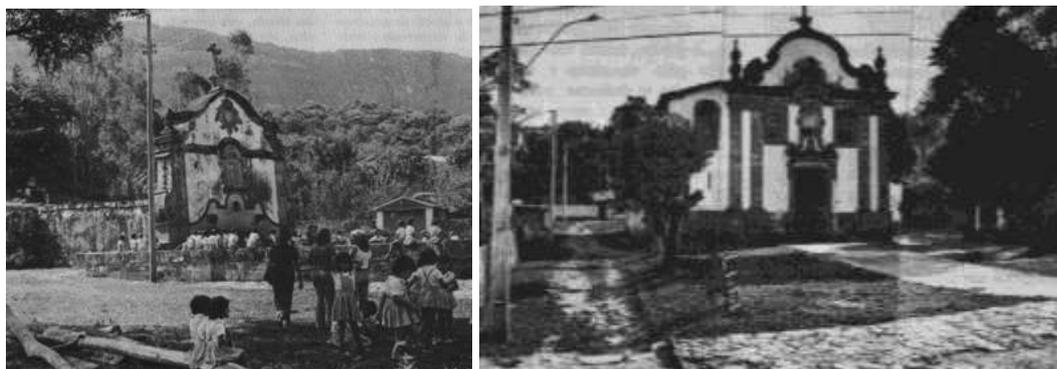
Na década de 1980, podemos perceber os investimentos que foram feitos em Tiradentes, através de referências a ações e projetos que visavam a preservação e o embelezamento da cidade desenvolvidos pela SPHAN/Pró-Memória em parceria com a Prefeitura, com o Governo do Estado e através da Empresa Brasileira de Turismo - EMBRATUR, com o Governo Federal. Estas ações e projetos explicitam o fato da preservação ter sido utilizada como parceira para o desenvolvimento turístico da cidade e região, como podemos verificar nos trechos abaixo retirados de Boletins da SPHAN:

Cinco praças e largos localizados no núcleo histórico de Tiradentes [...] terão seu agenciamento paisagístico executado pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) com recursos do convênio firmado com a Empresa



Brasileira de Turismo (Embratur). O projeto final será do paisagista Burle Marx, que o executará gratuitamente, a partir de levantamentos feitos pela SPHAN (PRAÇAS, 1980, p.13). A 7ª DR, através do Escritório Técnico que atende às cidades de Tiradentes e São João del Rei, vem mantendo uma equipe permanente formada por cinco operários, que devidamente orientada, executa obras de primeiros socorros em diversas edificações particulares [...] (RESTAURAÇÃO, 1984, p.13). Cidades como Ouro Preto e Tiradentes [...] estão tendo todos os imóveis que integram seus sítios históricos visitados, medidos e fotografados um a um por técnicos e estagiários [...] As equipes que atuam no inventário são constituídas basicamente por pessoas que, de preferência, residam nas próprias cidades cadastradas. Para isso são contratadas empresas prestadoras de serviço ou, em alguns casos, efetuados convênios com as prefeituras locais, universidades, ou com o governo do Estado (PRINCIPAIS, 1988, p.08).

Figura 18:  
Praça do  
Chafariz  
em  
1980.  
Figura 19:  
Largo do  
Rosário  
em  
1980.



Destaca-se, ainda, neste mesmo período, a atuação da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, criada e presidida por Maria do Carmo Nabuco que buscava, desde a década de 1970, articular a iniciativa privada com os poderes públicos e a participação da comunidade de Tiradentes. Os grandes aliados de Dona Maria do Carmo foram o então governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro e o casal de antigos moradores Dalma e Yves Alves. A Fundação conseguiu verbas da iniciativa privada para a recuperação de importantes imóveis civis da cidade, como a antiga Câmara Municipal, hoje Fórum, a Casa do Padre Toledo e a Antiga Cadeia, hoje museus. Realizou, ainda a restauração do órgão setecentista da Matriz de Santo Antônio, desativado há décadas. Mas a obra de maior destaque foi a instalação de uma rede subterrânea de energia elétrica para adaptação da iluminação pública, eliminando a poluição visual causada por postes e fiação elétrica. Essa obra foi realizada em parceria com o Governo do Estado, através da Companhia Energética de Minas Gerais - CEMIG.



Figura 20:  
Poluição visual  
causada por  
postes e fiação  
elétrica na Rua  
da Câmara na  
década de  
1970.



Outro grande parceiro na revitalização da cidade foi a Sociedade de Amigos de Tiradentes - SAT, que teve como grandes incentivadores John e Anna Parsons.

A ação conjunta dos setores privado e público na cidade, através de investimentos que promoveram a sua preservação e a implantação de equipamentos turísticos, ressaltaram os atrativos de Tiradentes. Desta forma, a tranquilidade, o casario colonial, os atrativos naturais, o artesanato e a culinária tradicional vão proporcionar a inserção da cidade em diversos roteiros turísticos nacionais e regionais.

O crescimento da atividade turística na década de 1980 pode ser observado através da grande divulgação da cidade nas revistas especializadas, que destacavam seus atrativos e o tipo de turista para o qual a cidade era recomendada, ou seja: “para quem precisa de um lapso de requinte e sossego para enobrecer o cotidiano aviltado pela pressa” (DINES, 1985, p.141).

Já nesta época, a principal preocupação decorrente da implantação da nova atividade econômica era a descaracterização do casario setecentista...

[...] isto porque a maioria dos moradores da cidade não (dispunha) de recursos para conservar e muito menos para restaurar suas casas nem (recebiam) qualquer apoio oficial, e também porque o turismo e o comércio [...] tendem a desfigurar o conjunto herdado do século XVIII (BRANT, 1981, p.113).





e a valorização dos imóveis aumentou 400% em dez anos, sendo que, a maioria não é mais residencial (EDWARD, 2002, p.74).

Tiradentes recebe, atualmente, durante os finais de semana, cerca de 1000 visitantes e cerca de 2000 visitantes durante finais de semana com feriados, segundo as informações fornecidas pelo Secretário Municipal de Turismo, Cultura, Esporte, Lazer e Meio Ambiente de Tiradentes, o Sr. Ralph Araújo Justino. Tal visitação gera um aumento de 18% a 35% do número de pessoas em Tiradentes durante os finais de semana (ARAÚJO, 2003, p. 24).

Este processo de ocupação do Núcleo Histórico pela atividade turística fez com que os moradores vendessem ou alugassem suas casas para os comerciantes de outras cidades e estados e se deslocassem para novas faixas de ocupação<sup>2</sup> que se estabeleceram ao redor da área já ocupada. Além dos comerciantes que mudaram para Tiradentes, muitos outros trabalhadores vieram em busca de emprego, aumentando cada vez mais a população da cidade.

Segundo os dados do IBGE, a população de Tiradentes em 1991 era de 4580 habitantes, passando para 5233 em 1996 e chegando a 5759 em 2000. Observa-se, desta forma, um crescimento populacional de 25,7% em dez anos. Dos 5759 habitantes, 4167 são residentes da zona urbana e 1592 da zona rural, correspondendo respectivamente a 72,5% e 27,5% do total de habitantes da cidade em 2000.

O crescimento do turismo na cidade pode ser observado, também, pelo número de empresas com CNPJ. Elas eram apenas 03 em 1969, passando para 06 em 1979, para 36 em 1989, chegando em 1999 a 257 unidades locais, segundo os últimos dados cadastrados (IBGE, 1999). Observa-se, desta forma, que o aumento de empresas alcançou 714% nos últimos 12 anos. Como dito anteriormente, em 2002 foram cadastrados 86 pousadas e hotéis, além de 46 restaurantes e 87 lojas predominantemente voltadas para a venda de artesanato e antiguidades. Desta forma, o total de imóveis utilizados com fins comerciais voltados para a atividade turística é de aproximadamente 219.

A população urbana de Tiradentes é distribuída em dez faixas de ocupação, denominadas pela tradição local como: Alto da Torre, Canjica,

---

<sup>2</sup> O termo faixa de ocupação refere-se aos locais, dentro da área urbana da cidade, que foram ocupados de forma espontânea ou planejada, mas que não possuem delimitação precisa.



Cascalho, Centro, Cuiabá, Mococa, Pacú, Parque das Abelhas, Santíssima Trindade e Várzea de Baixo, de acordo com o esquema a seguir<sup>3</sup>

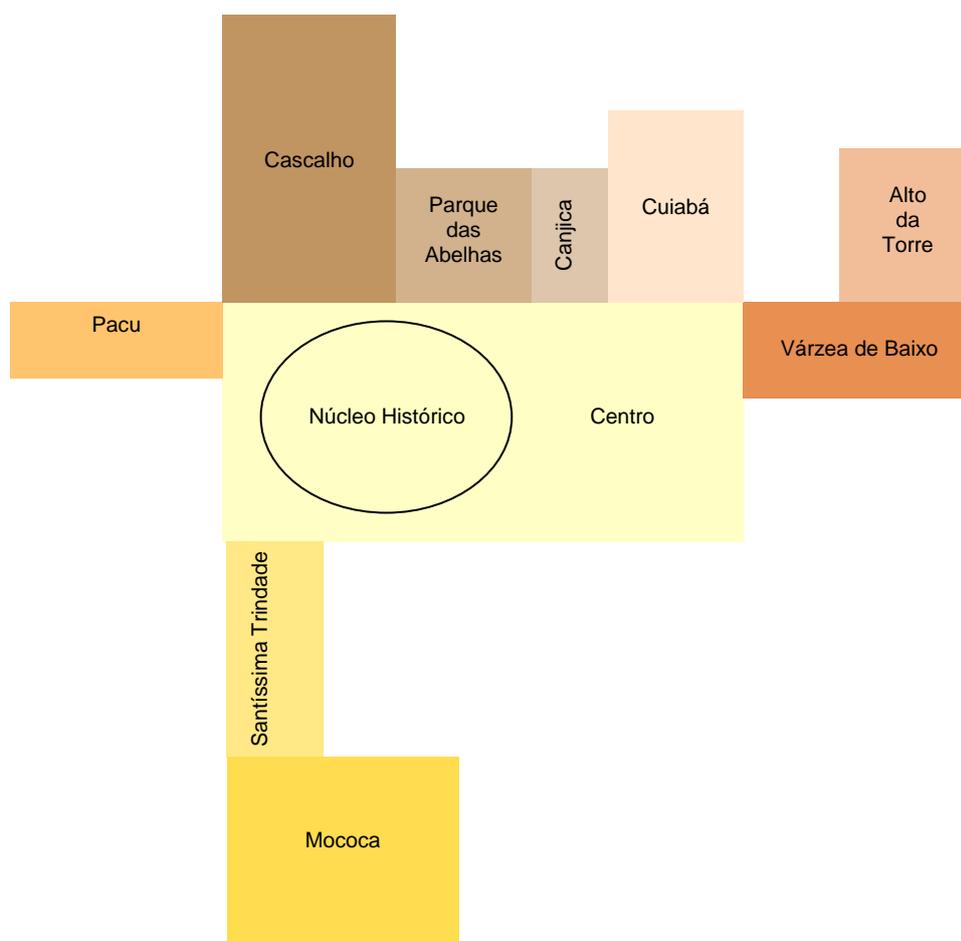


Figura 22:  
Esquema de localização das faixas de ocupação.

O Centro é caracterizado pelo conjunto tombado do casario setecentista e também pelo eixo adensado posteriormente que liga o Núcleo Histórico até a Estação Ferroviária.

O uso das edificações é predominantemente voltado para a atividade turística. Dos 219 imóveis utilizados para fins comerciais, 117 encontram-se localizados no Centro: 42 pousadas e hotéis, além de 38 restaurantes e 37 lojas.

<sup>3</sup> Destaca-se que não existe planta cadastral ou levantamento aerofotogramétrico da cidade de Tiradentes que englobe todas as faixas de ocupação. Por isso, a localização de tais faixas foi elaborada de maneira esquemática.



Figura 23:  
Centro. Rua  
Direita.  
Figura 24:  
Centro. Rua  
dos  
Inconfidentes.



Além da atividade comercial, o Centro é o cenário dos vários eventos turísticos realizados na cidade. Além dos eventos tradicionais, como a Semana Santa e o Carnaval, foram criados na década de 1990 vários atrativos com o objetivo de uniformizar o índice de freqüência da visitação na cidade, como a Mostra de Cinema, o Festival de Cultura e Gastronomia e o Encontro de Motos Harley Davidson. Entre estes, os de maior porte são o Carnaval e a Mostra de Cinema que atraem respectivamente cerca de 40 mil e 30 mil visitantes, o que corresponde a aproximadamente de 6 a 8 vezes a população da cidade.

Figura 25:  
Carnaval.  
Figura 26:  
Mostra  
de  
Cinema.



Segundo Olinto dos Santos Filho, pesquisador da 15<sup>a</sup>. Sub-regional II do IPHAN, a maioria das faixas de ocupação de Tiradentes tem origem no final do século XVIII a partir da implantação de importantes monumentos como a Igreja de São Francisco de Paula, a Igreja da Santíssima Trindade e a Igreja de Santo Antônio da Canjica, que deram origem a ocupação das áreas conhecidas como Alto São Francisco (cuja expansão deu origem ao Cascalho), Santíssima Trindade e Canjica.

Apesar da origem setecentista, estas faixas são foram adensadas nas décadas de 1970, de forma espontânea na Santíssima e na Canjica, e no Cascalho através de loteamento regularizado pela Prefeitura Municipal de



Tiradentes. Estes locais têm, até hoje, como principais marcos visuais as igrejas que deram origem à sua ocupação.

Figura 27:  
Igreja de Santo Antônio da Canjica.



Figura 28:  
Igreja da Santíssima Trindade.

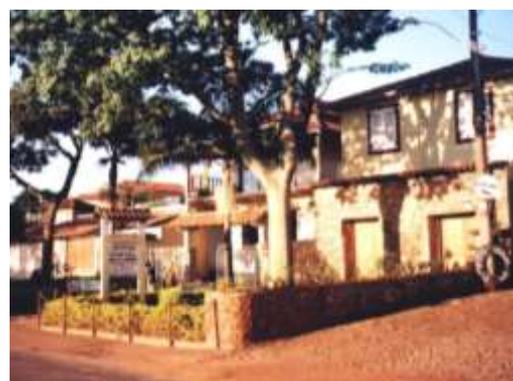


Sobre a Várzea de Baixo, existem documentos que comprovam a existência da ocupação desde o final do século XIX, provavelmente devido a implantação da linha férrea naquela região. Porém, esta ocupação ficou estagnada até a década de 1970, quando começa o seu adensamento. A partir desta década, a região é ocupada predominantemente por edificações residenciais para população de baixa renda. Ocupação semelhante ocorreu no local denominado Cuiabá. Na década de 1990 inicia-se a ocupação da Avenida Governador Israel Pinheiro, na região da Várzea de Baixo, por pousadas e hotéis de grande porte.

Figura 29:  
Várzea de Baixo.



Figura 30:  
Pousada na Várzea de Baixo.



A região do Pacu, que era apenas um caminho para a Serra de São José, começa a ser adensada a partir de 1950/1960 depois da abertura da estrada para São João Del Rei, que substituiu a Estrada Velha que passava pela Santíssima.

Nas décadas de 1980/1990, são realizados os últimos três loteamentos da cidade. O primeiro, o Parque das Abelhas, foi efetivado pela iniciativa privada. Um único terreno foi desmembrado em grandes lotes ocupados



predominantemente por residências permanentes e temporárias para população de classe média e média alta. Os lotes maiores permitem a presença de grandes áreas verdes, o que é uma característica da implantação tradicional de Tiradentes. Por outro lado, observa-se a preferência pela construção de edificações de grande porte, e de dois pavimentos, o que prejudica sensivelmente a visibilidade da Serra de São José em alguns locais como na Canjica e no Cuiabá.

Figura 31:  
Parque das  
Abelhas.



Figura 32:  
Residência no  
Parque das  
Abelhas.



Os outros dois loteamentos desta mesma época são a Mococa e o Alto da Torre que realizados pela iniciativa da Prefeitura Municipal de Tiradentes são ocupados predominantemente por edificações residenciais para a população de baixa renda.

Figura 33:  
Mococa.

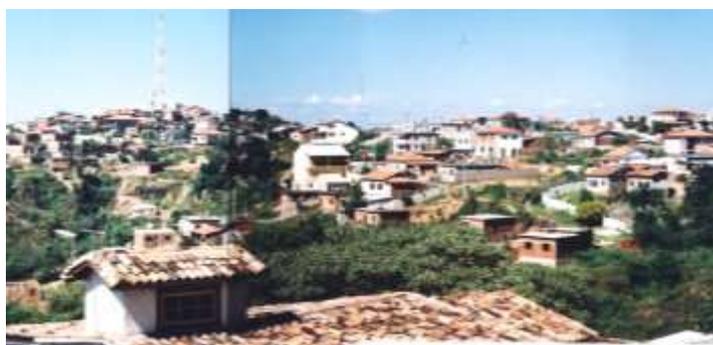


Figura 34: Alto  
das Torre.



Desta forma, podemos resumir a ocupação de Tiradentes de acordo com os esquemas a seguir:

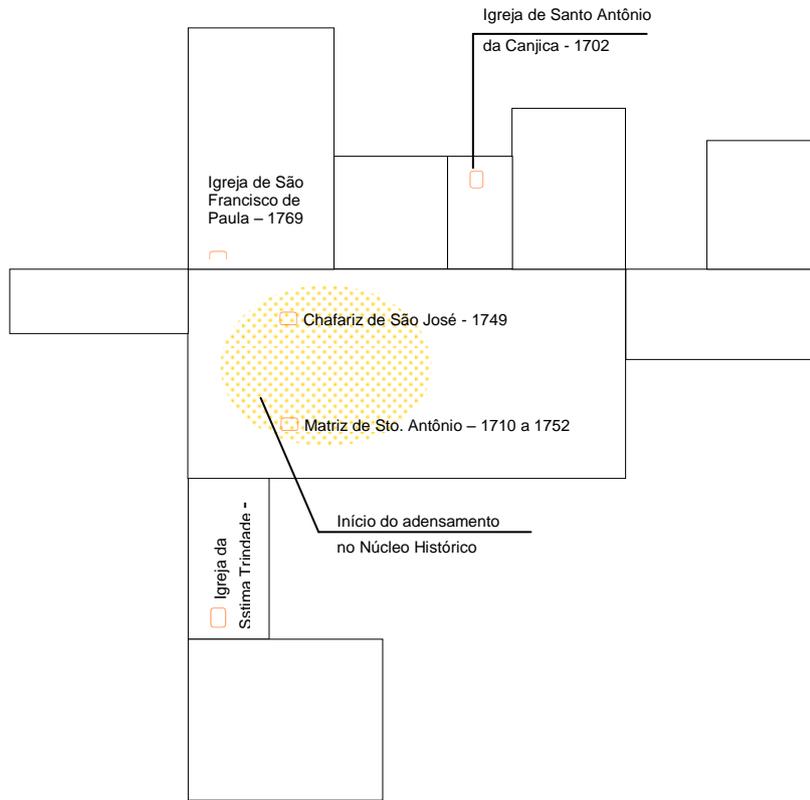


Figura 35: Esquema de ocupação no século XVIII.

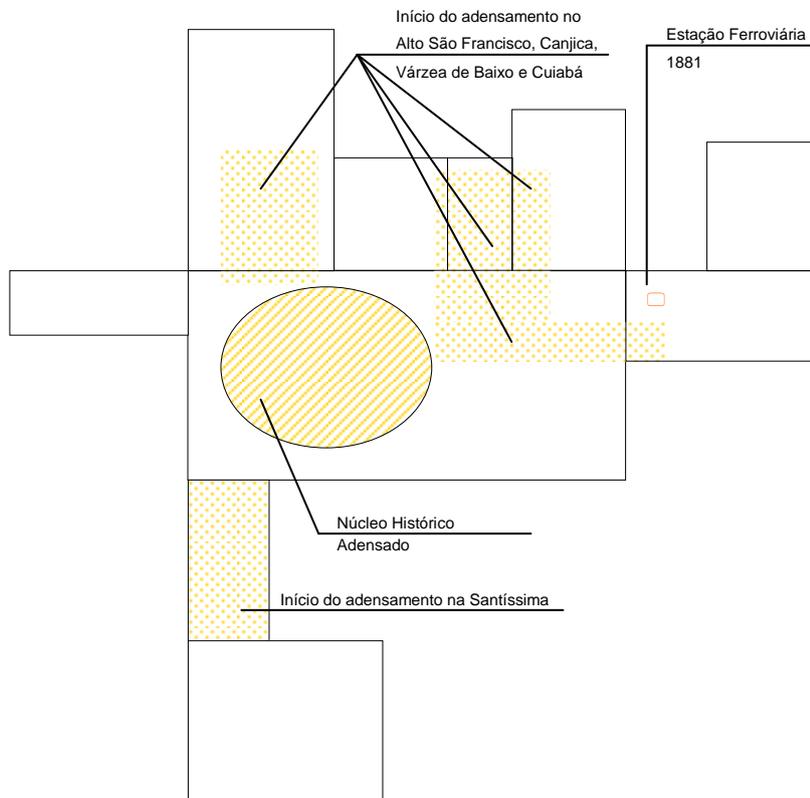


Figura 36: Esquema de ocupação no século XIX.

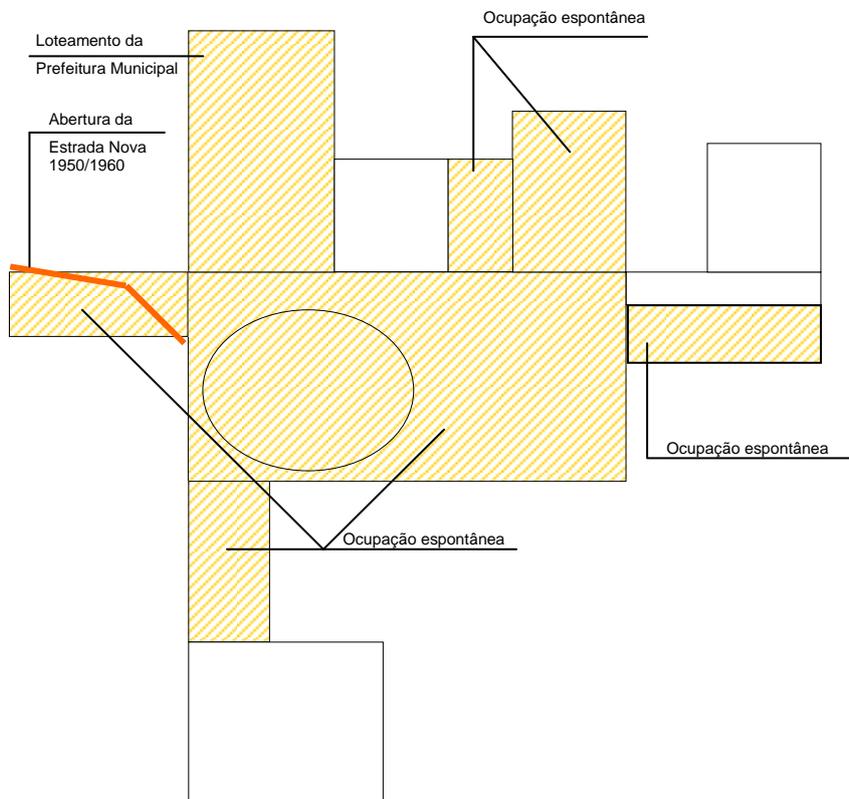


Figura 37:  
Esquema de ocupação no século XX. Década de 1970.

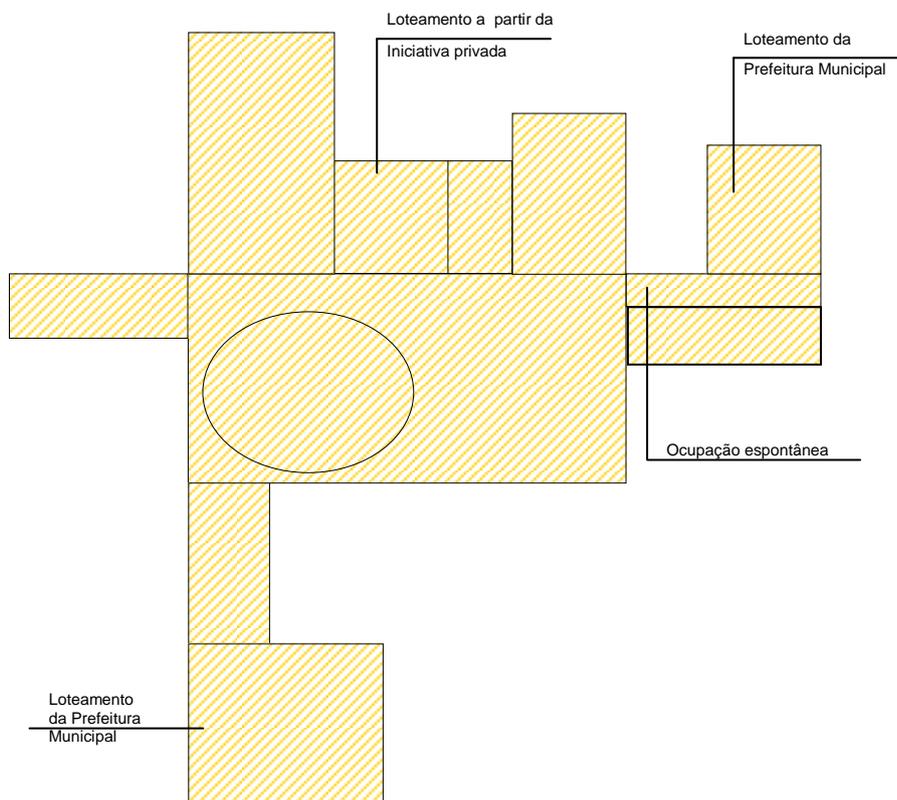


Figura 38:  
Esquema de ocupação no século XX. Década de 1990.



## 2. A preservação da Área Histórica de Tiradentes

### 2.1. Os critérios para a definição das áreas históricas

Assim como a historiografia em geral passou do protagonismo dos grandes indivíduos para o protagonismo das grandes massas sociais, transformando a história dos heróis na história das comunidades, ocorreu transformação semelhante no conceito de patrimônio, que passou da valorização dos monumentos considerados excepcionais para a valorização do ambiente construído no qual se desenvolveu e se desenvolve a vida social (WAISMAN,1991,p.25). Desta forma, passa-se do conceito de patrimônio histórico para o de patrimônio cultural, estabelecendo que os bens a serem preservados são aqueles portadores de valores testemunhais para toda uma comunidade, inseridos no contexto urbano (GUTIERREZ, 1991, p.33).

Pode-se observar o reflexo desta transformação do pensamento a partir da análise dos conceitos de sítios e centros históricos contidos nas Cartas Patrimoniais.

A Assembléia do CIAM – Congresso internacional de arquitetura moderna, em 1933, estabelece no seu documento final, a Carta de Atenas, que:

Os valores arquitetônicos devem ser salvaguardados (edifícios isolados ou conjuntos históricos).

A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que lhe conferem sua personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco sua alma. São testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, a princípio por seu valor histórico ou sentimental, depois porque alguns trazem uma virtude plástica na qual se incorporou o mais alto grau de intensidade do gênio humano (CURY, 2000, p.52).

Observa-se no trecho transcrito, que a preservação da cidade ainda está relacionada à manutenção de seus excepcionais monumentos arquitetônicos, possuidores de valores artísticos e históricos. A Recomendação relativa à salvaguarda da beleza e do caráter das paisagens e sítios, de 1962, ainda ressalta a preservação voltada para os aspectos de excepcionalidade da cidade, e estabelece que:



A salvaguarda não deveria se limitar às paisagens e aos sítios cuja formação se deve, no todo ou em parte, à obra do homem (CURY, 2000, p.81).

Os sítios isolados e de pequenas dimensões, naturais ou urbanos, assim como as porções de paisagens que apresentam um interesse excepcional, deveriam ser protegidos por lei (CURY, 2000, p.86).

O II Congresso internacional de arquitetos e técnicos dos monumentos históricos, em 1964, em seu documento oficial, a Carta internacional sobre a conservação e restauração de monumentos e sítios, conhecida como Carta de Veneza, indica as primeiras transformações nestes conceitos. Desta forma, destaca que:

A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se, não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural (CURY, 2000, p.92).

Apesar de estar ainda presa às noções de particularidade e evolução, a Carta de Veneza já ressalta a importância de se preservar as obras modestas. Somente em 1972, a Carta do Restauro do Governo da Itália vai compreender a cidade como um documento da história da cultura, independente de seus valores estéticos, valorizando a própria forma urbana:

Para efeito de identificar os centros históricos, levam-se em consideração não apenas os antigos centros urbanos, assim tradicionalmente entendidos, como também, de um modo geral, todos os assentamentos humanos cujas estruturas, unitárias ou fragmentárias, ainda que se tenham transformado ao longo do tempo, se hajam constituído no passado, ou entre muitos, os que eventualmente tenham adquirido um valor especial como testemunho histórico ou por características urbanísticas e arquitetônicas particulares.

Sua natureza histórica se refere ao interesse que tais assentamentos apresentarem como testemunhos de civilizações do passado e como documentos de cultura urbana, inclusive independentemente de seu intrínseco valor artístico ou formal, ou de seu aspecto peculiar enquanto ambiente, que pode enriquecer e ressaltar posteriormente seu valor, já que não só a arquitetura, mas também a estrutura urbanística tem por si mesma um significado e um valor (CURY, 2000, p.52).

A Recomendação relativa à salvaguarda dos conjuntos históricos e sua função na vida contemporânea, a Recomendação de Nairóbi, produzida na 19ª sessão da Conferência Geral da UNESCO, em 1976 ressalta que:



Considera-se “conjunto histórico ou tradicional” todo agrupamento de construções e de espaços, inclusive os sítios arqueológicos e paleontológicos, que constituam um assentamento humano, tanto no meio urbano, quanto no rural e cuja coesão e valor são reconhecidos do ponto de vista arqueológico, arquitetônico, pré-histórico, histórico, estético ou sócio-cultural (CURY, 2000, p.219).

Apesar de aparentemente a importância dos valores sócio-culturais, estarem consolidados nas questões relativas à preservação de conjuntos arquitetônicos, vê-se ainda que o pensamento sobre o assunto encontra-se arraigado no historicismo, como o estabelecido pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS, na Carta de Florença, em 1981, que define:

Um sítio histórico é uma paisagem definida, evocadora de um fato memorável: lugar de um acontecimento histórico maior, origem de um combate épico, assunto de um quadro célebre, etc. (CURY, 2000, p.254).

Um novo documento do ICOMOS, a Carta de Washington - Carta internacional para a salvaguarda das cidades históricas, em 1986, define seus objetos de discussão, como:

Resultantes de um desenvolvimento mais ou menos espontâneo ou de um projeto deliberado, todas as cidades do mundo são expressões materiais da diversidade das sociedades através da história e são todas, por essa razão históricas.

A presente carta diz respeito mais precisamente às cidades grandes ou pequenas e aos centros ou bairros históricos com seu entorno natural ou construído, que, além da sua condição de documento histórico, exprimem valores próprios das civilizações tradicionais (CURY, 2000, p.281).

A partir da Carta de Washington, chega-se à concepção de cidade e área histórica que será adotada neste trabalho. Esta definição pode ser complementada pela Carta de Petrópolis produzida pelo 1º Seminário brasileiro para a preservação e revitalização de centros históricos, em 1987, onde:

Entende-se como sítio histórico urbano o espaço que concentra testemunhos do fazer cultural da cidade em suas diversas manifestações. [...] O sítio histórico urbano – SHU – é parte integrante de um contexto amplo que comporta as paisagens natural e construída, assim como a vivência de seus habitantes num espaço de valores produzidos no passado e no presente [...] (CURY, 2000, p.285).

Ressalta-se que, apesar da terminologia diferenciada, a definição do termo Áreas Históricas é a mesma apresentada acima, para cidades, sítios e centros históricos, visto que, o termo adotado para identificar o objeto de estudo deste trabalho, foi considerado mais adequado, por ser, segundo Margarita



Gutman e Jorge Hardoy (1992, p.37) o termo geral que engloba tanto pequenos povoados e cidades históricas, como também, centros e bairros históricos de uma área metropolitana.

## 2.2. A preservação das áreas históricas

De acordo com a Carta de Burra, elaborada durante o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS – em 1980, o termo preservação pode ser definido como: “a manutenção no estado da substância de um bem e a desaceleração do processo pelo qual ele se degrada” (CURY, 2000, p.248).

Entendendo-se como bem:

[...] um local, uma zona, um edifício ou outra obra construída, ou um conjunto de edificações, ou outras obras que possuam uma significação cultural, compreendidos, em cada caso, o conteúdo e o entorno a que pertence (CURY, 2000, p.247).

Desta forma, o termo preservação se refere de maneira genérica a todas as ações que visem a perpetuidade do patrimônio cultural. O primeiro instrumento legal e também o mais utilizado no Brasil para garantir a preservação de bens culturais é o ato do tombamento. Instituído pelo Decreto-lei 25, de 15 de novembro de 1937, o tombamento considera como bens pertencentes ao patrimônio histórico e artístico aqueles inscritos em um dos quatro Livros do Tombo:

- Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, que engloba os bens pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular;
- Livro do Tombo Histórico, que engloba os bens de interesse histórico e obras de arte históricas;
- Livro do Tombo das Belas Artes, que engloba os bens artísticos eruditos de origem nacional ou estrangeira;
- Livro do Tombo das Artes Aplicadas, que engloba os bens das artes aplicadas de origem nacional ou estrangeira;

O ato do tombamento garante que os bens tombados não poderão, em nenhuma hipótese, sofrer destruição, demolição ou mutilação. Os bens



tombados também não podem ser restaurados, reformados ou pintados sem autorização do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Esta autorização também é necessária para a construção de qualquer construção que prejudique ou impeça a visibilidade do bem tombado.

Porém, o tombamento dos conjuntos arquitetônicos e urbanísticos se tornou insuficiente no decorrer dos anos para garantir a preservação das áreas históricas, visto que constituem um conjunto complexo de bens culturais que estão em constante transformação. Desta maneira, no decorrer dos anos, tornou-se necessário incorporar a preservação aos instrumentos ligados ao planejamento urbano, como explicitado na Declaração de Amsterdã, de 1975:

A conservação do patrimônio arquitetônico deve ser considerada não apenas como um problema marginal, mas como objetivo maior do planejamento das áreas urbanas e do planejamento físico-territorial (CURY, 2000, p.200).

Segundo Augusto C. da Silva Telles (1984, p.29), a necessidade de mudanças nas políticas de preservação se devem principalmente a dois fatores:

- de uma parte, a constatação da inviabilidade de preservação do monumento isolado, diante do crescente aumento demográfico urbano, da metropolização das cidade, que vem ocorrendo neste século, com as descaracterizações agressivas que daí decorrem, com a renovação do acervo edificado visando maiores gabaritos e a especulação imobiliária crescente e, bem assim, com a necessidade de ampliação das infra-estruturas urbanas, notadamente das vias de trânsito;
- por outro lado, começou a ser dada ênfase maior à valorização do bem cultural de sentido social, diga-se, popular ou vernacular, frente àquele de origem erudita, estilista, de valor “estético” ou “histórico”, até então tido como de maior ou exclusiva importância.

Nas últimas décadas, o conceito de patrimônio cultural sofreu modificações visando englobar toda a espécie de manifestação cultural intangível, o denominado patrimônio imaterial.

Desta forma, o conceito de preservação também precisou ser ampliado, gerando o debate a respeito de estratégias e formas de proteção do patrimônio imaterial, tema principal do Seminário de Comemoração dos 60 anos do IPHAN que produziu, em 1997, a Carta de Fortaleza, onde recomenda-se que:

A preservação do patrimônio cultural seja abordada de maneira global, buscando valorizar as formas de produção simbólica e cognitiva (CURY, 2000, p.365).



Em 1998, o governo federal instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro e que é feito através da inscrição dos bens imateriais em um dos quatro Livros de Registro:

- Livro de Registro dos Saberes, do qual fazem parte os conhecimentos e modos de fazer;
- Livro de Registro das Celebrações, do qual fazem parte os rituais e festas que representam a vivência coletiva;
- Livro de Registro das Formas de Expressão, do qual fazem parte as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- Livro de Registro dos Lugares, do qual fazem parte os lugares onde se concentram e são produzidas práticas culturais coletivas, como feiras, mercados e praças.

É importante destacar que, apesar de denominado patrimônio imaterial, o conjunto destas práticas se manifesta em um espaço, fazendo parte da chamada identidade cultural de um lugar. Desta maneira, o debate sobre a preservação das áreas históricas aponta, cada vez mais, para a necessidade de criar métodos que possam incorporar as práticas culturais e os significados de cada local para as suas comunidades às políticas de preservação, como destacam vários autores:

Edifícios, conjuntos urbanos e logradouros públicos [...] além do valor histórico documental adquirem valores nem tão mensuráveis – afetivos e sociais, rituais e consuetudinários – de grande importância para os seus usuários. Ao se desconsiderar a sua dimensão subjetiva corre-se o risco de comprometer a saúde cultural e psíquica dos moradores da cidade; cria-se um vazio, um não-espaço que acaba por contagiar o entorno, desconfigurando-o (ZEIN, 2001, p.76).

[...] ao se pretender abordar a preservação e a revitalização do entorno ou vizinhança de um ou de vários monumentos, de uma área urbana, de uma cidade, ou de um sítio natural ou paisagístico, urbano ou rural, a problemática se amplia em sua complexidade; nessas áreas vive uma população que as utiliza para moradia, para local de trabalho, de lazer, de circulação.

Portanto, qualquer ação neste sentido deverá ser analisada frente aos reflexos que possam se relacionar com o comportamento dessa mesma população e, de uma forma geral, com a política urbana ou regional (TELLES, 1984, p.30).

[...] o ato de repensar a cidade contemporânea da América deveria converter-se em tarefa coletiva e urgente. Uma forma de fazê-lo seria compreender a visão que dela têm os habitantes da cidade (HARDOY, 1986, p. 131).



Assim, somente através de uma participação mais ativa e de um maior conhecimento da comunidade local de cada área a ser preservada pode-se identificar os significados sociais, comportamentais e de utilização de cada lugar, garantindo não somente a preservação física dos espaços, mas principalmente a preservação cultural.

### 2.3. O problema da delimitação das áreas históricas

Uma vez estabelecida a conceituação das áreas históricas e o enfoque principal de sua preservação, é preciso criar métodos para garantir a manutenção destas áreas, pois:

[...] se por um lado é difícil determinar o que constitui o patrimônio cultural de um povo [...] por outro parece haver um consenso de que, uma vez identificado, é incontestável a sua importância para a “construção da identidade e da memória” e o “pleno exercício da cidadania” (SILVA, 1996, p.165).

O primeiro problema encontrado para alcançar este objetivo é a delimitação da área de atuação. Os critérios para definir os limites desta área não são precisos e muitas vezes parecem ter sido ampliados ou restringidos com bastante elasticidade, por influência das questões políticas que envolvem a criação de uma legislação específica (e normalmente restritiva) para a preservação (GUTMAN, 1992, p.35). Em geral, para se delimitar uma área passível de preservação, adota-se o critério de eleger a área mais antiga da cidade, que seja possuidora de características arquitetônicas e urbanísticas homogêneas, identificando seus limites a partir de ruas, avenidas, rios ou montanhas. Desta forma, a preservação permanece arraigada à concepção de patrimônio histórico e artístico, deixando de lado os valores testemunhais que refletem os valores simbólicos existentes para a comunidade local.

O problema da delimitação das áreas históricas torna-se mais complexo na medida em que abrange os conceitos de identidade cultural e território. Segundo Teixeira Coelho (1999, p. 201), o conceito de identidade aponta um “sistema de representação [...] das relações entre indivíduos e os grupos e entre estes e seus territórios de reprodução e produção, seu meio, seu espaço e seu tempo”. Para o mesmo autor, território é “um dos determinantes essenciais da



identidade cultural [...]. É no país, no estado, na cidade, no bairro, numa área no interior do bairro [...] que se põem em cena e se teatralizam as linhas básicas do roteiro da identidade” (COELHO, 1999, p. 354).

Observa-se que os dois conceitos encontram-se interligados, sendo o território, o lugar em que se manifesta a identidade cultural de uma população. Desta forma, delimitar a área histórica de uma cidade, não se trata apenas de conferir limites para a preservação e proteção, mas sim, de identificar os locais que verdadeiramente representam a identidade cultural de seus moradores.

É necessário, então, buscar formas de consultar a comunidade local propiciando a integração da comunidade no processo de preservação, através do reconhecimento da sua identidade expressa na área a ser preservada.

#### 2.4. As diferentes concepções para a delimitação da Área Histórica de Tiradentes: do Tombamento ao Plano de Preservação

O processo de estagnação econômica, após o término da mineração, contribuiu para que o excepcional conjunto urbanístico-arquitetônico de Tiradentes permanecesse preservado justificando o seu tombamento e reconhecendo-a como “cidade obra de arte”. Na época do tombamento, 1938, a visão do SPHAN, era de que estas cidades se constituíam em obras de arte acabadas e impossibilitadas de sofrer qualquer transformação. Desta forma, não se teve a preocupação de delimitar a área de tombamento entendendo-se que as cidades mineiras originadas da exploração aurífera eram em sua totalidade monumentos congelados no tempo, impassíveis de alterações nas suas características originais. Mas apesar da estagnação econômica, as cidades não pararam no tempo e sofreram várias transformações, acompanhando a sociedade que elas abrigam.

O IPHAN buscando uma adequação a esta nova realidade das cidades, através de ações que promovessem não somente a preservação dos conjuntos tombados, como também a sua adaptação aos novos programas que se estabeleceram nas cidades, cria na década de 1990 o projeto “Inventário Nacional de Bens Imóveis - INBI/Proteção de Conjuntos” que visava não somente o cadastramento dos sítios tombados, mas elaborar, a partir da sua



análise, critérios de intervenção. Este projeto foi efetivado em 1994, com a implantação do “Projeto Piloto: Sítio Histórico de Tiradentes - Fundamentos e propostas de critérios e normas de intervenção”.

Desta forma, o INBI, tinha como principal objetivo reunir e sistematizar os dados sobre o sítio histórico, a partir de levantamentos de campo, levantamentos de fontes documentais sobre a história da cidade e sobre a própria história da atuação dos órgãos de preservação em Tiradentes. A partir desta pesquisa, foram feitas as primeiras análises que tinham como objetivos determinar as características formais que constituem a fisionomia singular da cidade e decodificar os modos de vida, hábitos, estratificações sociais e tendências de transformação.

O texto do projeto destaca que a cidade deve ser compreendida como:

[...] um documento de história urbana para além das características estético-estilísticas de sua arquitetura, cuja leitura deve ser feita através das marcas impressas no espaço urbano, que configuram um conjunto de significados a serem permanentemente recodificados e utilizados como referência básica no trabalho de preservação (IBPC, 1994, p.05).

A delimitação da área de atuação do Projeto Piloto foi baseada neste conceito de “cidade documento” e busca ampliar o sítio histórico para além do núcleo setecentista, acrescentando todos os marcos que orientaram a sua implantação e expansão, onde se destacam:

- As referências geomorfológicas para a implantação e os elementos de ligação do núcleo com o restante do território: a Serra de São José, as áreas de exploração do ouro, a topografia elevada, os principais caminhos de entrada e saída do núcleo.
- Os elementos balizadores do adensamento do núcleo: a implantação da Matriz e do Chafariz de São José originando os eixos que determinaram o Espaço da Produção e o Espaço do Poder.

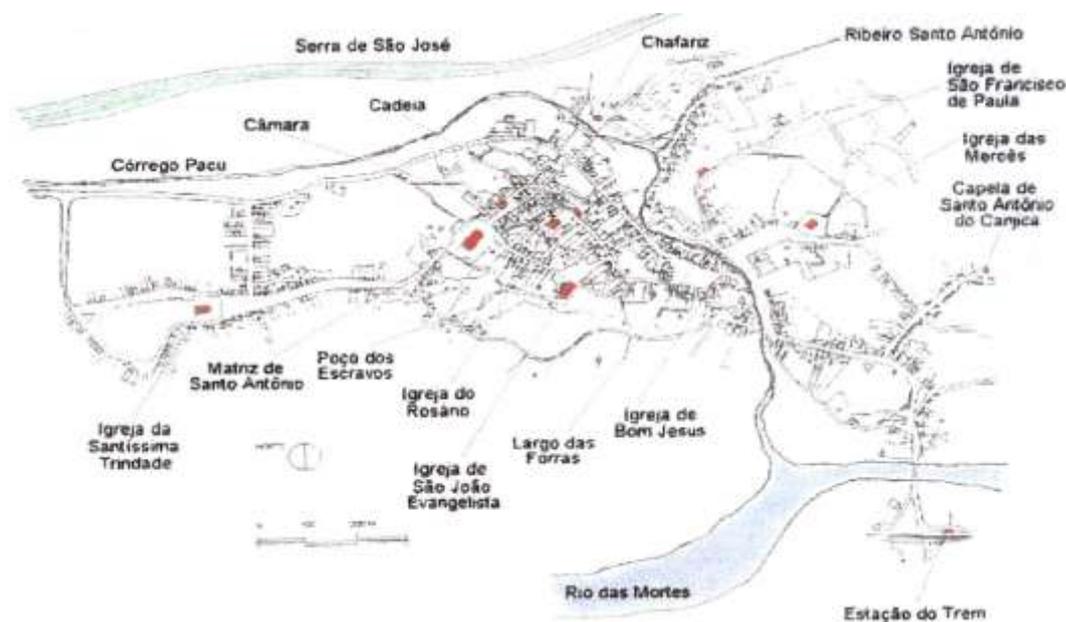


Figura 39: O Sítio Histórico de Tiradentes. Em destaque, os marcos que orientaram a sua implantação e expansão.

Segundo os pressupostos teóricos do projeto piloto:

As transformações ocorridas e a complexificação da sociedade como um todo no decorrer desses anos, resultou na explicitação de um novo conceito de sítio histórico como um objeto urbano, em que o grande desafio é conciliar a história impressa no território e as possibilidades de transformações presentes (IBPC, 1994, p.10).

A proposta de critérios de intervenção resultante das análises produzidas pelo inventário faz uso de instrumentos, entre outros, comuns ao planejamento urbano, como parâmetros para ocupação, para afastamentos, para altura das edificações novas e acréscimos, regulamentando desmembramentos de lotes, impedindo a abertura de novas ruas, regulando o acesso aos lotes, para proteger a diferenciação na ocupação dos becos e ruas, por entender que a maneira como também esses elementos estão postos, o modo como se articulam, produzem a conformação diferenciada da cidade, constroem a sua chamada identidade (SILVA, 1996, p.172).

O sítio histórico foi então dividido em oito setores, de acordo com a “sua relação com a história de ocupação do território e segundo a sua conformação atual” (IBPC, 1994, p.41). Em cada um deles os critérios de intervenção se comportam de maneira diferenciada, visando a manutenção das suas características, para que a cidade não perca suas informações, seus significados, seu valor como herança cultural e possa se transformar segundo as suas próprias relações, respeitando a si própria (SILVA, 1996, p.173). Desta maneira, o projeto não pretende impedir as novas construções, mas garantir a



manutenção das antigas, transformando a preservação em um vetor de desenvolvimento da cidade.

Os setores foram criados de acordo com as características descritas a seguir:

Setor 1: Formado pelo núcleo da cidade, que abrange o traçado urbano tradicional, onde se concentram as edificações mais antigas.

Setor 2: Formado pelo eixo de entrada e saída do núcleo.

Setor 3: Formado pela beira-rio, antiga área de serviço do núcleo setecentista.

Setor 4: Formado pela área que corresponde às faixas de transição entre o núcleo urbano e a paisagem natural. Corresponde a áreas ocupadas em diversas épocas.

Setor 5: Formado por uma área da paisagem natural.

Setor 6: Formado por uma área de transição entre o núcleo urbano e a paisagem natural, com tendência a expansão.

Setor 7: Formado pelas áreas de expansão já consolidadas.

Setor 8: Formado pelo entorno da estação ferroviária.

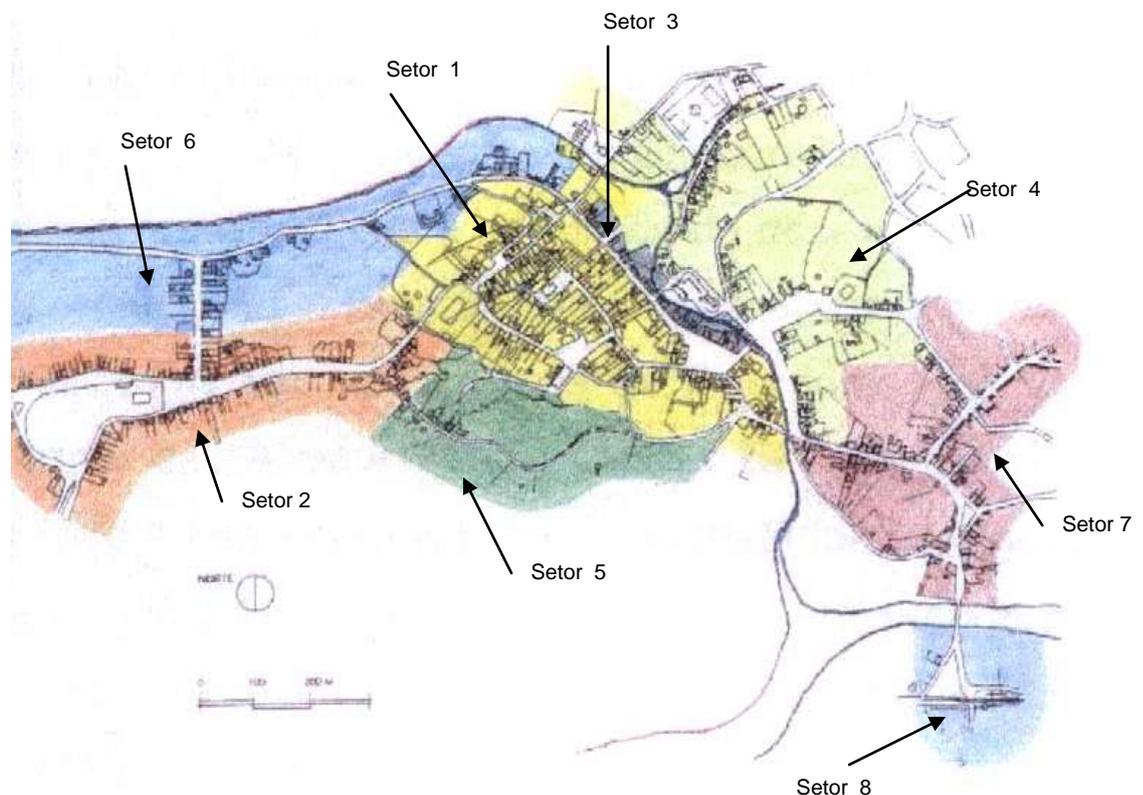


Figura 40: Setores de Preservação. Vide descrição detalhada dos setores no anexo 2.



## 2.5. Os instrumentos de preservação em Tiradentes

O Tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico de Tiradentes, em 20/04/1938, foi o primeiro instrumento de preservação da cidade e é reforçado por diversos tombamentos individuais dos principais bens imóveis religiosos e civis da cidade:

- Igreja Matriz de Santo Antônio, tombada em 29/11/1949;
- Chafariz de São José, tombado em 03/12/1949;
- Igreja de Nossa Senhora do Rosário, tombada em 06/12/1949;
- Casa do Padre Toledo, tombada em 04/08/1952;
- Casa do Forro Pintado, tombada em 25/04/1954;
- Igreja da Santíssima Trindade, tombada em 27/01/1964;
- Igreja de Nossa Senhora das Mercês, tombada em 27/01/1964;
- Igreja de São Francisco de Paula, tombada em 27/01/1964;
- Igreja de São João Evangelista, tombada em 27/01/1964;
- Igreja do Bom Jesus da Pobreza, tombada em 27/01/1964;
- Complexo Ferroviário (formado pelas estações de Tiradentes, São João Del Rei e Matozinhos, pela linha férrea e pela locomotiva Maria Fumaça), tombado em 03/08/1989.

Porém, atualmente, o principal instrumento de preservação da cidade, na esfera federal, são as normas de intervenção estabelecidas pelo IPHAN, através do Projeto Piloto. Estas normas definem as regras gerais para as intervenções arquitetônicas e urbanísticas e podem ser resumidas da seguinte maneira:

- Proibição da abertura de novas ruas.
- Autorização para desmembramentos quando permitir acesso direto para ruas já existentes.
- Proibição de acessos diretos para os becos da Matriz, do Rosário, da Pedreira, do Pacú, do Zé Moura, das Mercês e na lateral e fundos dos monumentos tombados individualmente, bem como para os Largos da Matriz e do Rosário.
- Proibição de usos nos becos que prejudiquem o trânsito e o movimento que devem permanecer reduzidos.



- Proibição de desmontes de terra e aterros que comprometam as características da topografia local.
- Proibição de obras de saneamento que comprometam a geografia dos rios e córregos.

Além dessas regras gerais, todos os projetos de intervenção arquitetônica e/ou urbanística estão sujeitos a aprovação prévia do IPHAN e devem levar em consideração as normas mais restritivas determinadas pelas legislações Municipal e Estadual, ou pelos órgãos federais competentes.

Como descrito anteriormente, o Projeto Piloto, delimita oito setores de preservação em Tiradentes, que seguindo os critérios estabelecidos, possuem normas para intervenção diferenciadas.<sup>4</sup> As recomendações visam normatizar os procedimentos ligados sobretudo ao desmembramento de lotes (área, testada e profundidade mínimas), lotes novos (área, testada e profundidade mínimas), ocupação (número de pavimentos<sup>5</sup>, altura máxima das fachadas, tipologia de telhados, taxas de ocupação, área passível de pavimentação, área de projeção contínua, proporção da plantas e afastamentos) e acréscimos.

As principais normas para cada setor podem ser resumidas nas tabelas a seguir:

Setor	Condições para desmembramento			Normas para lotes novos		
	Área Mínima	Mínimo de Testada	Profundidade Mínima	Área Mínima	Mínimo de Testada	Profundidade Mínima
01	1200 m <sup>2</sup>	10 m	40 m	600 m <sup>2</sup>	10 m	40 m
02	800 m <sup>2</sup>	8 m	40 m	400 m <sup>2</sup>	8 m	40 m
03	Nenhum lote pode ser desmembrado.			Nenhum lote novo pode existir.		
04	6000 m <sup>2</sup>	*	*	3000 m <sup>2</sup>	*	*
05	10000 m <sup>2</sup>	*	*	5000 m <sup>2</sup>	*	*
06	2400 m <sup>2</sup>	*	*	1200 m <sup>2</sup>	*	*
07	600 m <sup>2</sup>	*	*	300 m <sup>2</sup>	*	*
08	10000 m <sup>2</sup>	*	*	5000 m <sup>2</sup>	*	*

\* Item não especificado nas normas.

<sup>4</sup> O mapa com a delimitação dos setores de preservação encontra-se na figura 40 e os logradouros pertencentes a cada um dos setores encontram-se especificados no anexo 2.

<sup>5</sup> Além dos critérios específicos para o número de pavimentos em cada setor, existe uma disposição transitória que estabelece que todos os projetos de edificações com mais de um pavimento na área urbana, mesmo que fora dos setores de preservação, estão sujeitos a avaliação do IPHAN.



Ocupação				
Setor	Número de pavimentos	Altura Máxima	Telhados	Área total da edificação <sup>1</sup>
01	1 pavimento	6,5 m	No máximo as alturas e inclinações tradicionais	1, 4 x T.O.
02	1 pavimento	6,5 m	No máximo as alturas e inclinações tradicionais	1, 4 x T.O.
03	1 pavimento	6,5 m	No máximo as alturas e inclinações tradicionais	*
04	1 pavimento	6,5 m	No máximo as alturas e inclinações tradicionais	1, 4 x T.O.
05	1 pavimento	6,5 m	No máximo as alturas e inclinações tradicionais	1, 4 x T.O.
06	2 pavimento	9 m	*	*
07	2 pavimento	*	*	*
08	1 pavimento	6,5 m	*	1, 4 x T.O.

\* Item não especificado nas normas.

<sup>1</sup> No caso de aproveitamento do desnível do terreno, a área total da edificação pode ser aumentada multiplicando-se o parâmetro estabelecido (1,4) pela T. O. (Taxa de ocupação), respeitando a área máxima de projeção.

Taxa de ocupação						
Setor	Lotes até 300 m <sup>2</sup>	Lotes de 301 a 500 m <sup>2</sup>	Lotes de 501 a 1000 m <sup>2</sup>	Lotes de 1001 a 2000 m <sup>2</sup>	Lotes de 2001 a 3000 m <sup>2</sup>	Lotes com mais de 3000 m <sup>2</sup>
01	40%	40%	30%	20%	15%	10%
02	40%	40%	30%	20%	15%	10%
03	40%	40%	30%	20%	15%	10%
04	40%	40%	30%	20%	15%	10%
05	*	*	30%	20%	15%	10%
06	40%	40%	30%	20%	15%	10%
07	50%	40%	30%	20%	15%	10%
08	*	*	*	*	*	*

Setor	Área livre passível de pavimentação	Área de projeção contínua	Proporção de inscrição da planta	Afastamento frontal	Afastamento dos fundos mínimo	Soma dos afastamentos laterais
01	20%	até 180 m <sup>2</sup>	1 x 3	maior que 10 m	10 m	3 m
02	20%	até 180 m <sup>2</sup>	1 x 3	menor que 3 m	*	3 m
03	20%	até 180 m <sup>2</sup>	1 x 3	menor que 3 m	*	3 m
04	20%	até 250 m <sup>2</sup>	1 x 3	*	*	*
05	20%	até 250 m <sup>2</sup>	1 x 3	*	*	*
06	20%	até 250 m <sup>2</sup>	*	menor que 10 m	*	3 m
07	*	obs <sup>1</sup>	*	*	*	*
08	10%	até 250 m <sup>2</sup>	*	maior que 10 m	10 m	*

obs<sup>1</sup>: No setor 07, a área de projeção contínua (apc) é diferenciada de acordo com a área dos lotes: lotes até 300 m<sup>2</sup>, apc até 150 m<sup>2</sup>; lotes de 301 a 500 m<sup>2</sup>, apc até 200 m<sup>2</sup>; lotes com mais de 501 m<sup>2</sup>, apc até 300 m<sup>2</sup>.

\* Item não especificado nas normas.



Os acréscimos são permitidos em todos os setores, sendo que, devem respeitar a taxa de ocupação estabelecida e as mesmas restrições para altura máxima, telhados, área total da edificação (a partir do aproveitamento do desnível do terreno), área livre passível de pavimentação, área de projeção contínua e afastamentos.

Existem, ainda, regras específicas para o setor 01, prevalecendo as normas mais restritivas:

1. Acréscimos contínuos no pavimento térreo são permitidos desde que possuam até 20% do volume existente.
2. Acréscimos contínuos no subsolo são permitidos desde que possuam até 40% do volume existente.
3. Acréscimos em pavimentos sobrados não são permitidos.
4. Corredores de ligação entre as edificações novas e as existentes são permitidos, desde que possuam de 3 a 5 m de comprimento e até 1,20 m de largura.
5. Os acréscimos podem encostar em uma das laterais do terreno, desde que possuam 3 m de afastamento da outra lateral.
6. Acréscimos laterais não serão permitidos.
7. Os telhados dos acréscimos não podem ultrapassar as alturas dos telhados existentes.
8. A recuperação de volumes antigos poderá ser feita, desde que seja baseada em escavações arqueológicas e documentação iconográfica, ou por um estudo sobre as características arquitetônicas da edificação existente. O objetivo da restituição de antigos volumes é recompor o perfil urbano da cidade.

Na esfera municipal, existe, desde 2001, a proposta de implantação de um Código de Obras do Município de Tiradentes. O texto do Anteprojeto de Lei, ressalta a importância deste instrumento regulador do uso do solo, para estabelecer as normas que disciplinam a elaboração de projetos e a execução de obras de construção, reconstrução, restauração, reforma, implantação e demolição de edificações, visando assegurar melhores padrões urbanos de higiene, segurança, conforto e harmonia das edificações (ANTEPROJETO, 2001, p.01).



O Código deverá ser aplicado em todo o perímetro urbano do município e estabelece as normas descritas acima, em nove títulos:

- Título I: Disposições preliminares
- Título II: Condições para licenciamento de obras (habilitação profissional, licença para execução de obras e projetos de edificações)
- Título III: Início e conclusão da obra (disposições gerais, demolição e tapumes e andaimes)
- Título IV: Habite-se
- Título V: Condições gerais das edificações (disposições gerais, águas pluviais e de lavagem, preparo do terreno e arrimos, passeios dos logradouros e instalações de proteção contra incêndio)
- Título VI: Elementos das construções (fundações, estruturas, paredes e pisos, coberturas, marquises e balanços, porões e iluminação e ventilação)
- Título VII: Classificação das edificações (disposições gerais, edificações residenciais, edificações comerciais e de serviços, edificações industriais e edificações especiais)
- Título VIII: Penalidades (disposições gerais, multas, embargo, interdição, demolição e recursos)
- Título IX: Disposições Finais

Cabe destacar, que no Título I: Disposições preliminares, o anteprojeto estabelece as categorias de usos permitidas para as edificações: residencial, residencial misto, comercial e serviços (atendimento geral e especial), institucional e indústria urbana (de pequeno porte). Estabelece, também, as condições para os assentamentos nos lotes, em função do uso da edificação, de acordo com a tabela seguinte:

Índices Urbanísticos específicos para cada uso permitido				
Usos	Taxa de Ocupação	Número de pavimentos	Afastamento frontal	Afastamento lateral
Residencial/Institucional	70%	até 2 pav	*	*
Residencial Misto	*	até 2 pav	*	*
Comércio e serviços de atendimento geral	*	1 pav	*	*
Indústria de pequeno porte e comércio de atendimento especial	máximo 100m <sup>2</sup>	1 pav	*	*
* Item não especificado no anteprojeto.				



Para as zonas decretadas especiais, foi elaborada uma tabela específica e mais restritiva que a anterior, para as condições para os assentamentos nos lotes, também em função do uso da edificação<sup>6</sup>.

Índices Urbanísticos específicos para cada uso permitido em zonas especiais				
Usos	Taxa de Ocupação	Número de pavimentos	Afastamento frontal	Afastamento lateral
Residencial/Institucional	40%	até 2 pav	*	2,5m
Residencial Misto	30%	até 2 pav	*	2,5m
Comércio e serviços de atendimento geral	30%	1 pav	*	2,5m
Indústria de pequeno porte e comércio de atendimento especial	Uso vetado			
* Item não especificado no anteprojeto.				

Outro item de destaque é o Título VI, que dispõe sobre os Elementos das construções, onde observa-se recomendações sem nenhuma fundamentação, como por exemplo a obrigatoriedade de se construir as coberturas com telhas de barro (ANTEPROJETO, 2000, p.16) e a permissão para a construção de marquises (ANTEPROJETO, 2000, p.17).

## 2.6. A preservação de Tiradentes segundo a visão da Comunidade Local

Para identificar a importância da preservação da cidade de Tiradentes na visão de seus moradores, foram feitas as seguintes perguntas aos 142 entrevistados<sup>7</sup>: o que você acha da preservação de Tiradentes, qual sua importância para os moradores e quais as principais mudanças positivas e negativas na cidade.

Entre os entrevistados, **47,9% considera a preservação de Tiradentes regular**, 35,2% boa, 12,7% péssima e apenas 4,2% a considera ótima.

<sup>6</sup> Apesar do anteprojeto de lei do Código de Obras de Tiradentes prever a existência de zonas especiais, estas não se encontram definidas, nem delimitadas.

<sup>7</sup> O perfil dos entrevistados encontra-se detalhado no item "3.2.1. Dados Gerais".



Para analisar a **importância da preservação** de Tiradentes para os moradores, buscou-se elementos em comum entre as respostas. Desta forma, pode-se dizer que a importância da preservação está relacionada basicamente com os aspectos abaixo, que serão detalhados a seguir:

- **Aspectos econômicos**
- **Aspectos históricos**
- **Aspectos estéticos e arquitetônicos**
- **Aspectos afetivos**

Os **aspectos econômicos** da importância da preservação foram citados por **38,7%** dos entrevistados e estão ligados, sobretudo, ao fato de que os moradores têm como principal fonte de renda, o turismo e vêem neste fato a principal justificativa para a preservação de Tiradentes. Pode-se destacar alguns trechos das entrevistas que ressaltam esta visão:

Tiradentes vive do turismo e nós vivemos do patrimônio (Entrevistado n.º 06).

Se não tiver preservação não tem turismo, não tem trabalho (Entrevistado n.º 13).

A preservação é o meio de trabalho dos artesãos (Entrevistado n.º 18).

É preciso que se preserve Tiradentes. Dependemos do turismo. Não temos outro meio de sobrevivência (Entrevistado n.º 51).

É importante preservar porque o turista gosta de Tiradentes por isso (Entrevistado n.º 57).

Os **aspectos históricos** da importância da preservação foram destacados por **19,0%** dos entrevistados e estão ligados ao fato dos moradores reconhecerem o valor histórico e cultural da cidade que está ligado principalmente à manutenção das casas antigas de Tiradentes:

É importante preservar porque faz parte da nossa história (Entrevistado n.º 81).

O que é antigo tem que deixar (Entrevistado n.º 104).

Deve preservar porque retrata o passado e a cidade é mágica por isso (Entrevistado n.º 113).

Tem que manter o patrimônio para manter o nome de cidade histórica (Entrevistado n.º 139).

Do total de entrevistados, **8,5%** encontraram nos **aspectos estéticos, arquitetônicos e urbanísticos** a justificativa para a preservação do patrimônio da cidade. Nestes aspectos, os moradores destacam principalmente a importância



de se manter as características arquitetônicas da cidade e a própria beleza do casario setecentista:

É muito importante preservar. Gosto do estilo ( Entrevistado n.º 29).

É de primordial importância preservar o patrimônio, tem que manter as mesmas características (Entrevistado n.º 116).

As casas são muito bonitas, a gente gosta muito. Não pode destruir (Entrevistado n.º 141).

Os **aspectos afetivos** da importância da preservação foram mencionados por **7,1%** dos entrevistados e estão relacionados sobretudo ao fato dos moradores terem nascido ou morarem há muitos anos na cidade e se considerarem parte dela:

É importante a preservação para todo mundo. Principalmente para a gente que nasceu aqui (Entrevistado n.º 02).

São as raízes dos moradores. O que foi feito por eles (Entrevistado n.º 10).

Observa-se, ainda, que 20,4% dos entrevistados destacou outros aspectos da importância de se preservar Tiradentes, como por exemplo: o aspecto da limpeza, de segurança e da memória:

Acho que limpeza é fundamental (Entrevistado n.º 09).

Porque não tem violência, nem drogas (Entrevistado n.º 20).

A gente pensa que preservar é importante, mas o povo não tem cultura e vende suas casas para os de fora (Entrevistado n.º 43).

Porque o povo brasileiro não tem memória cultural (Entrevistado n.º 91).

Porque é uma coisa que a gente não viu (Entrevistado n.º 105).

Apenas 0.7% dos entrevistados não souberam responder esta pergunta e os **5,6%** restantes, **não consideram importante preservar a cidade**:

Eu acho que a preservação atrapalha o crescimento da cidade (Entrevistado n.º 38).

Preservar não tem a menor importância (Entrevistado n.º 132).

As principais **mudanças positivas** da cidade de Tiradentes segundo os moradores entrevistados estão relacionadas principalmente aos itens abaixo, que serão detalhados a seguir:

- **Desenvolvimento da atividade turística**
- **Aumento de empregos**
- **Melhorias na infra-estrutura da cidade**



- **Melhorias na área da saúde**
- **O surgimento de eventos na cidade**
- **O crescimento da cidade**

O **desenvolvimento da atividade turística** foi considerada por **20,5%** dos entrevistados como a principal mudança positiva na cidade. Esta mudança, está sobretudo relacionada com a melhoria da qualidade de vida promovida pelo desenvolvimento econômico promovido pela atividade turística:

A cidade melhorou porque aumentou o turismo e com isso a renda (Entrevistado n.º 48).

Tiradentes melhorou. O turismo é o que faz a cidade sobreviver (Entrevistado n.º 77).

O turismo aumentou muito. Antigamente tinha muito pobre pedindo na rua. Hoje não tem nenhum (Entrevistado n.º 141).

O **aumento de empregos** foi citado por **11,2%** dos entrevistados. Este item está ligado, também, ao desenvolvimento da atividade turística que pode ser considerada o principal fator de geração de empregos em Tiradentes:

Melhorou a quantidade de empregos pelo desenvolvimento turístico (Entrevistado n.º 91).

Aqui não tinha nada. Agora tudo o que a gente faz, a gente vende. Tem emprego (Entrevistado n.º 107).

As constantes **melhorias na infra-estrutura** da cidade foram citadas por **8,4%** dos moradores, que destacam sobretudo as melhorias na limpeza, no asfalto e no abastecimento de água,:

Os bairros eram abandonados. Hoje tem água e esgoto (Entrevistado n.º 06).

A cidade está limpa (Entrevistado n.º 114).

A construção de um hospital, reivindicação antiga dos moradores de Tiradentes, foi o principal fator de motivação para **7,8%** dos entrevistados considerarem as **melhorias na área da saúde** a principal mudança positiva na cidade:

Melhorou um pouco a saúde (Entrevistado n.º 61).

Finalmente vamos ter o hospital novo (Entrevistado n.º 85).

O **surgimento de eventos** na cidade também está diretamente ligado com o desenvolvimento da atividade turística e foi citado por **5,0%** dos entrevistados que destacam principalmente a criação da Mostra de Cinema de Tiradentes como a mudança mais positiva na cidade:



A Mostra de Cinema e outros eventos foi o que mais mudou a cidade (Entrevistado n.º 121).

O que melhorou foram os eventos (Entrevistado n.º 133).

De uma forma mais abrangente, **4,3%** dos entrevistados citaram o **crescimento da cidade** como uma mudança positiva:

A cidade cresceu bastante. Isso é bom (Entrevistado n.º 113).

Dos 142 entrevistados, 5,2% não soube responder e os 11, 2% restantes citaram como principais mudanças positivas em Tiradentes, por exemplo, a melhoria do lazer, da preservação e a valorização dos imóveis, correspondendo a menos de 2,0% das respostas em cada item e por isso não foram consideradas isoladamente.

**A maioria dos entrevistados considera que não ocorreu nenhuma mudança negativa em Tiradentes. Essa opinião corresponde a 52,9% das respostas.**

As principais **mudanças negativas** citadas estão relacionadas principalmente aos itens abaixo, detalhados a seguir:

- **Aumento do número de pessoas na cidade**
- **Má administração da cidade**
- **Falta de infra-estrutura**
- **Crescimento desordenado da cidade**
- **O surgimento de eventos na cidade**

O **aumento do número de pessoas** em Tiradentes foi considerado por **9,1%** dos entrevistados como a principal mudança negativa na cidade. Esta mudança está relacionada às pessoas que vieram de outras cidades e outros estados e que se estabeleceram em Tiradentes nos últimos anos e também ao tipo e ao grande número de visitantes que a cidade atrai:

Vieram várias pessoas tentar a vida e com isso a cidade desmistificou o verdadeiro tiradentino. A maioria dos moradores é de fora (Entrevistado n.º 11).

O grande número de pessoas tira a nossa liberdade (Entrevistado n.º 43).

As pessoas que moravam no Centro venderam as casas e estão indo para o fundão. As pessoas de fora que tem dinheiro estão ficando com as casas (Entrevistado n.º 68).



Perdemos a noção das pessoas. Pessoas que não são bem intencionadas vieram para a cidade. Você não conhece mais todas as pessoas (Entrevistado n.º 97).  
Tem muita gente estranha, diferente. Os turistas (Entrevistados n.º 105 e n.º 119).

A **má administração** da cidade foi citada por **8,4%** dos entrevistados e está diretamente relacionada com a insatisfação destes moradores com o prefeito atual:

A pior coisa da cidade é o prefeito que não cuida de nada (Entrevistados n.º 20, n.º 22 e n.º 31).  
A administração municipal é péssima, não tem consciência do valor histórico da cidade (Entrevistado n.º 136).

A **falta de infra-estrutura** na cidade foi citada por **7,7%** dos moradores e diz respeito predominantemente à qualidade do saneamento básico e do calçamento:

O Ribeiro alaga minha casa, está sujo. Tinha época em que haviam seis cachorros mortos no Ribeiro, quase no meu quintal. O Ribeiro vira banheiro para os turistas. A gente paga as taxas e as ruas tem buracos (Entrevistado n.º 25).  
A cidade está entregue às baratas (Entrevistado n.º 08).  
O saneamento é ruim. Existe esgoto a céu aberto. O planejamento da água é ruim (Entrevistado n.º 21).

O **crescimento desordenado** foi considerado por **5%** dos entrevistados a principal mudança negativa na cidade:

As construções desorganizadas, hiper população da cidade. Novos bairros, loteamentos (Entrevistado n.º 03).  
Tem que fazer uma cooperativa das pessoas da cidade para a cidade parar de crescer. Não crescer, nem construir mais nada (Entrevistado n.º 05).  
A cidade está crescendo demais. Daqui a pouco vai ficar ruim. Vai deixar de ser boa para morar (Entrevistado n.º 116).

Outros **5%** dos entrevistados destacou o **surgimento de eventos** na cidade com algo negativo, principalmente se referindo ao Carnaval:

O pior é o Carnaval. A cidade fica suja (Entrevistado n.º 45).  
A cidade não pode mais realizar eventos (Entrevistado n.º 50).  
A cidade está ficando muito conhecida por causa dos eventos. É uma doideira (Entrevistado n.º 56).

Do total de entrevistados, apenas 0,7% não soube responder e os 11,2% restantes citaram como principais mudanças negativas em Tiradentes, por exemplo, a falta de lazer, de preservação e a falta de medidas na área de saúde,



correspondendo a menos de 2,0% das respostas em cada item e por isso não foram consideradas isoladamente.

**Cabe somente destacar que entre estes, 1,4% considerou que tudo piorou na cidade:**

Tudo piorou. A gente pede a Deus que os jovens tenham um bom caminho para seguir. A cidade está muito largada (Entrevistado n.º 63).

Os dados descritos acima permitem uma análise sobre a preservação da cidade de Tiradentes segundo a visão de seus moradores. Em primeiro lugar, destaca-se o fato da importância da preservação estar ligada fundamentalmente aos aspectos econômicos, correspondendo a 38,7% da opinião dos entrevistados. Este fato é ressaltado quando comparado com a soma das porcentagens de citações aos aspectos históricos, estéticos e afetivos que é de 34,6%. Esta comparação se torna relevante quando observa-se que a maioria dos programas e políticas de preservação são normalmente baseados nos aspectos históricos, estéticos e afetivos dos bens culturais. Ou seja, uma cidade ou um imóvel são preservados por serem possuidores destes valores.

Os aspectos ligados ao desenvolvimento econômico de Tiradentes também são as mudanças positivas mais mencionadas pelos entrevistados. O desenvolvimento da atividade turística, o aumento de empregos e o crescimento da cidade são as melhorias mais lembradas pelos moradores, totalizando 36,0% das respostas.

Os aspectos ligados à melhoria da qualidade de vida são destacados por 21,2% dos entrevistados e estão relacionados com as melhorias na infraestrutura, na saúde e com o surgimento de eventos.

Apesar da maioria dos entrevistados, ou seja, 52,9% não identificar nenhuma mudança negativa na cidade, aqueles que as identificam contrapõem em alguns aspectos os dados acima. As principais mudanças negativas estão diretamente ligadas ao desenvolvimento econômico da cidade e sobretudo ao desenvolvimento turístico: o aumento de pessoas na cidade, o crescimento desordenado e o surgimento de eventos, totalizando 19,1% das respostas dos entrevistados. Os aspectos ligados a uma piora da qualidade de vida são destacados por 16,1% dos entrevistados e estão relacionados com a má administração da cidade e com a falta de infraestrutura.



Estas aparentes contradições são justificáveis. Se compararmos a situação de abandono da cidade de alguns anos atrás com a situação atual, facilmente se explica a opinião daqueles que consideram a melhoria da infraestrutura da cidade a principal modificação positiva. Porém, a opinião contrária, ou seja, a constante piora nos serviços de infra-estrutura se deve ao rápido crescimento e expansão da cidade e a falta de planejamento para a realização de grandes eventos.

A polêmica da criação destes eventos, ora vista como uma mudança positiva, ora vista como negativa, também pode ser justificada. A cidade é extremamente carente de atividades de lazer e alguns eventos, como a Mostra de Cinema, suprem esporadicamente esta carência da comunidade. Por outro lado, eventos de grande porte, especialmente o Carnaval, geram graves problemas como a falta d'água em diversos pontos da cidade e uma espécie de "choque cultural" devido aos diferentes tipos de comportamentos dos visitantes que são atraídos em tais ocasiões.

Desta forma, é compreensível que a má administração municipal seja considerada uma das principais mudanças negativas da cidade, pois a falta de planejamento pode ser observada em todos os aspectos negativos que transformaram a cidade nos últimos anos.

Com problemas básicos, como a falta de sistema de esgoto e abastecimento de água eficientes, é justificável que a preservação seja deixada para segundo plano e que sua importância esteja relacionada principalmente com os fatores econômicos, pois são estes que, de alguma forma, poderão contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos moradores, já que supostamente uma maior arrecadação geraria um maior investimento na cidade.

O maior problema da importância da preservação ser vinculada aos aspectos econômicos é que isso se torna um perigo para a manutenção do patrimônio por alterar os valores culturais e simbólicos da cidade. Desta forma, os lugares representativos para os moradores vão se tornando, progressivamente, cenários para os visitantes e perdem os valores que justificam o seu reconhecimento como marcos dentro do território onde se expressa a identidade cultural de uma comunidade. Lugares cuja principal importância de serem preservados passa a ser o fato de serem visitados por turistas, ou até



mesmo perdem totalmente a sua importância para a comunidade, como pode-se observar no depoimento de alguns moradores de Tiradentes:

O Centro Histórico é importante porque os turistas vem e gostam de ver (Entrevistado n.º 15).

Temos que valorizar o patrimônio para os turistas (Entrevistado n.º 128).

Não tem importância a preservação da cidade. Temos coisas melhores para fazer (Entrevistado n.º 72).

Eu queria modificar tudo (Entrevistado n.º 137).

## 2.7. Os limites da Área Histórica de Tiradentes segundo a visão da Comunidade Local

Para estabelecer uma delimitação da Área Histórica de Tiradentes a partir da visão de seus moradores, foram feitas duas perguntas para os entrevistados: quais os principais lugares da Área Histórica e da cidade de Tiradentes.

A primeira questão foi feita sem nenhum direcionamento, deixando o entrevistado livre para citar até 10 lugares.

A segunda questão, por ser mais abrangente, apresenta como direcionamento uma tabela com 45 imagens da cidade que englobam exemplares da arquitetura civil e religiosa, elementos da paisagem natural além de monumentos e edifícios de grande visibilidade ou que possuam usos relevantes, englobando também, todos os elementos utilizados como referência para a delimitação dos setores de preservação do Projeto Piloto: Sítio Histórico de Tiradentes<sup>8</sup>. Neste caso, também foi permitido que o entrevistado citasse até 10 lugares.

<sup>8</sup> Descritos no item 2.4. As diferentes concepções para a delimitação da Área Histórica de Tiradentes: do Tombamento ao Plano de Preservação.



As relações entre a Comunidade Local e a Área Histórica de Tiradentes - MG: uma contribuição para a preservação do patrimônio cultural em áreas urbanas

Márcia Maria Pereira Araújo

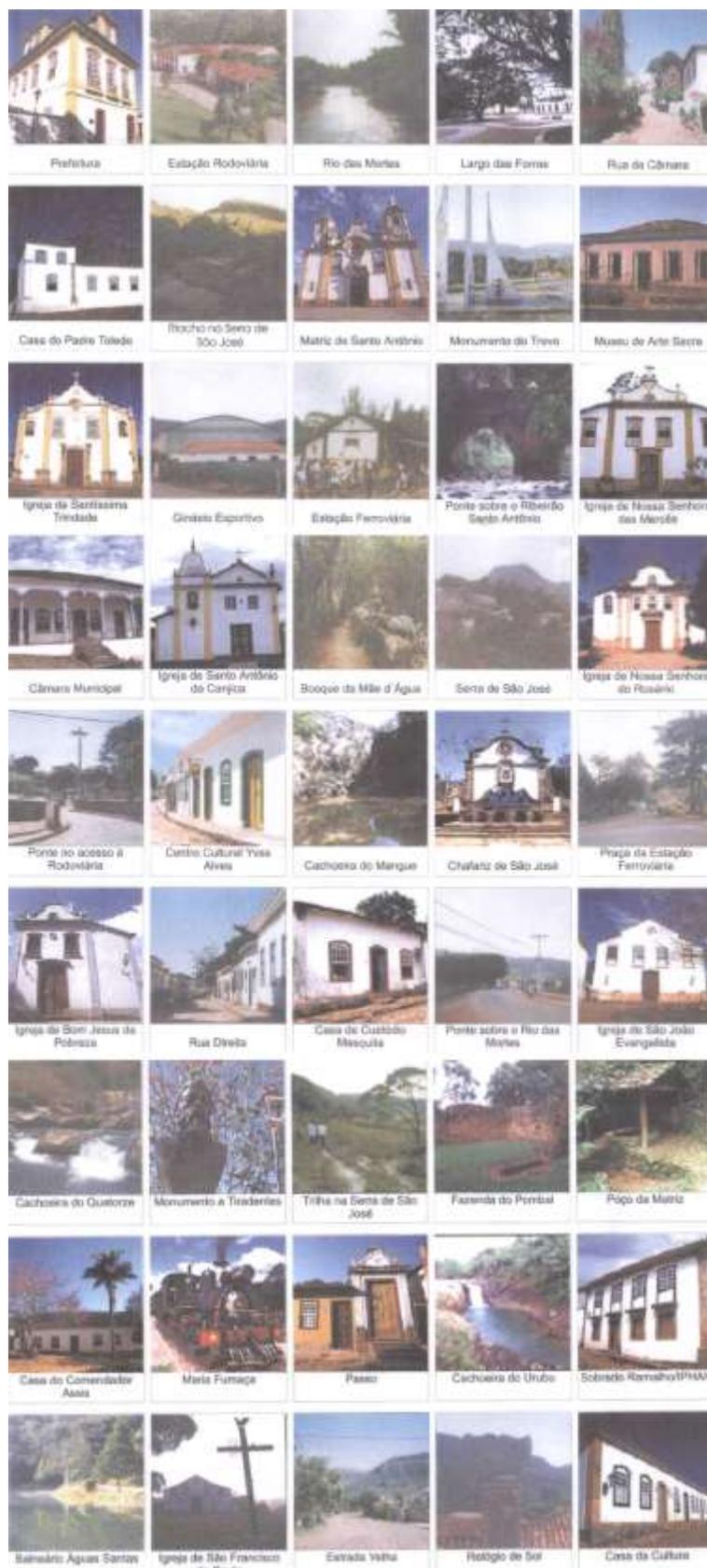


Figura 41: Tabela utilizada nas entrevistas. Tamanho real 63 x 87 cm. Vide anexo 3.



Buscando identificar a área da cidade onde se localizam os principais lugares da Área Histórica de Tiradentes, foram utilizados como referência, os lugares com 5% ou mais das incidências nas entrevistas de acordo com a tabela abaixo:

Matriz de Santo Antônio	15,1%
Chafariz de São José	10,8%
Casa do Padre Toledo	7,7%
Igreja da Santíssima Trindade	7,1%
Igreja de São Francisco de Paula	7,0%
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	6,2%
Largo Forras	5,0%
Igreja de Nossa Senhora das Mercês	5,0%
Igreja de Santo Antônio da Canjica	5,0%
Serra de São José	5,0%

Figura 42: Lugares com 5% ou mais das incidências nas entrevistas: Matriz de Santo Antônio, Chafariz de São José, Casa do Padre Toledo, Igreja da Santíssima Trindade, Igreja de São Francisco de Paula, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Largo das Forras, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Igreja de Santo Antônio da Canjica e Serra de São José.





Desta forma, obtemos a delimitação a seguir:

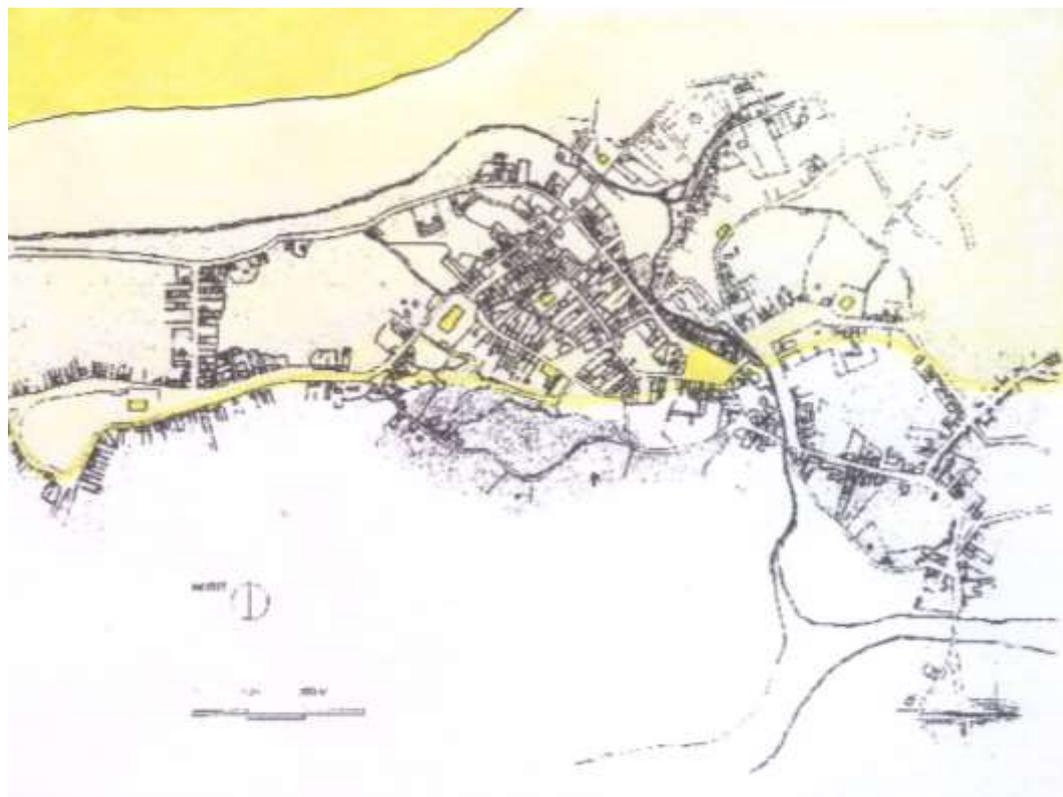


Figura 43: Área delimitada pelos principais lugares da Área Histórica de Tiradentes, segundo os entrevistados.

Buscando identificar a área onde se localizam os principais lugares da cidade de Tiradentes, foram utilizados como referência, os lugares com 5% ou mais das incidências nas entrevistas de acordo com a tabela abaixo:

Matriz de Santo Antônio	9,1%
Chafariz de São José	8,2%
Largo das Forras	5,7%
Casa do Padre Toledo	5,0%

Desta forma, obtemos a delimitação seguir:



Figura 44: Área delimitada pelos principais lugares da cidade de Tiradentes, segundo os entrevistados.

As áreas delimitadas demonstram que ao apontar os principais lugares da cidade, os moradores restringem Tiradentes ao que corresponderia ao setor 1 do plano de preservação. Ao mesmo tempo, a área correspondente aos principais lugares da Área Histórica abrange a Serra de São José e as igrejas mais afastadas, como a Igreja da Santíssima Trindade e a Igreja de Santo Antônio da Canjica delimitando uma área mais ampla que engloba os setores 1,2,3,4,6,e7 do plano de preservação.

Esta aparente contradição pode ser explicada constatando que ao indicar os lugares mais importantes da cidade, os moradores se referem aos bens mais visitados em Tiradentes, ou seja, às imagens que costumam sugerir aos turistas. Mas, ao indicar os lugares mais importantes da Área Histórica os moradores englobam os bens próximos de suas residências ou ligados a sua afetividade, que nem sempre são os mais visitados.

Desta forma, podemos afirmar que, na visão dos moradores, a delimitação da Área História se confunde com a própria delimitação da cidade de



Tiradentes. Porém, como já descrito anteriormente<sup>9</sup>, a preservação da cidade é estabelecida com critérios diferenciados para cada setor e com a exceção do setor 1, os demais possuem normas pouco restritivas sendo que, em muitos casos, os elementos que justificam sua existência, como as igrejas citadas acima, encontram-se com a sua visibilidade comprometida pela falta de critérios mais rígidos para a construção de edificações novas no entorno.

Por outro lado, os setores 5 e 8 não são reconhecidos como parte da Área Histórica da cidade, o que provavelmente gera problemas para a aceitação das normas pelos moradores.

Outro problema, são as áreas que não são reconhecidas pelos moradores e nem possuem normas para construção, como a região denominada Mococa e Alto da Torre, cujo crescimento desordenado prejudica cada vez mais a visibilidade da Serra de São José e altera as relações espaciais entre a cidade e a paisagem ao seu redor.

---

<sup>9</sup> Vide item “2.5. Os instrumentos de preservação em Tiradentes”.



### 3. As relações entre a Comunidade Local e a Área Histórica de Tiradentes

#### 3.1. A importância dos conceitos de Memória, Identidade Cultural, Valor Cultural, Valor Econômico, Valor Afetivo e Pertencimento

Para identificar e analisar as relações entre comunidade local e área histórica foram utilizados os principais elementos teóricos que ressaltam a importância destas relações para a preservação urbana de Tiradentes. Desta forma, os conceitos de Memória, Identidade Cultural, Valor Cultural, Valor Econômico, Valor Afetivo e Pertencimento surgem como referências para a análise dos dados coletados.

O conceito de **Memória** existe desde a antiguidade, em Cícero, que utiliza o termo tanto no sentido de passado (na expressão *omnis memoria*) quanto no de tempo atual (*nostra memoria*) (COELHO, 1999, p.250). Desta maneira, não é possível existir algo atual que não se relacione com o passado e nada passado que não se relacione com algo atual. Assim, Teixeira Coelho (1999, p.250) ressalta que a memória pode ser entendida como:

[...] o conjunto das imagens não gratuitas e das relações de imagens que constituem o capital inconsciente e pensado do ser humano. A memória não é assim uma faculdade passiva, mas um princípio de organização – e de organização do todo, freqüentemente a partir de um fragmento do vivido.

Pode-se ainda atribuir à memória não somente uma relação entre o presente e passado, mas também, uma relação com a construção do futuro. Isso pode ser afirmado, pois, a memória ao interferir no processo atual das representações não somente se mistura...

[...] com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1987, p.09).

Além da memória dita individual, ou seja, a memória de cada ser humano e suas experiências, existe a memória de um lugar, de uma cidade,



compartilhada por todos que viveram o mesmo espaço. Esta memória compartilhada é denominada de memória coletiva.

Segundo Halbwachs (apud ABREU, 1998, p.10), memória coletiva pode ser definida como:

[...] um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um conjunto transcendente do indivíduo [...]. Sem negar importância à memória individual, [...] a capacidade de lembrar é determinada, não pela aderência de um indivíduo a um determinado espaço, mas pela aderência do grupo do qual ele faz parte àquele mesmo espaço: um espaço em que se habitou, um espaço que se trabalhou, um espaço em que se viveu.

Desta forma, a memória coletiva torna-se um dos elementos indispensáveis para estabelecer a identidade cultural de um lugar, pois o conceito de **Identidade Cultural**:

[...] aponta para um sistema de representação [...] das relações entre os indivíduos e os grupos e entre estes e seu território de reprodução e produção, seu meio, seu espaço e seu tempo (COELHO, 1999, p.201).

Porém, a identidade não é composta por elementos fixos com significados permanentes e sim por diversos elementos mutáveis. Desta forma, o conceito de identidade vem sendo substituído pelo de **Identificação** onde:

[...] mais do que um sistema, armado por unidades significantes estáveis a que correspondem unidades de significados perenes, o que se teria hoje seria um processo de unidades cambiantes, como significantes e significados, no qual os indivíduos e os grupos entram e do qual saem intermitentemente, ao sabor de motivações de diversificada origem. Ora a identificação cultural se faz com determinados elementos, ora com outros (COELHO, 1999, p.202).

Stuart Hall (2002, p.39) reforça a necessidade de se entender a identidade como identificação na medida em que esta não é formada junto ao nascimento do indivíduo e sim é formada e transformada com o passar dos anos, permanecendo sempre “em processo”. Da mesma forma que a identidade se transforma no decorrer do tempo, os valores dos elementos que a formam também são alterados. Assim, pode-se dizer que:

[...] os objetos não têm, intrinsecamente, propriedades que não sejam físico-químicas. As sociedades é que mobilizam tais e quais propriedades físico-químicas, sensorialmente perceptíveis, como produto e vetor de seus sentidos e valores (MENESES, 1996, p.93).



Ou seja, assim como a identidade cultural é formada ora por alguns elementos ora por outros, os valores destes elementos podem se relacionar a diversos aspectos a cada momento. Para a presente análise, destacam-se os aspectos que ressaltam, sobretudo, o valor cultural, valor afetivo e o valor econômico dos elementos arquitetônicos e urbanísticos que formam a identidade cultural de Tiradentes.

Um determinado elemento possui **Valor Cultural** quando contribui para a orientação do indivíduo ou grupo. Estes valores se manifestam em todo tipo de representação:

[...] a igualdade de todos perante a lei ou a discriminação, o respeito ou a violência, a dignidade da mulher ou o machismo, etc. As fontes de valor cultural têm as mais diversas localizações: um modo cultural em particular (cultura popular, cultura erudita, cultura nacional-popular, cultura oficial), uma classe social ou profissional, um segmento religioso, um ideal político, uma luta histórica contra inimigo externo ou entre grupos internos, etc. (COELHO, 1999, p.361).

Especificamente relacionado aos bens arquitetônicos e urbanos, o valor cultural se refere à identificação da posição que estes bens ocupam na tradição cultural de um determinado lugar. Esta identificação é feita através de métodos de pesquisa que envolvem, inclusive, a história oral dos moradores locais (QUARANTA, 1997, p. 153).

A preocupação da utilização de métodos adequados para identificação do valor cultural dos elementos está na importância que este possui nos próprios projetos e ações de estimulação cultural. Para Teixeira Coelho (1999, p.361), “o valor cultural é o responsável, em política cultural, pelas decisões sobre o que incentivar, [...] o que difundir e o que preservar”.

Outro tipo de valor é o **Valor Afetivo** que determinado grupo atribui a alguns elementos. Quase sempre são elementos que compõem a ambiência cotidiana das pessoas, que vêem neles um significado, uma marca ou algo que se destaca nesta ambiência. Assim, a estes elementos é atribuído um valor especial que comporta uma carga de afeto e consideração (MARTINS, 2003, s/p.).

Desta forma, pode-se dizer que os elementos que possuem valores afetivos acentuados passam também a conter valores culturais. Isto ocorre na



medida em que o afeto transforma estes elementos em referência e identificação para um determinado grupo.

As relações afetivas específicas entre cidade e moradores demonstram não só seu índice de satisfação com o lugar de vivência, mas também podem refletir outros sentimentos, como por exemplo: tranqüilidade, medo, contentamento, desgosto, paixão ou confiança. Desta forma, observa-se que os afetos existentes entre cidade e moradores não são homogêneos, podendo até mesmo existir partes ou aspectos da cidade que os habitantes amam e outras que detestam (DURÁN, 1998, p.94).

Pode-se ainda afirmar que determinadas cidades possuem valores afetivos tão marcantes que são amadas até mesmo por aqueles que nunca as visitaram e muito menos vivenciaram seus espaços. Exemplos de cidades que carregam grande carga afetiva são as cidades de peregrinação, como Fátima em Portugal, Santiago de Compostela, na Espanha ou Roma, na Itália, cidades que mesmo sem conhecimento encantam e apaixonam as pessoas em geral.

Desta forma, observa-se que existem dois tipos de valor afetivo relacionado com as cidades. Aquele que está ligado a um profundo conhecimento e vivência da cidade e outro que está ligado à uma imagem projetada para o mundo que as cidades carregam. De maneira geral, pode-se dizer que o primeiro tipo está ligado, sobretudo, ao afeto dos moradores e o segundo ao afeto de visitantes e das pessoas em geral (NOISETTE, 1996, p.215-265).

Quanto ao **Valor Econômico** que possuem determinados elementos, destacam-se especialmente aquele relacionado ao patrimônio arquitetônico e urbano. Este patrimônio passou a ser visto em todo o mundo, a partir do desenvolvimento da atividade turística, como produtos geradores de atratividade para visitantes e conseqüentemente como recursos econômicos (CHOAY, 2001, p.118).

Porém, a exploração indevida destes recursos gerou um movimento em direção a sua utilização sustentável, onde o valor econômico estaria não somente ligado a sua atratividade, mas, principalmente, à sua capacidade de permanecer utilizável ou explorável no decorrer dos anos. Assim, somente é possível afirmar que um elemento possui valor econômico se este pode ser



utilizado de forma a incentivar sua preservação e o desenvolvimento sustentável, a longo prazo (QUARANTA, 1997, p.150).

Apesar desta crescente preocupação, o que acontece freqüentemente é a utilização dos bens culturais de modo geral, sejam eles materiais ou imateriais, de maneira não sustentável devido à falta de planejamento adequado. Desta forma, o que normalmente ocorre é uma supervalorização dos aspectos econômicos em detrimento dos culturais e afetivos que são os aspectos que tornaram possível a utilização patrimônio como recurso econômico. Isto gera, a curto e médio prazo, uma progressiva descaracterização do patrimônio cultural que passa a ter na exploração econômica sua principal função de existência.

Outro conceito importante para a presente análise é o de **Pertencimento**. Este conceito está relacionado com a afirmação da identidade cultural que como foi descrito anteriormente representa a identificação de um grupo social com lugares, eventos, símbolos e histórias particulares. Estas relações representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento (HALL, 2002,p.76).

O próprio conceito de cidadão está vinculado ao termo pertencimento, pois cidadão pode ser definido como aquele indivíduo que por pertencer a determinado lugar goza dos direitos civis e políticos do mesmo.

Segundo Durán (1998, p.92), pertencer à cidade não é apenas uma simples relação que se estende a qualquer objeto, acontecimento ou idéia conectada a cidade. O próprio termo cidadão pode estar relacionado não somente aquele indivíduo natural da cidade como também ao morador vindo de outra localidade. Pois, em um impulso de maternidade social e política, a cidade acolhe os indivíduos e os faz seus, tanto aqueles que nela nasceram quanto aqueles que a elegeram para viver.

Pode-se então afirmar que o conceito de pertencimento está intimamente ligado aos valores que a cidade adquire com o passar dos anos para os seus moradores. Quanto maiores e positivos os valores culturais, afetivos e econômicos que as cidades possuem para seus moradores, maior será a sua relação de pertencimento.

Os conceitos aqui apresentados são a base fundamental para o entendimento dos resultados obtidos com a pesquisa de campo e a forma de



compilação dos dados, ambos apresentados no item “3.2. Algumas características da Comunidade Local”. Estes conceitos serão complementados juntamente com as análises apresentadas no item “3.3. As relações entre a Área Histórica e a Comunidade Local” e relacionados com a preservação urbana de Tiradentes.

## 3.2. Características da Comunidade Local

### 3.2.1. Dados Gerais

Para identificar algumas características gerais da comunidade local de Tiradentes, foram efetuadas algumas perguntas a respeito da **composição familiar**, como número de pessoas em cada família e renda familiar e a respeito do **perfil dos membros da família**, como idade, sexo, escolaridade e profissão.

Do total de 142 moradores entrevistados, 50% se identificou como responsável pela família, 32% se identificou como cônjuge do responsável pela família e 18% se identificou como filho/a do responsável pela família.

Quanto ao **número de pessoas em cada família** destaca-se que em 27,5% dos casos a família possui 4 pessoas, 23,2% possui 3 pessoas, 15,5% possui 2 pessoas, 12,7% possui 5 pessoas e 12,7% possui mais de 5 pessoas. Além disso, 8,4% dos entrevistados mora sozinho.

A **renda familiar**, ou seja, a soma da renda de todas as pessoas da família, em 50% dos casos não é fixa, em 7,7% corresponde de 1 a 3 salários mínimos, 5,6% a 1 salário, 4,9% de 3 a 6 salários, 4,2% de 6 a 10 salários e em 1,6% dos casos corresponde a mais de 10 salários mínimos. Destaca-se ainda, que 22,5% dos entrevistados não respondeu e 3,5% não soube informar este dado.

Cada um dos entrevistados forneceu os dados gerais de todos os membros da família. Desta forma, os dados apresentados a seguir correspondem a informações referentes a 524 pessoas distribuídas em 142 famílias.

A **idade** da maioria dos moradores varia entre 21 e 30 anos totalizando 18,5%, 14,1% possui entre 31 e 40 anos, 13,7% possui entre 41 e 50 anos,



10,5% possui entre 16 e 20 anos, 8,6% possui até 6 anos, 8,2% possui entre 7 e 10 anos, 7,9% possui entre 11 e 15 anos, 7,8% entre 51 e 60 anos, 5,1% entre 60 e 70 anos, 3,1% possui mais de 70 anos. Os membros da família que os entrevistados não souberam responder a idade correspondem a 2,5%.

Em relação ao **sexo**, 52,4% dos moradores são mulheres e 47,6% são homens.

Quanto à **escolaridade**, do total de jovens entre 7 e 20 anos, 91,0% estuda em Tiradentes, 7,4% não estuda e 1,6% estuda em São João del Rei. Dos maiores de 20 anos, apenas 3,1% ainda estuda. Destes, 25,0% frequenta o curso superior em São João del Rei, 25,0% frequenta o curso superior em Barbacena, 12,6% frequenta o 2º grau em Tiradentes, 12,6% frequenta o curso superior em Juiz de Fora, 12,6% frequenta o curso superior em Tiradentes, 6,1% frequenta o 2º grau em São João del Rei e 6,1% frequenta o 2º grau em Barbacena. Dos maiores de 20 anos que não estudam, 59,9% possui o 1º grau incompleto, 18,1% possui o 2º grau completo, 9,7% possui o 1º grau completo, 5,2% é de analfabetos, 4,5% possui o 2º grau incompleto, 1,3% possui curso superior incompleto, 1,0% possui curso superior completo e apenas 0,3% possui pós-graduação. Cabe destacar que os entrevistados não souberam responder a escolaridade de 6,3% dos membros da família.

Quanto à **profissão**, do total de pessoas envolvidas nos dados da pesquisa, ou seja, 524, destaca-se que os jovens entre 7 e 20 anos são predominantemente estudantes, correspondendo a um total de 92,6%. Entre esta faixa etária as donas de casa correspondem a 4,2%. Os demais jovens possuem as seguintes profissões: auxiliar de serviços gerais em 1,6% dos casos e jardineiro em 1,6% dos casos. Dos maiores de 20 anos, 24,5% são donas de casa e 14,7% são aposentados. Os demais maiores de 20 anos têm como profissões: doméstica (5,6%), artesão, marceneiro (4,2%), comerciante, autônomo, estudante (3,6%), balconista (3,3%), servente (3,0%), pedreiro (2,1%), camareira (1,9%), professora (1,5%), auxiliar de serviços gerais, auxiliar de cozinha, pintor (1,2%), artista plástico, secretária, pensionista, biscateiro, ferreiro, charreteiro, garçom, recepcionista (0,9%), cozinheiro, operador de máquina, taxista, motorista, caseiro, serralheiro, funcionário público (0,6%), projetista mecânico, operário, auxiliar na estação ferroviária, jardineiro, doceira,



militar, conselheiro tutelar, empresário, agente de saúde, bancário, calceteiro, mureiro, copeira, faxineira, lavadeira, eletricista, carpinteiro, bombeiro hidráulico, vigia, cabeleireiro, pastor, advogado, caminhoneiro, sacoleira, câmera de tv, produtor de tv, analista de sistema, estagiária e mecânico (0,3%). Além destes, 0,9% dos entrevistados encontra-se desempregado, 0,3% encontra-se em estado de invalidez e 4,2% não soube responder.

Especificamente entre os 142 entrevistados, a maioria é de donas de casa (36,0%), aposentados (19,9%), estudantes (5,6%) e comerciantes (5,0%). Os demais entrevistados têm como profissão: artesão (3,6%), doméstica (3,5%), auxiliar de serviços gerais (2,8%), autônomo, marceneiro, recepcionista (2,1%), secretária, biscateiro, auxiliar de cozinha, servente, professora (1,4%), pensionista, artista plástico, bombeiro hidráulico, projetista mecânico, militar, taxista, camareira, garçom, serralheiro, ferreiro, carpinteiro, operário, produtor de tv, cabeleireiro, auxiliar na estação ferroviária (0,7%). Do total de entrevistados 0,7% está desempregado.

### 3.2.2. As relações entre Comunidade Local e o Município de Tiradentes

Para estabelecer as relações entre a comunidade local e o município de Tiradentes, os entrevistados foram questionados quanto ao tempo de residência na cidade, local de procedência, motivação para vir para Tiradentes e a intenção e respectiva motivação para permanecer ou mudar de cidade.

O **tempo de residência em Tiradentes** de 23,3% das famílias entrevistadas é de mais de 50 anos, 17,6% já está na cidade entre 21 e 30 anos, 14,8% entre 41 e 50 anos, 10,6% entre 6 e 10 anos, 9,9% entre 11 e 20 anos, 9,1% entre 31 e 40 anos, 7,7% entre 1 e 5 anos e 7,0% reside em Tiradentes há menos de 1 ano.

Quanto ao **local de procedência**, a maioria das famílias é formada por pessoas nascidas em Tiradentes, correspondendo a 59,2% dos entrevistados. Entre aquelas vindas de outras cidades, destaca-se que 14,1% é procedente de São João del Rei. Os demais locais de procedência são: Belo Horizonte (4,2%), Rio de Janeiro (3,6%) São Paulo e Brasília (2,1%), Elvas, Prados e Santa Cruz de Minas (1,4%), Curitiba, Coronel Xavier Chaves, Piedade de Minas,



Barbacena, Resende Costa, Ritápolis, Florianópolis, Barroso, Nazareno, São Sebastião da Vitória, São José dos Campos, Ribeirão Preto, Ubá, Coroa e Piedade do Rio Grande (0,7%).

A **motivação dos entrevistados para morar em Tiradentes** está ligada predominantemente a cinco fatores:

- **Ter nascido na cidade.**
- **Buscar boas oportunidades de trabalho.**
- **Morar ou ficar perto de familiares.**
- **Buscar uma melhor qualidade de vida.**
- **Ter casado com pessoas que já residiam na cidade.**

Os entrevistados que citaram o fato de terem **nascido na cidade**, como maior incentivo para permanecerem em Tiradentes correspondem a **55,6%** das opiniões.

Nasci aqui (Entrevistado n.º 01).  
Todos nós nascemos aqui (Entrevistado n.º 43).

Aqueles que vieram para a cidade em busca de **melhores oportunidades de trabalho** correspondem a **16,1%**.

Vim para trabalhar. Aqui é bom de emprego (Entrevistado n.º 09).  
Para trabalhar aqui é mais fácil do que em São João del Rei (Entrevistado n.º 40).

**Ficar perto ou morar com familiares** corresponde a **10,6%** da motivação daqueles que mudaram para Tiradentes.

Meu irmão já morava aqui. Quis ficar perto (Entrevistado n.º 77).  
Vim morar com meus parentes (Entrevistado n.º 85).

A procura por uma cidade com **melhor qualidade de vida**, motivou **9,1%** dos entrevistados a vir para Tiradentes.

Vim pela tranquilidade. A cidade grande é muito agitada (Entrevistado n.º 11).  
Porque em São João del Rei a vida estava mais difícil. Aqui é melhor e tem menos violência (Entrevistado n.º 65).



Aqueles que **casaram** e vieram morar com cônjuges que já residiam na cidade correspondem a **7,0%**.

Casei e meu marido já morava aqui (Entrevistado n.º 36).  
Porque casei (Entrevistado n.º 71).

Apenas 1,6% dos entrevistados destacou que a motivação para morar em Tiradentes está no fato de gostarem da cidade.

A maioria dos entrevistados **não possui intenção de mudar de cidade**, correspondendo a **85,2%**. Os demais **14,8%** que manifestaram esta intenção, **gostariam de mudar** para as cidades de São João del Rei (18,9%), Barbacena, Rio de Janeiro e Belo Horizonte (9,5%), Niterói, São Paulo, Ribeirão Preto e Juiz de Fora (4,8%). Destacam-se, ainda, aqueles que gostariam de mudar para outro país (4,8%), para a roça (4,8%) ou para algum lugar mais tranqüilo (4,8%) e aqueles que gostariam de mudar para qualquer outro lugar (14,2%).

Entre os **85,5%** que não pretendem mudar de Tiradentes, as **principais motivações para permanecerem na cidade** estão ligadas aos seguintes fatores:

- **Gostar ou amar a cidade**
- **Possuir uma boa qualidade de vida na cidade**
- **Estar acostumado com a cidade**
- **Ter nascido na cidade**
- **Possuir emprego na cidade**
- **Não possuir outras opções**

Os moradores que **gostam ou amam a cidade** de Tiradentes e tem neste afeto a principal motivação para permanecer no local correspondem a **35,6%** das opiniões.

Amo a cidade (Entrevistado n.º13).  
Gosto daqui de Tiradentes (Entrevistado n.º 44).

Aqueles que pretendem permanecer na cidade devido à ótima **qualidade de vida** que esta proporciona, totalizam **33,0%** das opiniões. Esta qualidade de vida está relacionada, sobretudo, a tranqüilidade e segurança existentes em Tiradentes.



Gosto daqui porque temos liberdade e a cidade não tem violência (Entrevistado n.º 91).

Tiradentes é uma cidade muito boa para se viver (Entrevistado n.º124).

O fato de estarem **acostumados com a cidade** e conseqüentemente não quererem morar em outro lugar foi destacado por **9,9%** dos entrevistados.

Acostumei aqui (Entrevistado n.º 57).

Já me acostumei com a cidade, agora não vale a pena mudar (Entrevistado n.º 92).

Os moradores que **nasceram na cidade** e consideram este o principal fator para a permanência na mesma, correspondem a **6,6%**.

Fui nascida aqui. Minha mãe, meu pai e meus filhos também (Entrevistado n.º 58).

Nasci aqui. Onde nasceu tem que morrer (Entrevistado n.º 74).

A **existência de trabalho** para todos foi mencionada por **5,8%** e está relacionada ao desenvolvimento da atividade turística como fator de geração de empregos em Tiradentes.

Aqui a gente tem trabalho. A gente vive outra realidade, vive do turismo. Só não trabalha quem não quer (Entrevistado n.º 05).

A fonte de renda é aqui (Entrevistado n.º 128).

Os moradores que não pretendem mudar de Tiradentes por **falta de opção** correspondem a **5,8%**.

Não posso sair daqui. Não tenho esta opção (Entrevistado n.º70).

Não tenho outra opção. Já estou velho (Entrevistado n.º 138).

Aqueles que não souberam responder porque pretendem permanecer na cidade correspondem a 3,3%.

Entre os **14,8%** que pretendem **mudar de cidade**, a **principal motivação** para isto está ligada aos seguintes fatores:

- **Preferir a cidade de origem**
- **Considerar ruim a qualidade de vida em Tiradentes**
- **Não gostar da cidade**

A maioria dos entrevistados gostaria de sair de Tiradentes por **preferir a cidade de origem**, principalmente por sentir saudades da cidade, de amigos, parentes, ou por não ter se adaptado à Tiradentes, correspondendo a **42,9%**.



Tem pessoas de quem eu gosto morando lá (Entrevistado n.º 01).

Gosto mais de Belo Horizonte porque meus irmãos estão lá (Entrevistado n.º06).

Destaca-se ainda, que **23,8%** dos entrevistados considera que a **qualidade de vida em Tiradentes vem piorando** progressivamente, principalmente devido ao aumento do movimento e conseqüente aumento do número de pessoas em Tiradentes, tendo neste fator a principal motivação para mudar de cidade.

Aqui está ficando muito agitado (Entrevistado n.º 11).

Queria um lugar em que eu pudesse viver melhor. Aqui, só os de fora tem acesso a tudo. Só tem valor quem é de fora. Em 35 anos, tudo aqui mudou, piorou a vida (Entrevistado n.º132).

Existem ainda, aqueles que **não gostam da cidade**, totalizando **19%**.

Não estou gostando de ficar aqui (Entrevistado n.º 62).

Não gosto de Tiradentes (Entrevistado n.º 75).

Do total de moradores, 14,3% não soube responder porque gostaria de mudar de cidade.

Os dados apresentados permitem algumas considerações a respeito das relações entre a comunidade local e o município de Tiradentes. Destaca-se que a maioria das famílias é composta por pessoas nascidas na cidade ou em cidades próximas como São João del Rei, Barbacena, Belo Horizonte, Elvas, Santa Cruz de Minas, Coronel Xavier Chaves, Resende Costa, Ritópolis e Barroso. Este fato é ressaltado pelo tempo de permanência dos moradores na cidade que corresponde a mais de 20 anos na maioria dos casos. Estes fatores demonstram que as famílias entrevistadas são formadas por pessoas que testemunharam e vivenciaram as principais mudanças decorrentes do desenvolvimento econômico que ocorreu na cidade nas últimas décadas.

Esta permanência, vinculada à vivência que os moradores têm da cidade, encontra-se principalmente motivada por fatores de caráter familiar. A grande maioria dos moradores destaca que os motivos familiares (como ter nascido na cidade, ficar perto da família ou ter se casado) são os principais fatores de motivação para morar em Tiradentes. Estes motivos demonstram a relação de afetividade dos moradores com a cidade, que fica mais evidente ao destacar-se que a maioria dos moradores não tem intenção de mudar de Tiradentes, tendo



como principal motivação para esta permanência, além dos aspectos familiares já citados, também os aspectos afetivos (como gostar ou amar a cidade).

### 3.3. Características dos lugares de moradia da Comunidade Local

#### 3.3.1. Localização dos lugares de moradia

As moradias dos entrevistados estão localizadas em 14,1% dos casos no Cascalho, no Cuiabá e no Centro. Em 12,7% dos casos estão localizadas na Mococa, em 9,3% na Várzea de Baixo, em 7,7% no Alto da Torre e em 7,0% dos casos na Canjica, na Santíssima Trindade, no Pacu e no Parque das Abelhas.



Figura 45: Esquema de localização dos lugares de moradia das famílias entrevistadas.

Levando em consideração o número de pessoas em cada família, as moradias do total de pessoas envolvidas na pesquisa estão localizadas em 17,0% dos casos no Cascalho, 16,2% no Cuiabá, 12,8% na Mococa, 11,5% no



Centro, 9,2% na Várzea de Baixo, 8,8% no Alto da Torre, 7,1% no Pacu, 6,1% na Canjica, 6,1% na Santíssima Trindade e 5,2% no Parque das Abelhas.

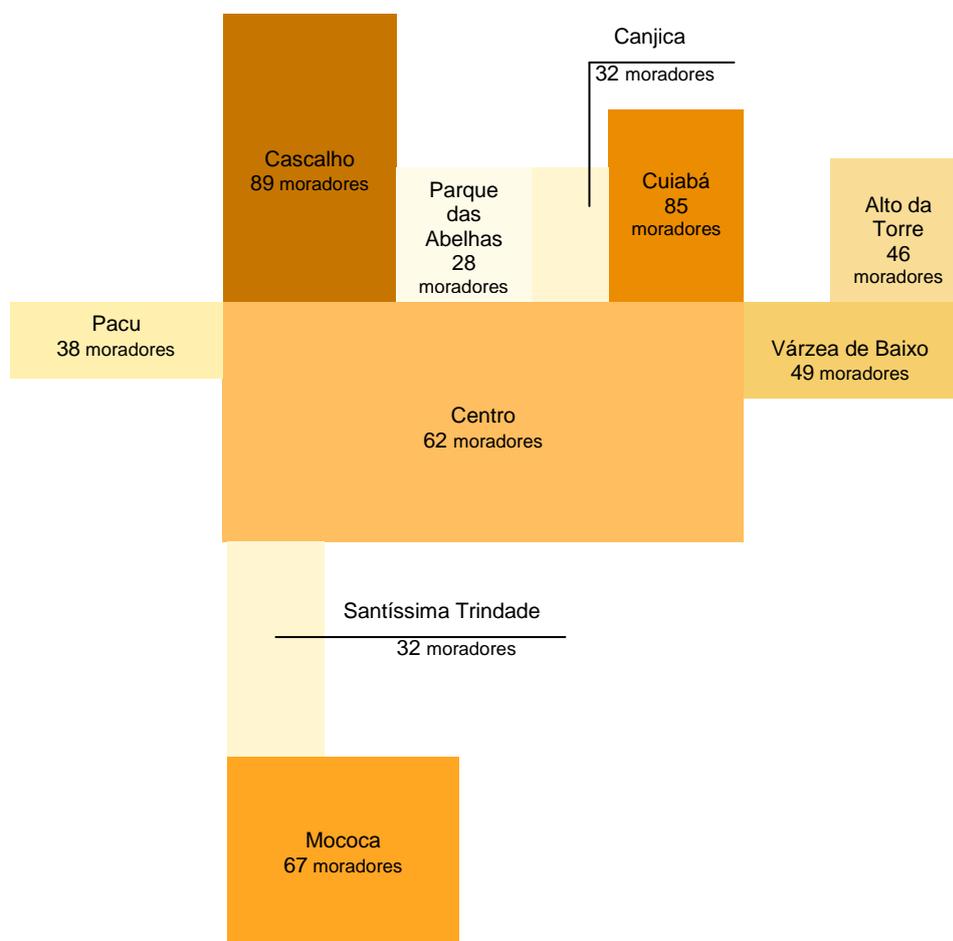


Figura 46: Esquema de localização dos lugares de moradia do total de moradores envolvidos na pesquisa.

### 3.3.2. Características arquitetônicas dos lugares de moradia

Visando identificar as características arquitetônicas dos lugares de moradia dos moradores entrevistados foram levantados os seguintes dados a respeito dos imóveis<sup>10</sup>: número de pavimentos, afastamentos, existência e utilização de áreas livres, número de cômodos, número de quartos, tipologia e materiais de vedação dos vãos, materiais e revestimentos e cores predominantes dos elementos das fachadas.

<sup>10</sup> Ressalta-se que, como descrito no item Introdução, os entrevistados foram escolhidos de forma aleatória. Desta forma, as características descritas a seguir correspondem a uma tipologia média baseada apenas nas moradias dos entrevistados e não do total de imóveis residenciais da cidade de Tiradentes.



Para organizar os dados coletados foram elaborados quadros específicos para cada faixa de ocupação da cidade, contando com as características arquitetônicas médias das moradias e com imagens dos imóveis pesquisados. Esta divisão foi necessária, visto que, as características das moradias são bastante diferenciadas em cada uma das faixas de ocupação da cidade.

	Características arquitetônicas	
<b>Alto da Torre</b>	<p><b>Implantação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• possui afastamento frontal</li> <li>• não possui afastamentos laterais ou possui afastamento nas duas laterais</li> <li>• possui área livre utilizada como quintal</li> </ul>	 
	<p><b>Edificação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 01 pavimento</li> <li>• 02 até 07 cômodos</li> <li>• 02 quartos</li> <li>• cobertura em laje de concreto</li> <li>• vãos com vergas retas</li> <li>• esquadrias de ferro e vidro</li> <li>• esquadrias sem pintura</li> <li>• fachadas revestidas com reboco ou sem revestimento</li> <li>• fachadas sem pintura</li> </ul> <p>indícios de construção futura de segundo pavimento</p>	  

Figura 48: Quadro de identificação das características arquitetônicas dos lugares de moradia situados no Alto da Torre.



Características arquitetônicas		
<b>Canjica</b>	<p><b>Implantação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• possui afastamento frontal</li> <li>• não possui afastamentos laterais</li> <li>• possui área livre utilizada como quintal</li> </ul>	 
	<p><b>Edificação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 01 ou 02 pavimentos</li> <li>• 05 até 08 cômodos</li> <li>• 02 quartos</li> <li>• cobertura em 04 águas</li> <li>• telhas do tipo plan</li> <li>• vãos com vergas retas</li> <li>• esquadrias de ferro e vidro</li> <li>• esquadrias pintadas de marrom ou azul</li> <li>• fachadas revestidas com reboco ou reboco e chapisco</li> <li>• fachadas pintadas nas cores cinza, bege, branco ou amarelo</li> </ul> <p>varandas nos pavimentos superiores</p>	  

Figura 48: Quadro de identificação das características arquitetônicas dos lugares de moradia situados na Canjica.



Características arquitetônicas		
<b>Cascalho</b>	<p><b>Implantação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• possui ou não afastamento frontal</li> <li>• não possui afastamentos laterais ou possui afastamento nas duas laterais</li> <li>• possui área livre utilizada como quintal</li> </ul>	 
	<p><b>Edificação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 01 pavimento</li> <li>• 06 até 09 cômodos</li> <li>• 03 quartos</li> <li>• cobertura em 02 águas com cumeeira paralela a fachada frontal ou laje de concreto</li> <li>• telhas do tipo francesa ou plan</li> <li>• vãos com vergas retas ou em arco abatido</li> <li>• esquadrias de ferro e vidro ou madeira e vidro</li> <li>• esquadrias pintadas de marrom, cinza, verde ou branco</li> <li>• fachadas revestidas com reboco ou reboco e chapisco</li> <li>• fachadas pintadas nas cores cinza, bege ou branco</li> </ul> <p>varandas nos pavimentos superiores</p>	  

Figura 49: Quadro de identificação das características arquitetônicas dos lugares de moradia situados no Cascalho.



Características arquitetônicas	
<b>Centro</b>	<p><b>Implantação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• não possui afastamento frontal</li> <li>• não possui afastamentos laterais ou possui afastamento em uma das laterais</li> <li>• possui área livre utilizada como quintal ou horta</li> </ul>
	<p><b>Edificação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 01 pavimento</li> <li>• 06 até 11 cômodos</li> <li>• 02 a 04 quartos</li> <li>• cobertura em 02 águas com cumeeira paralela a fachada frontal ou em 04 águas</li> <li>• telhas do tipo francesa ou colonial</li> <li>• vãos com vergas retas</li> <li>• esquadrias de madeira e vidro</li> <li>• esquadrias pintadas de vermelho, azul ou verde ou madeira natural</li> <li>• fachadas revestidas com reboco ou reboco e chapisco</li> <li>• fachadas pintadas de branco</li> <li>• moldura de madeira nos vãos</li> </ul>



Figura 50: Quadro de identificação das características arquitetônicas dos lugares de moradia situados no Centro.



Características arquitetônicas		
<b>Cuiabá</b>	<p><b>Implantação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• possui afastamento frontal</li> <li>• não possui afastamentos laterais ou possui afastamento nas duas laterais</li> <li>• possui área livre utilizada como quintal</li> </ul>	 
	<p><b>Edificação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 01 pavimento</li> <li>• 05 até 08 cômodos</li> <li>• 02 ou 03 quartos</li> <li>• cobertura em 04 águas ou laje de concreto</li> <li>• telhas do tipo plan</li> <li>• vãos com vergas retas</li> <li>• esquadrias de ferro e vidro ou madeira e vidro</li> <li>• esquadrias sem pintura</li> <li>• fachadas revestidas com reboco</li> <li>• fachadas pintadas nas cores cinza, rosa ou branco ou sem pintura</li> <li>• indícios de construção futura de segundo pavimento</li> </ul>	  

Figura 51: Quadro de identificação das características arquitetônicas dos lugares de moradia situados no Cuiabá.



	Características arquitetônicas
<b>Mococa</b>	<p><b>Implantação</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• possui ou não afastamento frontal</li><li>• possui afastamentos nas duas laterais</li><li>• possui área livre utilizada como quintal</li></ul> <p><b>Edificação</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• 01 pavimento</li><li>• 05 ou 06 cômodos</li><li>• 02 ou 03 quartos</li><li>• cobertura em laje de concreto</li><li>• vãos com vergas retas</li><li>• esquadrias de ferro e vidro ou madeira e vidro</li><li>• esquadrias pintadas de branco ou azul ou sem pintura</li><li>• fachadas revestidas com reboco ou sem revestimento</li><li>• fachadas pintadas de branco ou sem pintura</li></ul>     

Figura 52:  
Quadro de  
identificação  
das  
características  
arquitetônicas  
dos lugares de  
moradia  
situados na  
Mococa.



	Características arquitetônicas
<b>Pacu</b>	<p><b>Implantação</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• possui afastamento frontal</li><li>• não possui afastamentos laterais</li><li>• possui área livre utilizada como quintal ou horta</li></ul> <p><b>Edificação</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• 01 pavimento</li><li>• 05 até 07 cômodos</li><li>• 02 a 04 quartos</li><li>• cobertura em laje de concreto</li><li>• vãos com vergas retas</li><li>• esquadrias de ferro e vidro</li><li>• esquadrias pintadas de marrom ou sem pintura</li><li>• fachadas revestidas com reboco</li><li>• fachadas pintadas de branco ou sem pintura</li></ul>



Figura 53:  
Quadro de  
identificação  
das  
características  
arquitetônicas  
dos lugares de  
moradia  
situados no  
Pacu.



Características arquitetônicas	
Parque das Abelhas	<p><b>Implantação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• possui afastamento frontal</li> <li>• não possui afastamentos laterais ou possui afastamento nas duas laterais</li> <li>• possui área livre utilizada como quintal, jardim ou horta</li> </ul>
	<p><b>Edificação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 01 ou 02 pavimentos</li> <li>• 06 até 08 cômodos</li> <li>• 03 a 05 quartos</li> <li>• cobertura em 02 águas com cumeeira paralela a fachada frontal ou em 04 águas</li> <li>• telhas do tipo plan ou colonial</li> <li>• vãos com vergas em arco abatido</li> <li>• esquadrias de madeira e vidro</li> <li>• esquadrias pintadas de marrom</li> <li>• fachadas revestidas com reboco</li> <li>• fachadas pintadas nas cores rosa, bege, branco ou amarelo</li> </ul>



Figura 54: Quadro de identificação das características arquitetônicas dos lugares de moradia situados no Parque das Abelhas.



Características arquitetônicas	
<b>Santíssima Trindade</b>	<p><b>Implantação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• possui afastamento frontal</li> <li>• não possui afastamentos laterais ou possui afastamento em uma das laterais</li> <li>• possui área livre utilizada como quintal ou horta</li> </ul>
	<p><b>Edificação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 01 pavimento</li> <li>• 07 até 10 cômodos</li> <li>• 03 ou 04 quartos</li> <li>• cobertura em 02 águas com cumeeira paralela a fachada frontal</li> <li>• telhas do tipo francesa</li> <li>• vãos com vergas retas</li> <li>• esquadrias de madeira e vidro</li> <li>• esquadrias pintadas de azul, vermelho ou amarelo</li> <li>• fachadas revestidas com reboco ou reboco e chapisco</li> <li>• fachadas pintadas de branco</li> <li>• moldura de madeira nos vãos</li> </ul>



Figura 55: Quadro de identificação das características arquitetônicas dos lugares de moradia situados na Santíssima Trindade.



	Características arquitetônicas	
<b>Várzea de Baixo</b>	<p>Implantação</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• possui afastamento frontal</li><li>• possui afastamento em uma ou duas laterais</li><li>• possui área livre utilizada como quintal ou horta</li></ul>	 
	<p>Edificação</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• 01 pavimento</li><li>• 05 ou 06 cômodos</li><li>• 02 ou 03 quartos</li><li>• cobertura em laje de concreto</li><li>• vãos com vergas retas</li><li>• esquadrias de ferro e vidro</li><li>• esquadrias pintadas de verde ou azul ou sem pintura</li><li>• fachadas revestidas com reboco ou sem revestimento</li><li>• fachadas pintadas nas cores branco ou cinza ou sem pintura</li></ul>	  

Figura 56: Quadro de identificação das características arquitetônicas dos lugares de moradia situados na Várzea de Baixo.



### 3.3.3. As relações entre Comunidade Local e os lugares de moradia

Para identificar as relações entre a comunidade local de Tiradentes e seus lugares de moradia, os entrevistados foram questionados a respeito da propriedade dos imóveis, do tempo e motivação para residir nas moradias atuais, intenção e respectiva motivação para permanecer ou mudar de residência, o que acham do imóvel que residem, como a preservação de Tiradentes influencia no lugar de moradia, como a preservação do lugar de moradia influencia em Tiradentes e como o turismo influencia no lugar de moradia.

A maioria das famílias entrevistadas reside em **imóveis próprios**, correspondendo a **85,9%**. Aquelas que residem em **imóveis alugados** correspondem a **14,1%**. Destes imóveis, 40% possui o valor do aluguel entre R\$ 200,00 e R\$ 299,00, 25% entre R\$ 300,00 e R\$ 399,00. Aqueles que possuem aluguel acima de R\$400,00 correspondem a 15%, 10% possui o valor do aluguel entre R\$100,00 e R\$ 199,00, 5% possui aluguel inferior a R\$ 100,00 e 5% dos entrevistados não soube responder esta pergunta.

Existe apenas uma família que possui **residência secundária**, o que corresponde a **0,7%** das entrevistas. Esta residência encontra-se situada na cidade de Belo Horizonte.

As famílias que possuem **outros imóveis** além daquele no qual residem correspondem a **14,8%**. Entre estas 14,3%, ou seja, apenas três famílias possuem dois imóveis. Estes estão localizados em cada um dos casos: no Centro de Tiradentes e em São João del Rei, no Alto da Torre e na Mococa, no Alto da Torre e no Pacu. As demais famílias possuem apenas um imóvel além do que residem. Estes se encontram localizados: no Cascalho (23,8%), no Centro (19,2%), no Cuiabá, na Mococa e na Santíssima Trindade (9,4%), no Parque das Abelhas, na Canjica e no Alto da Torre (4,8%).

Quanto ao **tempo de residência no imóvel atual**, 21,8% respondeu de 1 a 5 anos, 18,3% de 11 a 20 anos, 18,3% de 21 a 30 anos, 14,1% de 6 a 10 anos. Aqueles que residem a menos de 1 ano no imóvel atual correspondem a 12,7%. Outros 7,8% estão entre 31 e 40 anos, 3,5% entre 41 e 50 anos e 3,5% residem a mais de 50 anos no mesmo local.



Os moradores que sempre residiram no mesmo imóvel em Tiradentes correspondem a 71,1% e aqueles que já moraram em outros correspondem a 28,9%. Destes últimos 31,7% morava anteriormente no Centro de Tiradentes, 15,8% no Cascalho, 9,9% na Santíssima Trindade, 8,9% na Várzea de Baixo, 8,9% no Pacu, 7,9% no Cuiabá, 6,9% no Alto da Torre, 4,0% na Mococa, 3,0% na Canjica e 1,0% no Parque das Abelhas e 2,0% não soube responder.

A **motivação para morarem no imóvel atual** está ligada aos seguintes fatores:

- **Possuem a propriedade dos imóveis**
- **Mudaram para a residência atual quando se casaram**
- **Venderam ou alugaram as residências anteriores e compraram a atual**
- **Queriam uma residência com melhor localização**
- **Queriam uma residência melhor**

Os entrevistados que vêem no fato de serem **proprietários do imóvel** a maior motivação para residir no local atual correspondem a **24,7%**.

Porque o aluguel era caro e conseguimos comprar esta casa (Entrevistado n.º15).

Esta casa é própria (Entrevistado n.º 93).

O fato de **terem se casado**, corresponde a **14,4%** das respostas.

Vim quando casei (Entrevistado n.º 19).

Porque minha esposa já morava aqui (Entrevistado n.º 35).

Aqueles que **venderam ou alugaram seus imóveis anteriores** e compraram os atuais correspondem a **11,4%**. Este procedimento é muito comum entre aqueles que possuíam imóveis no Centro Histórico e que buscando aproveitar sua super valorização, venderam estes imóveis e compraram outros em locais mais afastados. Existem ainda aqueles que venderam os imóveis que possuíam no Centro Histórico por não terem condições financeiras de manter seu adequado estado de conservação exigido pelo tombamento.

Vendi uma e comprei a outra (Entrevistado n.º 63).

Estava difícil conservar a casa no Centro Histórico e o Patrimônio não ajudava. Na época mandei uma carta para o Rio de Janeiro e ninguém veio ver. Então vendi e me mudei para cá (Entrevistado n.º 125).



Existem, ainda, aqueles que escolheram a residência atual devido à **qualidade do local** em que ela se situa, correspondendo **9,1%**. Este fator está ligado sobretudo à existência de lugares na cidade de difícil acesso e com infraestrutura insuficiente.

Aqui é mais perto para as crianças irem para a escola (Entrevistado n.º 40).

Lá o lugar não era bom. Tinha muito cavalo perto, água parada (Entrevistado n.º 65).

Alguns entrevistados procuraram uma **residência melhor** por considerarem a antiga inadequada para abrigar sua família, totalizando **7,0%** das respostas. Este fator está normalmente relacionado à insatisfação quanto ao tamanho e/ou ao número de quartos das edificações.

Mudei porque aqui é mais espaçoso (Entrevistado n.º 07).

Moramos aqui porque estávamos insatisfeitos com a casa antiga (Entrevistado n.º 50).

Os demais moradores têm como principal motivação para residirem no imóvel atual fatores diversos: morar com parentes, ter recebido o imóvel como herança, ter ganho o terreno, ter nascido no imóvel, sair da casa dos pais, ficar perto da família, ter se separado, gostar do imóvel, gostar do lugar aonde o imóvel se encontra, ou ainda, por ser o único imóvel que conseguiu achar ou que conseguiu pagar. Cada uma destas respostas totalizou menos de 5,0%, sendo assim desconsideradas individualmente. Os moradores que não souberam responder a questão correspondem a 5,6%.

Do total de entrevistados, **83,8% não possui a intenção de mudar de residência**. Dos **16,2%** que **gostaria de trocar de residência**, 26,1% gostaria de ir para o Centro, 17,4% para o Cascalho, 17,4% para o Parque das Abelhas, 13,0% para a Mococa, 8,7% para o Alto da Torre e 4,4% para o Cuiabá. Destaca-se que 13,0% gostaria de mudar para qualquer outro lugar na cidade.

Entre os 83,8% que **pretende permanecer** na mesma residência, as **motivações** para isto estão relacionadas aos seguintes aspectos:

- **Gostar do imóvel**
- **Gostar da localização do imóvel**
- **Ter se acostumado com o imóvel**
- **Considerar todos os lugares iguais na cidade**



**Gostar do imóvel** em que reside foi citado por **46,0%** dos moradores como fator de motivação para a permanência no mesmo.

Gosto desta casa (Entrevistado n.º 95).

Gosto e estou satisfeita aqui (Entrevistado n.º 131).

Os entrevistados que destacaram o fato de gostarem da **localização do imóvel**, correspondem a **32,0%**. Este fato está ligado sobretudo a tranquilidade de determinados lugares e a proximidade com os locais de trabalho, serviço e consumo dos moradores.

Aqui é um dos lugares mais tranquilos da cidade (Entrevistado n.º 113).

Moro no Centro, não vou me mudar para um bairro. Aqui é perto de tudo (Entrevistado n.º 133).

Aqueles que permanecem na mesma residência por **terem se acostumado** totalizam **6,8%** das respostas.

Porque acostumei (Entrevistado n.º 25).

Me acostumei. Aqui a gente conhece todo mundo (Entrevistado n.º 45).

Aqueles que acham **todos os lugares iguais** na cidade, e consequentemente consideram que não faria diferença mudar de residência, correspondem a **5,0%** dos entrevistados.

Todos os lugares são iguais (Entrevistado n.º 10).

Aqui todos os bairros são a mesma coisa (Entrevistado n.º 34).

Os demais entrevistados pretendem permanecer na residência atual por motivos como ficar perto dos amigos, ter nascido ou morado a vida toda no mesmo imóvel ou devido ao fato da residência ser própria. Cada uma destas respostas totalizou menos de 5,0%, sendo assim desconsideradas individualmente. Aqueles que não souberam responder totalizam 5,0%.

Os 16,2% dos moradores que **pretendem mudar** de residência tem como principal **motivação** para isto os seguintes fatores:

- **Gostar mais de outro lugar em Tiradentes**
- **Mudar para uma residência com melhor localização**
- **Considerar a residência atual inadequada**
- **Voltar para o imóvel anterior**



Aqueles que possuem a intenção de mudar de residência para ir para um **lugar que gostam mais** totalizam **34,8%**. Normalmente o lugar a que se referem é ao Centro Histórico, principalmente pela beleza do local.

Queria morar na Rua Direita, lá é lindo (Entrevistado n.º 05).  
Gostaria de uma casa no Centro Histórico porque lá é mais bonito (Entrevistado n.º 13).

A intenção de mudar para uma residência com **melhor localização** corresponde à opinião de **21,8%** dos entrevistados. Este fator está presente, sobretudo, nas entrevistas realizadas em locais mais afastados do Centro e de difícil acesso principalmente para idosos e crianças.

Queria mudar para sair do morro (Entrevistado n.º 66).  
Aqui no Alto da Torre é muito longe (Entrevistado n.º 98).

Aqueles que consideram a **residência atual inadequada** correspondem a **8,7%**. Este fator está relacionado sobretudo às reduzidas dimensões das edificações.

A casa é pequena (Entrevistado n.º 03).  
Aqui não temos conforto, é muito pequeno (Entrevistado n.º 132).

Os moradores que gostariam de **voltar para o imóvel anterior** por considerarem este melhor que o atual, totalizam **8,7%**.

Minha casa antiga era melhor (Entrevistado n.º 82).  
Queria voltar para a minha casa no Centro Histórico. Gostava mais de lá (Entrevistado n.º 118).

Os demais entrevistados gostariam de mudar de residência para ir para um imóvel melhor ou para um imóvel próprio. Cada uma destas respostas totalizou menos de 5,0%, sendo assim desconsideradas individualmente. Aqueles que não souberam responder totalizam 17,4%.

Quando questionados sobre **o que acham do imóvel no qual residem**, os principais comentários dos moradores são:

- **Gosto da casa**
- **A casa precisa de obras**
- **A casa é boa**
- **A casa é pequena**



Aqueles que **gostam da casa** totalizam **50,0%** das respostas.

Gosto como está (Entrevistado n.º 12).

Gosto muito (Entrevistado n.º 23).

Os que consideram que a casa **precisa de obras** correspondem a **13,4%**. Estas obras estão normalmente ligadas a algum tipo de descaracterização das edificações ou até mesmo a alterações não permitidas pela legislação vigente.

Vou fazer o 2º pavimento (Entrevistado n.º 49).

Queria rebocar. Se pudesse faria um prédio (Entrevistado n.º 66).

Do total de entrevistados, **13,4%** considera sua **casa boa**.

A casa é boa (Entrevistado n.º 29).

Boa. Graças a Deus (Entrevistado n.º 127).

Aqueles que consideram sua **casa pequena** totalizam **8,5%**. Observa-se que entre estes muitos manifestam a vontade de ampliar ou acrescentar cômodos em suas residências.

Ainda não acabei de fazer. Queria aumentar (Entrevistado n.º 78).

Queria ter mais um cômodo (Entrevistado n.º 83).

Os demais entrevistados consideram a casa ótima, razoável ou regular. Existem ainda aqueles que não gostam da casa. Cada uma destas respostas totalizou menos de 5,0%, sendo assim desconsideradas individualmente. Aqueles que não souberam responder totalizam 8,4%.

Quando questionados sobre como a **preservação da cidade de Tiradentes influencia em seu lugar de moradia**, a maioria dos entrevistados respondeu que **não existe influencia alguma**, totalizando **80,4%** das respostas. Muitos destes consideram que esta influência não existe por acreditarem que a preservação e as normas de intervenção se restringem apenas ao Centro.

Neste bairro não interfere (Entrevistado n.º 38).

Não influencia (Entrevistado n.º 80).

Entre os que consideram que esta influência existe, destacam-se aqueles que responderam que ela existe na medida que **não são permitidas alterações nas edificações**, principalmente modificações nos telhados e construção de anexos ou ampliações nas edificações, totalizando **6,3%** das respostas.

Influencia porque a gente é pobre. Dá uma goteira, não pode mexer no telhado. O ruim é isso, e a gente não tem quem dê



uma ajuda. O Patrimônio vem logo... A tal de Isabel (Entrevistado n.º 25).

Não foi possível construir uma varanda (Entrevistado n.º 54).

Os demais entrevistados consideram que a preservação da cidade influencia na moradia **valorizando os terreno e os imóveis, reduzindo a área de construção e/ou o número de pavimentos das edificações e não permitindo alteração e melhorias nas ruas.**

Influencia na valorização do terreno (Entrevistado n.º 11).

Aqui o problema é sério. Você não pode usar o terreno todo. As vezes a gente faz um investimento alto e perde dinheiro. Aqui você não pode construir dois pavimentos, não pode construir no fundo do lote. Tem prejudicado muito. Tem muita gente sendo processada. Gente pobre que constrói e perde dinheiro (Entrevistado n.º 06).

O patrimônio prejudica a cidade. As ruas acabam com os carros. Aqui poderia ser asfaltado (Entrevistado n.º 15).

Cada uma destas respostas totalizou menos de 5,0%, sendo assim desconsideradas individualmente. Aqueles que não souberam responder totalizam 4,2%.

Quando questionados sobre como a **preservação do lugar de moradia influencia na preservação da cidade de Tiradentes**, a maioria dos entrevistados respondeu que **não existe influencia alguma**, totalizando **77,5%** das respostas. Muitos destes consideram que esta influência não existe por acreditarem que a preservação e as normas de intervenção se restringem apenas ao Centro.

Aqui não tem influência. Eu poderia construir na parte dos fundos sem prejudicar nada (Entrevistado n.º 06).

Não influencia (Entrevistado n.º 54).

Entre os que consideram que esta influência existe, destacam-se aqueles que responderam que ela ocorre na medida em que **todos têm que colaborar** um pouco para **garantir a preservação da cidade**, totalizando **18,3%** das respostas.

Na medida em que se preserva a casa, se cuida de tudo. É a parte do todo (Entrevistado n.º 03).

Cada um tem que fazer a sua parte para o bem da cidade (Entrevistado n.º 25).

Os demais entrevistados consideram que a preservação da moradia influencia na cidade **valorizando o imóvel e incentivando o turismo.**



Tudo que foge a regra desvaloriza o imóvel (Entrevistado n.º 21).

A cidade fica mais atrativa para o turista (Entrevistado n.º 18).

Cada uma destas respostas totalizou menos de 5,0%, sendo assim desconsideradas individualmente. Aqueles que não souberam responder totalizam 2,8%.

Quando questionados sobre como o **turismo influencia no lugar de moradia**, a maioria dos entrevistados respondeu que **não existe influencia** alguma, totalizando **64,1%** das respostas. Muitos destes consideram que esta influência não existe por morarem afastados do Centro onde é maior a presença de visitantes e eventos.

Não influencia em nada por que estou longe do Centro (Entrevistado n.º 01).

Não influencia (Entrevistado n.º 76).

Entre os que consideram que esta influência existe, destacam-se aqueles que responderam que a influencia é positiva pois o **turismo é de modo geral bom para a cidade**, totalizando **11,3%** das opiniões.

O turista traz dinheiro para a gente (Entrevistado n.º 66).

Acho ótimo o turismo. É a nossa sobrevivência (Entrevistado n.º 77).

Aqueles que consideram que a maior influencia do turismo em suas residências é o fato da **realização de eventos prejudicarem a sua tranqüilidade e causarem problemas na infra-estrutura da cidade** totalizam **9,8%**.

No Carnaval prejudica tudo. Fica um inferno e falta água (Entrevistado n.º 03).

Incomoda o Carnaval e outros eventos. A cidade fica suja (Entrevistado n.º 38).

Os moradores que recebem influencia mais direta do turismo em seu local de moradia são aqueles que **alugam cômodos** de suas residências durante os períodos de férias, feriados e eventos. Estes correspondem a **6,3%** dos entrevistados.

Alugo quartos. Todos vivem do turismo (Entrevistado n.º 05).

A minha casa torna-se uma verdadeira pousada nas férias e festas (Entrevistado n.º 126).



Os demais entrevistados consideram que o turismo influencia na moradia porque **valoriza o imóvel** e porque esta atividade atrai muitas pessoas para a cidade **prejudicando a segurança dos moradores**.

Valoriza a casa (Entrevistado n.º 10).

Quando tem muita gente na cidade temos que manter os portões fechados (Entrevistado n.º 06).

Cada uma destas respostas totalizou menos de 5,0%, sendo assim desconsideradas individualmente. Aqueles que não souberam responder totalizam 2,1%.

Os dados apresentados permitem algumas considerações a respeito das relações entre a comunidade local e os lugares de moradia. Destaca-se que, em média, as moradias dos entrevistados possuem 7,1 cômodos, sendo que destes 2,7 são quartos e que a **média de pessoas em cada residência é de 3,7 pessoas**. Considerando-se que a família típica identificada é formada por um casal e dois a três filhos, percebe-se que, em média, as famílias estão bem acomodadas em suas residências que, além de bem dimensionadas, possuem, em sua maioria, áreas livres utilizadas predominantemente como quintais.

Porém ao considerar-se a média de pessoas em cada residência separadamente para cada faixa de ocupação observa-se que quanto mais afastada do Centro, maior é a ocupação de cada edificação residencial.<sup>11</sup> Ou seja, no Centro e nas faixas próximas como Parque das Abelhas e Santíssima Trindade, a média de pessoas em cada residência é menor que a média geral de todas as faixas de ocupação. Nas faixas de ocupação pouco afastadas do Centro, como Cuiabá, Várzea de Baixo e Pacu, a média de pessoas em cada residência é igual à média geral de todas as faixas de ocupação. Nas faixas de ocupação mais afastadas do Centro, como Cascvalho, Mococa e Alto da Torre, o número de pessoas em cada residência é maior que a média geral de todas as faixas de ocupação.

<sup>11</sup> A sigla ppr que se encontra na figura 57 significa número de pessoas por residência.

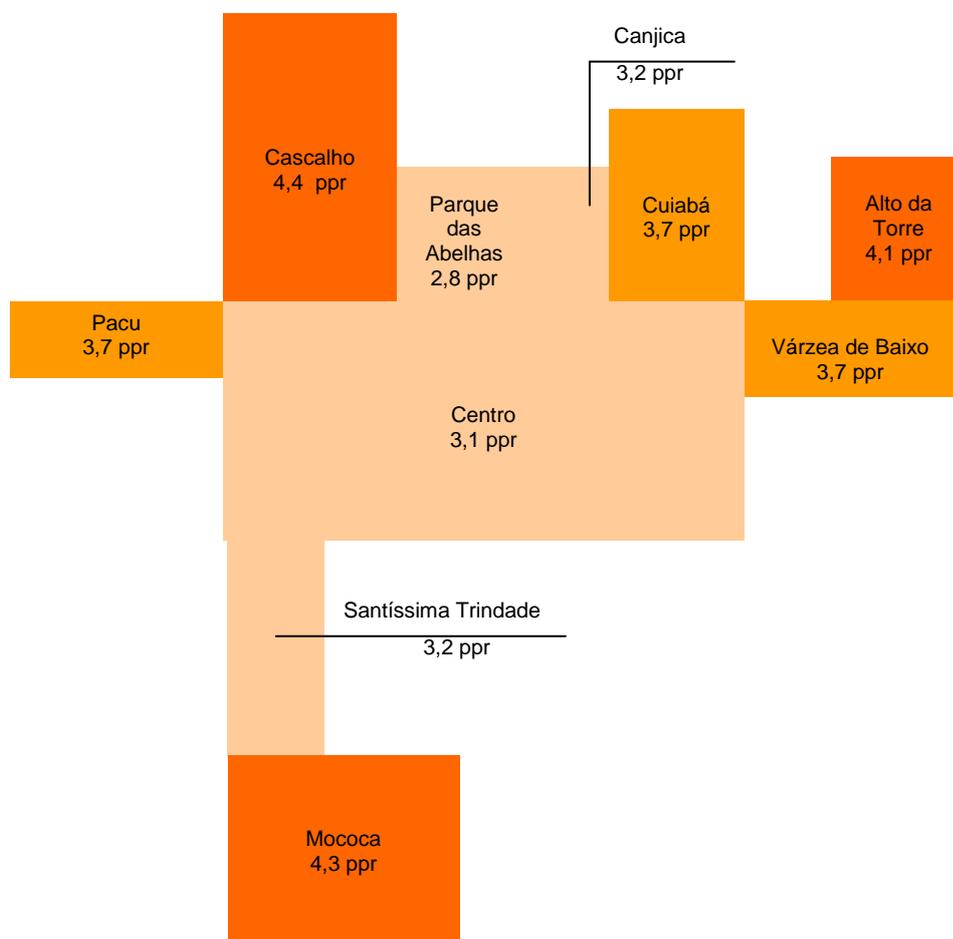


Figura 57: Esquema da média do número de pessoas por residência em cada uma das faixas de ocupação.

Ainda assim, pode-se considerar que os moradores encontram-se bem acomodados em suas residências. Esta observação é destacada pelo fato de que a metade dos moradores diz gostar de sua casa e pela constatação de que a grande maioria dos entrevistados não possui intenção de mudar de residência. O principal fator de motivação para esta permanência está em valores afetivos (como gostar do imóvel ou gostar da localização do imóvel).

Apesar da permanência dos moradores nos imóveis estar ligada a valores afetivos, a escolha pelo local atual de moradia ocorreu predominantemente pelos aspectos econômicos, sobretudo ao fato de serem proprietários dos imóveis. Cabe aqui lembrar que 85,9% do total de moradores entrevistados possui a propriedade do seu lugar de moradia e que 71,1% nunca morou em outro imóvel. Demonstra-se então, que a grande permanência nos lugares de residência e conseqüente permanência na cidade também pode estar relacionada com a noção de propriedade.



Os entrevistados não identificam nenhuma influência da preservação da cidade e do turismo em seus lugares de moradia e nenhuma influência da preservação dos lugares de moradia na preservação da cidade.

### 3.4. Características dos lugares de trabalho da Comunidade Local

#### 3.4.1. Localização dos lugares de trabalho

Do total de pessoas envolvidas na pesquisa, ou seja, 524 pessoas, 193 trabalham. Destes, 97,4% trabalha em Tiradentes e os 2,6% restante trabalha na cidade de São João del Rei. Dos 188 que trabalham em Tiradentes, **45,7% trabalha no Centro**, 5,3% no Cascalho, 4,3% na Santíssima Trindade, 4,3% no Cuiabá, 4,3% na Canjica, 3,2% no Pacu, 3,2% na Várzea de Baixo, 2,1% na Mococa, 1,6% no Alto da Torre e 1,0% no Parque das Abelhas. Aqueles que não possuem local fixo de trabalho correspondem a 25,5 % dos entrevistados.

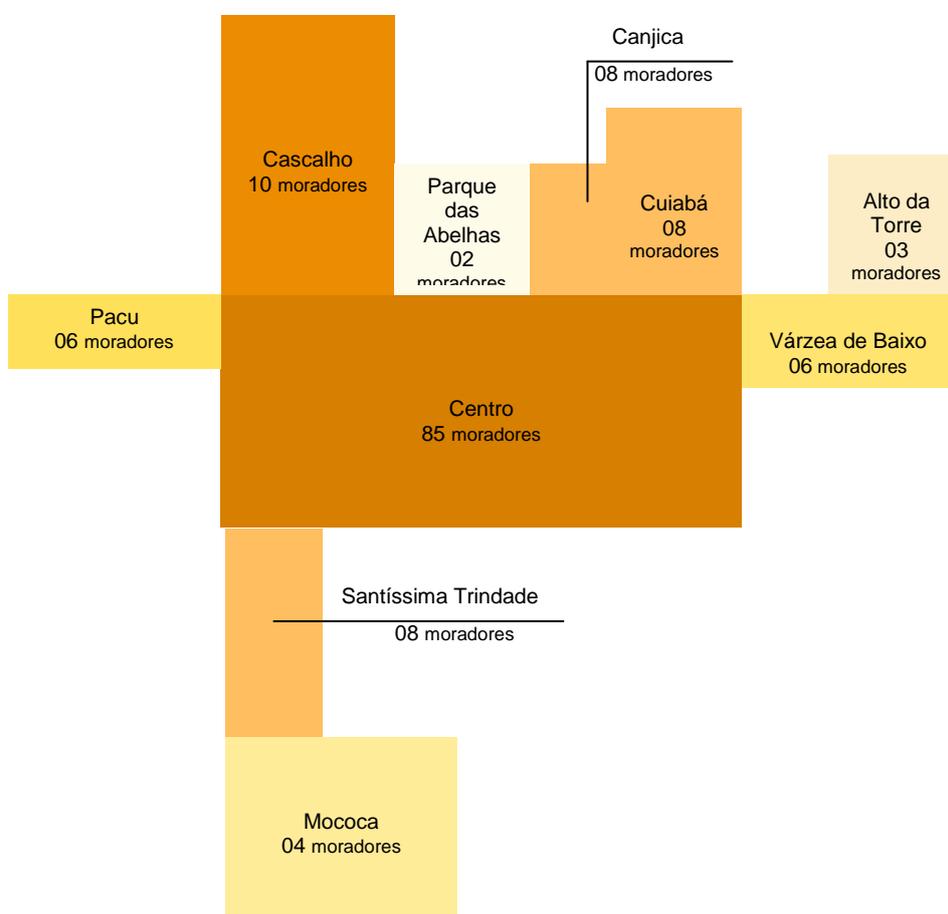


Figura 58: Esquema de localização dos lugares de trabalho do total de moradores envolvidos na pesquisa.



Especificamente entre os 142 entrevistados, 54 trabalham. Destes, 94,5% trabalha em Tiradentes e os demais 5,5% trabalha na cidade de São João del Rei. Dos 51 que trabalham em Tiradentes, **35,2% trabalha no Centro**, 5,9% no Cascalho, 5,9% na Santíssima Trindade, 5,9% na Canjica, 3,9% no Cuiabá, 3,9% no Pacu, 3,9% na Várzea de Baixo, 2,0% na Mococa, 2,0% no Alto da Torre. Aqueles que não possuem local fixo de trabalho correspondem a 31,4% dos entrevistados.

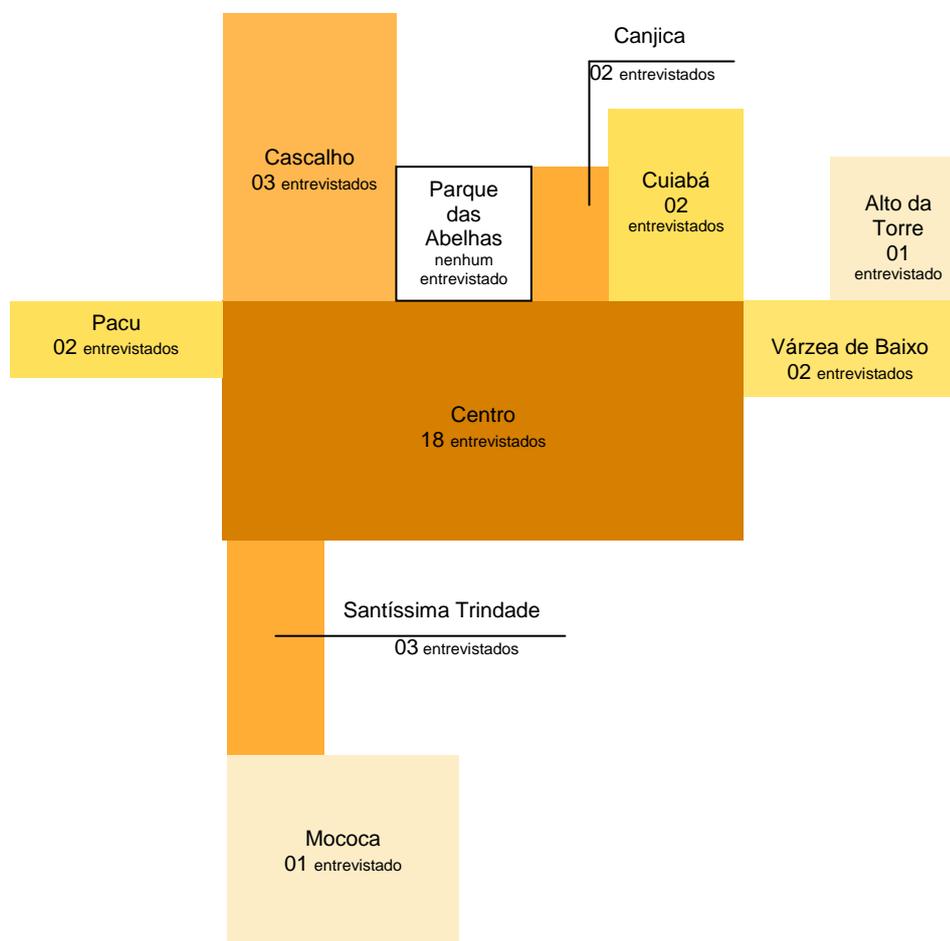


Figura 59:  
Esquema de localização dos lugares de trabalho dos moradores entrevistados.

### 3.4.2. Características arquitetônicas dos lugares de trabalho

Visando identificar as características espaciais dos lugares de trabalho dos moradores entrevistados foram elaborados quadros com imagens destes lugares.



Como a maioria dos entrevistados trabalha no Centro, para elaborar os quadros foram levados em consideração os imóveis comerciais situados neste local divididos em categorias, de acordo com suas atividades predominantes: pousadas e hotéis, bares e restaurantes e lojas de souvenirs e artesanato. Também foram considerados os locais de trabalho situados nas demais faixas de ocupação, ou seja, fora do Centro, que tem como atividades predominantes: padarias, bares e mercadinhos.<sup>12</sup>

<b>Centro</b>	Pousadas e hotéis		
			
	Bares e restaurantes		
			

<sup>12</sup> Ressalta-se que os quadros apresentados foram elaborados a partir de uma observação in loco e não de uma análise aprofundada, pois seu objetivo é apenas ilustrar os dados a respeito dos locais de trabalho dos moradores entrevistados.



Figura 60:  
Quadro de identificação das características arquitetônicas e usos dos lugares de trabalho situados no Centro.

<b>Centro</b>	Lojas de souvenirs e artesanato		
			

Figura 61:  
Quadro de identificação das características arquitetônicas e usos dos lugares de trabalho situados fora do Centro.

<b>Outras faixas de ocupação</b>	Padarias		Pousadas e hotéis	
	Bares		Restaurantes	
	Mercadinhos		Lojas de artesanato	



### 3.4.3. As relações entre Comunidade Local e os lugares de trabalho

Para identificar as relações entre a comunidade local e os lugares de trabalho, os entrevistados foram questionados a respeito do tempo de permanência no trabalho atual, meio de transporte utilizado para ir trabalhar, motivação para trabalhar no lugar atual, adequação do lugar de trabalho, intenção e motivação para mudar ou permanecer no lugar de trabalho atual, como a preservação de Tiradentes influencia no lugar de trabalho, como a preservação do lugar de trabalho influencia em Tiradentes e como o turismo influencia no lugar de trabalho.

Quanto ao **tempo de permanência** no mesmo local de trabalho, 28,7% está há mais de 10 anos no mesmo emprego, 22,9% entre 1 e 5 anos, 17,1% entre 6 meses e 1 ano, 14,3% entre 1 e 6 meses, 11,4% entre 5 e 10 anos e 5,7% está no trabalho atual a menos de 1 mês.

Entre os entrevistados, 56,9% nunca trabalhou em outro emprego antes do atual. Os demais tiveram outros trabalhos situados nos seguintes locais: Centro Histórico (31,5%), Cascalho, Cuiabá, Santíssima Trindade e Parque das Abelhas (2,9%).

Para se deslocar da residência ao local de trabalho 51,3% dos entrevistados não utiliza nenhum **meio de transporte**, indo a pé. Aqueles que utilizam bicicleta correspondem a 8,6% e os que utilizam moto 5,7%. Apenas 2,9% utiliza carro particular para ir trabalhar. Destaca-se ainda, que 31,5% dos entrevistados trabalha em sua própria residência, não sendo necessário tal deslocamento.

A **motivação dos moradores para trabalhar no local atual** está relacionada aos seguintes aspectos:

- **O trabalho atual foi o único que conseguiu achar**
- **O trabalho atual foi o melhor que conseguiu achar**
- **O morador entrevistado é o dono do negócio**
- **O morador trabalha na própria residência**



Aqueles que trabalham no local atual por ser o **único trabalho que conseguiu achar**, correspondem a **20%** dos entrevistados.

Foi o trabalho que arrumei (Entrevistado n.º77).  
Não tive opção. Era a única escola que existia na cidade quando comecei a trabalhar (Entrevistado n.º 126).

Os moradores que consideram que **o trabalho atual foi o melhor que conseguiu achar** correspondem a **20%** dos entrevistados.

Opção melhor, ganho mais (Entrevistado n.º 20).  
Foi a melhor opção profissional que achei (Entrevistado n.º 23).

Ser o **dono do próprio negócio** é a maior motivação de trabalho de **11,4%** dos moradores.

Comprei a venda (Entrevistado n.º 15).  
Abri minha própria oficina (Entrevistado n.º 48).

**Trabalhar na própria residência** é considerado o fator de motivação para o emprego atual por **8,7%** dos entrevistados.

Aqui não pago aluguel (Entrevistado n.º 29).  
Porque aqui também é a minha casa (Entrevistado n.º 88).

Os demais moradores têm como motivação para estarem no trabalho atual os seguintes fatores: transferência, querer um trabalho fixo, gostar do contato com turistas, ter se acostumado. Cada uma destas respostas totalizou menos de 5,0%, sendo assim desconsideradas individualmente. Aqueles que não souberam responder totalizam 22,8%.

A grande maioria dos entrevistados considera o local de trabalho **adequado** para a atividade que realizam, correspondendo a 91,4% das opiniões. Entre estes, **31,2%** acha o **lugar de trabalho bom**.

É bom (Entrevistado n.º 01).  
Lá é bom (Entrevistado n.º 126).

Aqueles que acham que a **boa localização do lugar trabalho** é o que torna adequado totalizam **31,2%**.

O ponto é bom (Entrevistado n.º03).  
Não fica muito no Centro Histórico onde é a maior bagunça (Entrevistado n.º 26).

Os demais entrevistados consideram o lugar de trabalho adequado por ser tranquilo, espaçoso, organizado, próprio ou provisório. Cada uma destas



respostas totalizou menos de 5,0%, sendo assim desconsideradas individualmente. Aqueles que não souberam responder totalizam 21,6%.

Dos 8,6% que considera o local de trabalho **inadequado** para a atividade que realizam, **66,7%** justifica esta opinião destacando a **má localização do lugar trabalho** e **33,3%** considera **o local de trabalho pequeno**.

A Várzea de Baixo é muito longe (Entrevistado n.º20).  
Lá é muito pequeno (Entrevistado n.º 115).

Quanto à **intenção de mudar o local de trabalho**, **77,2% não consideram esta possibilidade**. Entre estes, os principais fatores de **motivação** para se manter no mesmo trabalho estão relacionados aos seguintes aspectos:

- **Considerar o trabalho bom**
- **Gostar do local de trabalho**

Aqueles que consideram o **trabalho bom**, correspondem a **33,3%** e aqueles que **gostam do local de trabalho** correspondem a **18,5%**.

O trabalho é bom (Entrevistado n.º 23).  
O trabalho aqui é adequado (Entrevistado n.º 133).  
Gosto de lá (Entrevistado n.º 13).  
Acho que é insubstituível, gosto muito (Entrevistado n.º 26).

Os outros entrevistados gostariam de permanecer no mesmo trabalho por considerarem bom ter permanência, por estarem ainda aprendendo a profissão ou por não pagarem aluguel. Cada uma destas respostas totalizou menos de 5,0%, sendo assim desconsideradas individualmente. Aqueles que não souberam responder totalizam 37,1%.

Os **22,8%** que **manifestaram a intenção de mudar de trabalho** tem como principal **motivação** os seguintes fatores:

- **Ir para um trabalho com localização melhor**
- **Parar de trabalhar**
- **Não gostar do trabalho atual**
- **Ir para um trabalho melhor**



Os entrevistados que gostariam de **ir para um trabalho com localização melhor** totalizam **62,5%**, aqueles que **gostariam de parar de trabalhar, não gostam do trabalho atual ou querem ir para um trabalho melhor** correspondem a **12,5%** em cada uma das respostas.

Queria ir para a Rua Direita porque a localização é melhor (Entrevistado n.º 05).

Eu queria parar de trabalhar (Entrevistado n.º 31).

Não é bem este o trabalho que quero (Entrevistado n.º 37).

Queria arrumar um trabalho melhor (Entrevistado n.º 96).

Quando questionados sobre como a **preservação Tiradentes influencia no local de trabalho**, a maioria dos entrevistados respondeu que **não existe influencia alguma**, totalizando **80,0%** das respostas.

Entre os que consideram que esta influência existe, destacam-se aqueles que responderam que ela ocorre devido ao fato do **patrimônio não ter permitido alguma alteração no imóvel** em que trabalha, totalizando **8,6%** das respostas.

Lá só tem um banheiro, o dono quis fazer outro, mas o patrimônio não permitiu (Entrevistado n.º 26).

Teve uma reforma que foi embargada duas vezes (Entrevistado n.º 126).

Os demais entrevistados consideram que a preservação de Tiradentes influencia no local de trabalho **valorizando os terrenos ou reduzindo as taxas de ocupação**.

Valoriza o terreno (Entrevistado n.º 11).

Não posso construir mais nada porque já alcancei a taxa de ocupação permitida (Entrevistado n.º 130).

Cada uma destas respostas totalizou menos de 5,0%, sendo assim desconsideradas individualmente.

Quando questionados sobre como a **preservação local de trabalho influencia em Tiradentes**, a maioria dos entrevistados respondeu que **não existe influencia alguma**, totalizando **82,9%** das respostas.

Entre os que consideram que esta influência existe, destacam-se aqueles que responderam que é necessário preservar o local de trabalho **para preservar o conjunto** e aqueles que consideram que a **preservação é boa para a cidade**, totalizando cada uma destas observações **5,7%**.

Tem relação. O Conjunto (Entrevistado n.º 05).

É bom para a cidade (Entrevistado n.º 88).



Aqueles que não souberam responder correspondem a 5,7% dos entrevistados.

Quando questionados sobre como **o turismo influencia no local de trabalho**, a maioria dos entrevistados respondeu que **não existe influencia alguma**, totalizando **42,8%** das respostas.

Entre os que consideram que esta influência existe, destacam-se aqueles que responderam que ela se deve ao fato do turismo **aumentar o movimento na cidade** e conseqüentemente a renda da população que está empregada em sua maioria neste setor, totalizando **40,0%** das respostas.

É bom porque aparecem mais turistas (Entrevistado n.º 10).  
Se não fosse o turista a gente não ganhava nada. Sem o turismo não temos renda (Entrevistado n.º 24).

Existem ainda os que consideram que esta influência está no fato dos eventos **prejudicarem o funcionamento do local de trabalho**, totalizando **8,6%** das opiniões.

No Carnaval prejudica tudo. Vira um inferno. Falta água (Entrevistado n.º 03).  
Influencia porque nos eventos a Prefeitura põe as pessoas para dormir na escola que trabalho (Entrevistado n.º 83).

Aqueles que não souberam responder correspondem a 8,6% dos entrevistados.

Os dados apresentados permitem algumas considerações a respeito das relações entre a comunidade local e os lugares de trabalho. Observa-se que a maioria dos entrevistados e seus familiares trabalham no Centro de Tiradentes e em profissões predominantemente voltadas para a atividade turística. De maneira geral, os entrevistados gostam do local em que trabalham e da atividade que desenvolvem, não tendo, desta forma, intenções de procurar outro trabalho.

Os entrevistados não identificam nenhuma influência da preservação da cidade em seus lugares de trabalho e nenhuma influência da preservação dos lugares de trabalho na preservação da cidade. Porém, identificam que o turismo influencia nos lugares de trabalho na medida em que ele estimula a geração de empregos e o conseqüente aumento na renda dos moradores, através da criação de um maior número de lugares de trabalho.

### 3.5. Características dos lugares de lazer da Comunidade Local



### 3.5.1. Localização dos lugares de lazer

Entre os entrevistados e suas famílias, apenas 4,6% dos moradores realiza alguma atividade de lazer diária. Os lugares utilizados para estas atividades estão localizados em 79,1% dos casos no Centro, 16,8% no Cascalho e 4,1% no Cuiabá.

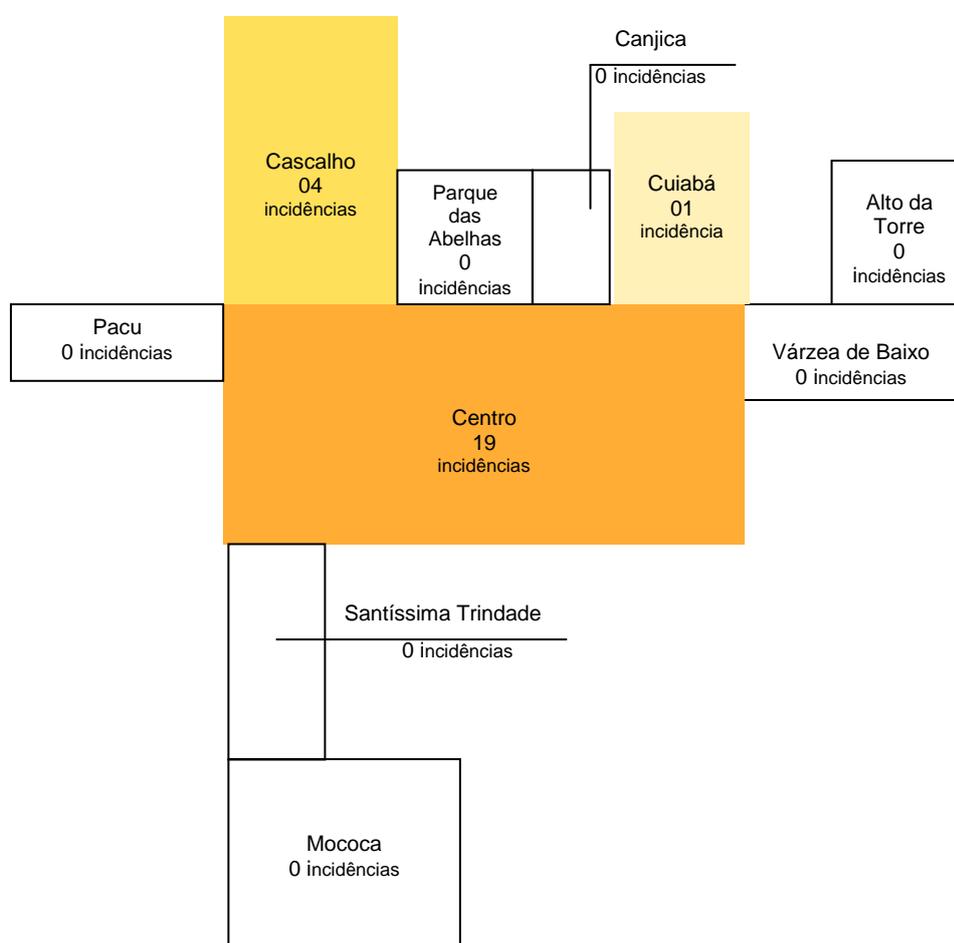


Figura 62: Esquema de localização dos lugares de lazer diário do total de moradores envolvidos na pesquisa.

Entre os entrevistados e suas famílias, 27,9% dos moradores realiza alguma atividade de lazer durante os finais de semana. Os lugares utilizados para estas atividades estão localizados em 53,6% dos casos no Centro, 0,7% no Parque das Abelhas, 0,7% no Cuiabá e 0,7% no Pacu.

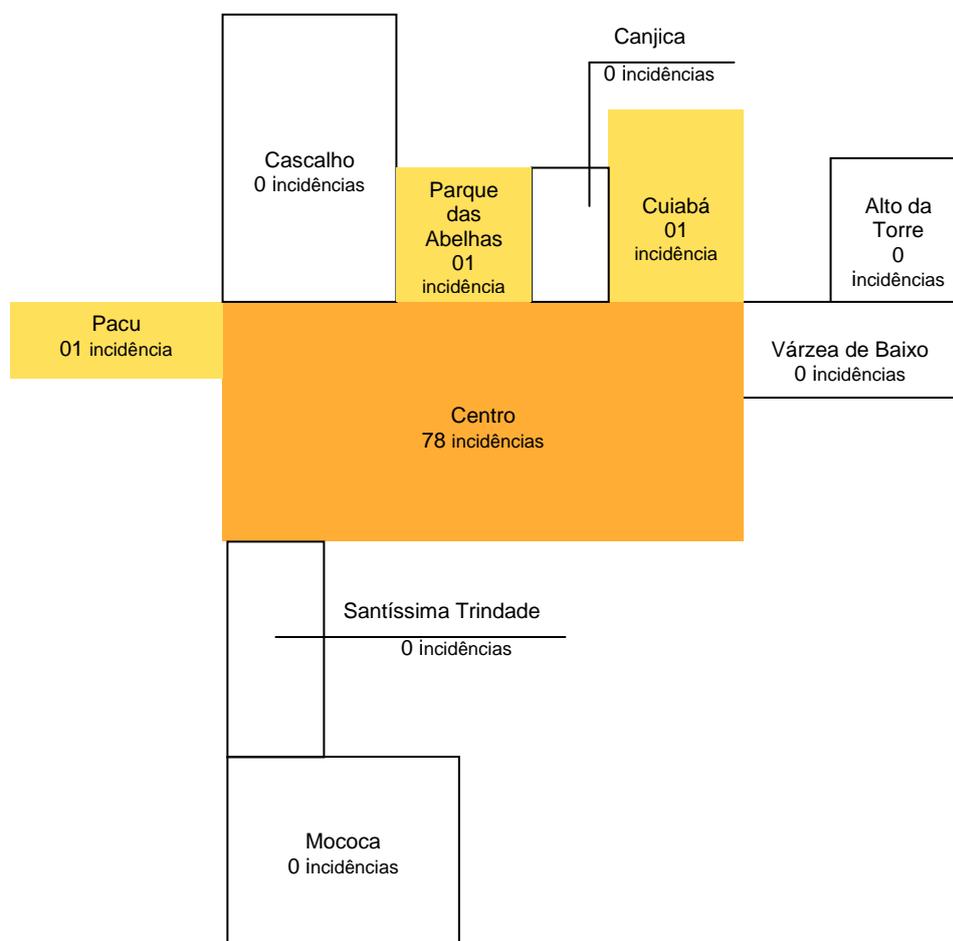


Figura 63: Esquema de localização dos lugares de lazer de fim de semana do total de moradores envolvidos na pesquisa.

Outros lugares de lazer durante o fim de semana que foram citados estão situados em localidades ou distritos próximos, como as fazendas da região, Elvas, Caixa D'água, Águas Santas e Bichinho (30,6% - 45 incidências), Serra de São José (8,9% - 13 incidências) e outras cidades (4,8% - 07 incidências).

Entre os entrevistados e suas famílias, 13,7% (72 incidências) realiza alguma atividade de lazer durante as férias. Entre os lugares utilizados para estas atividades apenas 9,7% (9 incidências) são realizadas em Tiradentes, no Centro. Os outros lugares de lazer durante as férias que foram citados estão localizados em outras cidades totalizando 90,3% (63 incidências).



### 3.5.2. Características arquitetônicas dos lugares de lazer

Visando identificar as características arquitetônicas dos lugares de lazer dos moradores entrevistados e suas famílias, foram elaborados quadros com as imagens dos espaços de lazer e seus usos predominantes.<sup>13</sup>

<b>Centro</b>	Chafariz passar		Ruas passar	
	Ruas ir aos eventos		Ruas andar a cavalo	
	Largo das Forras conversar e passear		Largo das Forras brincar	
	Igrejas rezar		Bares comer e beber	

Figura 64: Quadro de identificação das características arquitetônicas e usos dos lugares de lazer situados no Centro.

<sup>13</sup> Ressalta-se que os quadros apresentados foram elaborados a partir de uma observação in loco e não de uma análise aprofundada, pois seu objetivo é apenas ilustrar os dados a respeito dos principais locais de lazer dos moradores entrevistados.



Figura 65: Quadro de identificação das características arquitetônicas e usos dos lugares lazer situados no Cascalho.



### 3.5.3. As relações entre Comunidade Local e os lugares de lazer

Para identificar as relações entre a comunidade local e os lugares lazer, os moradores foram questionados a respeito das atividades de lazer que realizam diariamente, durante os finais de semana e durante as férias e os respectivos lugares que utilizam para realizar tais atividades. Também foram questionados a respeito das atividades de lazer que gostariam de realizar e os lugares adequados para tais. Além disso, opinaram sobre como a preservação de Tiradentes influencia nos lugares de lazer, como a preservação dos lugares de lazer influencia em Tiradentes e como o turismo influencia nos lugares de lazer.

Entre os moradores entrevistados e suas famílias, a maioria **não realiza nenhuma atividade de lazer diariamente**, correspondendo a **95,4%** dos moradores. Entre os **4,6%** que **realiza algum lazer diário**, pode-se destacar as seguintes atividades e locais que as desenvolvem: passear no Chafariz, passear pelas ruas do Centro, brincar no Alto São Francisco (16,8%), brincar no Largo das Forras, rezar nas igrejas do Centro (12,5%), freqüentar os bares do Centro (8,2%), praticar ioga no Cuiabá, pescar no Rio das Mortes, conversar no Largo das Forras, praticar ginástica em academia no Centro (4,1%).

Entre os moradores entrevistados e suas famílias, a maioria **não realiza nenhuma atividade de lazer durante os fins de semana**, correspondendo a **72,1%**. Entre os **27,9%** que **realiza algum lazer semanal**, pode-se destacar as seguintes atividades e locais que as desenvolvem: passear nas ruas do Centro (17,1%), nadar nas cachoeiras (13,0%), freqüentar os eventos no Centro, freqüentar bares do Centro (8,3%), conversar no Largo das Forras, passear no



Largo das Forras (4,8%), andar a cavalo no Centro, fazer trilha na Serra de São José (4,1%), acampar em Águas Santas, passear nas fazendas da região (3,4%), passear em Elvas, jogar bola nas ruas do Centro, fazer piquenique na Cachoeira do Mangue, fazer piquenique na Serra de São José, pescar na Caixa D'água, viajar para o sul de minas (2,7%), pedalar na Caixa D'água (2,0%), jogar bola em São João Del Rei, acampar na região, pescar no Rio das Mortes, jogar bola no campo (1,4%), andar de bicicleta na Serra de São José, jogar bola no Pacu, pescar no Rio São Francisco, passear no Cuiabá, jogar bola no ginásio, ir ao baile no Bichinho, brincar no Largo das Forras (0,7%).

Entre os moradores entrevistados, a maioria **não realiza nenhuma atividade de lazer durante as férias**, correspondendo a **86,3%** dos moradores. Entre os **13,7%** que realiza algum **lazer durante as férias**, pode-se destacar as seguintes atividades e locais que as desenvolvem: viajar para as praias do estado do Espírito Santo (40,3%), viajar para praias no estado do Rio de Janeiro (19,4%), viajar para cidades próximas como Barroso, Barbacena, Juiz de Fora e Belo Horizonte (14,0%), viajar para cidades do estado de São Paulo (12,4%), pescar na Serra de São José (9,7%), viajar para lugares diversos (2,8%) e viajar para praias no estado da Bahia (1,4%).

Observa-se que do total de atividades realizadas nos períodos de férias apenas **9,7% é realizada em Tiradentes**.

Quanto às atividades ou espaços de lazer que gostariam que existissem em Tiradentes e os lugares adequados para eles, os moradores responderam de maneira diversificada: cinema no Centro (9,2%), parque infantil no Centro, baile no Centro (4,3%), natação no ginásio, esportes em geral no Centro (3,5%), parque infantil em qualquer lugar, teatro no Centro (2,8%), clube no Parque das Abelhas (2,1%), clube afastado do Centro, danceteria afastada do Centro, clube em Águas Santas, esportes em geral no ginásio, danceteria no Centro, ginástica no Ginásio, parque infantil no Pacu (1,4%), parque infantil no ginásio, baile em qualquer lugar, parque infantil no Parque das Abelhas, parque infantil no Centro, clube perto da Estação Ferroviária, baile no ginásio, pista de patins no Cuiabá, parque infantil no Alto da Torre, parque infantil na Várzea de Baixo, shopping no Centro, clube no Cuiabá, quadra de esportes no Cuiabá, eventos culturais no Centro, circo no Centro, escola e creche na Mococa, parque infantil na



Santíssima Trindade, cinema na Santíssima Trindade, passear no Centro, parque infantil na Mococa, cinema em qualquer lugar (0,7%).

Destaca-se que **43,7%** dos entrevistados **não gostaria de realizar nenhuma atividade de lazer** na cidade.

Como a maioria dos entrevistados não realiza nenhuma atividade de lazer na cidade (nem diariamente, nem semanalmente) as respostas às perguntas a respeito da **influência da preservação de Tiradentes nos espaços de lazer**, da **influência da preservação dos espaços de lazer na cidade de Tiradentes** e da **influência do turismo nos espaços de lazer** foram incorporadas às observações gerais feitas pelos moradores a respeito do lazer na cidade.

De maneira geral as observações respeito do lazer em Tiradentes estão relacionadas aos seguintes aspectos:

- **O lazer da cidade é todo direcionado para os visitantes e não para os moradores**
- **O excesso de trabalho impede que os moradores realizem atividades de lazer**
- **Os moradores não sentem falta de realizar atividades de lazer**
- **A cidade não oferece atividades de lazer para os jovens**
- **O lazer existente para os moradores é realizar alguma atividade em casa**
- **A atividade turística atrapalha o lazer dos moradores**
- **Os eventos realizados na cidade deveriam ser mais numerosos**

Aqueles que consideram que **o lazer da cidade é todo direcionado para os visitantes e não para os moradores** correspondem a **26,0%** dos entrevistados. Estes se referem, sobretudo, ao alto custo dos eventos e atividades oferecidas em Tiradentes como opção de lazer.

Tem lugares que não dá nem para entrar por causa dos preços. O divertimento aqui é para o turista que tem grana para gastar (Entrevistado n.º 18).

Não tem atividade nenhuma para o morador. O que tem é para o turista e o preço é alto (Entrevistado n.º 57).



Muitos moradores reclamam que **o excesso de trabalho impede a realização de atividades de lazer**, correspondendo a **24,7%** das opiniões. Esta realidade se deve principalmente ao fato de que os finais de semana, férias e feriados são os períodos em que os moradores mais trabalham devido ao maior número de visitantes presentes na cidade.

Não temos lazer. Trabalhamos de segunda a segunda (Entrevistado n.º 10).

Meus pais não saem, nem eu. Não temos férias. Nas férias pegamos outro trabalho (Entrevistado n.º 23).

Aqueles **moradores que não sentem falta de realizar atividades de lazer** totalizam **20,7%** dos entrevistados, que destacam principalmente o fato de não gostarem de sair de casa. Estes moradores são predominantemente idosos que possuem saúde precária e por isso não se sentem motivados a realizar nenhuma atividade de lazer.

Sou muito caseiro. Não sinto falta de nada (Entrevistado n.º 07).

Eu não saio de casa para nada. Não tenho vontade (Entrevistado n.º 21).

Os comentários que destacam que **a cidade não oferece atividades de lazer para os jovens** totalizam **10,4%** das opiniões. Nestes comentários observa-se uma grande preocupação dos pais com aqueles jovens que por falta de opção de lazer na cidade se arriscam em viagens ou se envolvem com drogas, bebidas e companhias inadequadas.

O pessoal daqui não investe em lazer para os jovens. Falta boa vontade. Para nós que somos pais é ruim porque os jovens querem ir para São João del Rei e a estrada é perigosa durante a noite (Entrevistado n.º 06).

Aqui não tem nada para os meninos. Aqui a diversão é a droga e a bebida (Entrevistado n.º 24).

Os moradores que preferem **realizar alguma atividade em casa** como forma de lazer correspondem a **7,8%**. Entre estas atividades, as mais comuns são jogar cartas, assistir televisão, fazer tricô ou crochê ou simplesmente descansar.

Fico em casa e vejo televisão (Entrevistado n.º 08).

Jogo baralho em casa (Entrevistado n.º 53).

Aqueles que consideram que **a atividade turística atrapalha o lazer dos moradores** totalizam **5,2%** e também estão relacionados com ao alto custo dos



eventos e atividades oferecidas em Tiradentes e principalmente com o fato de que algumas atividades ou lugares de lazer que os moradores gostariam que existissem, como festas e danceterias, se opõem a tranquilidade que os visitantes buscam na cidade.

Os turistas atrapalham nossas festas porque não gostam de som alto (Entrevistado n.º 04).

A cidade ficou elitizada (Entrevistado n.º 09).

Alguns moradores consideram que **os eventos realizados na cidade deveriam ser mais numerosos** promovendo uma maior diversidade de atividades de lazer, totalizando **5,2%** das opiniões.

Tinham que fazer mais eventos na cidade (Entrevistado n.º 03).

Tudo que tem na cidade eu participo. Deveria ter mais coisas (Entrevistado n.º 140).

Os dados apresentados permitem algumas considerações a respeito das relações entre a comunidade local e os lugares de lazer. Cabe destacar, que a grande maioria das famílias não realiza nenhuma espécie de lazer nem diariamente, nem durante os fins de semana ou férias.

Porém, analisando as atividades e lugares de lazer citados, pode-se observar que não existem nem atividades, nem lugares específicos destinados ao lazer dos moradores de Tiradentes. As atividades mais citadas são passear, brincar ou conversar e são realizadas predominantemente nos espaços públicos da cidade como o Largo das Forras, o Alto São Francisco e as ruas de maneira geral. Existem pouquíssimos equipamentos destinados especificamente para o lazer dos jovens (somente o Ginásio Esportivo e o Campo de Futebol) e nenhum equipamento destinado especificamente para as crianças (como por exemplo, parque infantil).

### 3.6. As relações entre Comunidade Local e a preservação adotada em Tiradentes

Segundo Canclini (1994, p.103-106) existem quatro paradigmas político-culturais que servem como orientação para definir os objetivos da preservação do patrimônio cultural:

O primeiro é o **Tradicionalismo substancialista**, que está relacionado aos que selecionam os bens culturais através apenas do valor que tem em si mesmos e conseqüentemente pensam a sua conservação isolada do uso atual.



O segundo é o **Mercantilista**, que está relacionado aos que selecionam os bens culturais através do valor que estes têm para a valorização econômica do espaço social.

O terceiro é o **Conservacionista e Monumentalista**, que está relacionado aos que selecionam os bens culturais através da sua capacidade de exaltar a nacionalidade, enfatizando o papel do Estado em sua definição e promoção.

E finalmente, o quarto é o **Participacionista**, que está relacionado aos que selecionam os bens culturais através da sua relação com as necessidades globais da sociedade, onde:

[...] as funções anteriores – o valor intrínseco dos bens, seu interesse mercantil e sua capacidade simbólica de legitimação – são subordinadas às demandas presentes dos usuários. A seleção do que se preserva e a maneira de fazê-lo devem ser decididas através de um processo democrático em que os interessados intervenham, trazendo para o debate seus hábitos e opiniões (CANCLINI, 1994, p.105).

Desta forma, privilegiando as necessidades da comunidade, é possível conciliar a utilização dos aspectos econômicos e culturais dos bens, pois “valor cultural e valor econômico não se contradizem, não se excluem. O conflito grave ocorre entre a lógica do mercado e a lógica cultural” (MENESES. In: YAZIGI, 2002, p.59).

Este conflito torna-se mais grave na medida em que a lógica de mercado aponta para um processo que se convencionou denominar de gentrificação, que segundo Meneses (In: YAZIGI, 2002, p.58), pode ser entendido como “a reabilitação urbana de áreas de interesse cultural mais degradadas, como investimento em que se espera que o retorno reflita o valor cultural agregado”.

Exemplos conhecidos e amplamente discutidos de gentrificação foram os processos pontuais de revitalização urbana que sofreram o bairro do Recife antigo e o Pelourinho, em Salvador. Pode-se dizer que, de forma mais branda e prolongada, Tiradentes sofreu uma ação semelhante, porém não marcada por uma intervenção única e sim por um longo processo de implantação da atividade turística que se iniciou ainda na década de 1960 e se intensificou nas décadas de 1980 e 1990.



A presente pesquisa demonstrou que os moradores da cidade relacionam diretamente a importância da preservação aos aspectos econômicos<sup>14</sup>, deixando em segundo plano os aspectos históricos, estéticos e até mesmo os afetivos. Isto é um dos reflexos do processo de gentrificação.

Dentro deste contexto, Tiradentes teve uma grande melhora na infraestrutura e na qualidade de vida, devido aos investimentos voltados para o desenvolvimento do turismo. Estas melhorias são muito ressaltadas por aquelas famílias que, por estarem há muito tempo na cidade, vivenciaram o processo de estagnação pelo qual a cidade passou até a década de 1960. Porém...

[...] nesse jogo perverso de perdas e ganhos que contamina todo o espaço urbano [...], perde-se algo muito mais profundo que é o valor simbólico do coletivo social e da solidariedade nele subjacente, enfraquece-se o *genius loci*, ou seja, a magia do lugar, que ao contrário do conservadorismo da perspectiva romântica, tem se mostrado um suporte fundamental das mudanças e conquistas sociais (CASTRO. In: YAZIGI, 2002, p.137).

Apesar de relacionarem a preservação principalmente aos aspectos econômicos os moradores demonstram grande afetividade e familiaridade ao se referirem à cidade. Esta contradição aparece em todos os aspectos analisados, ou seja, nas relações entre comunidade e seus espaços de moradia, trabalho e lazer.

Especificamente relacionado com a moradia, o aspecto que mais se destaca é o de propriedade, ressaltado pelos aspectos afetivos que aparecem na maioria dos depoimentos. Essa relação de afetividade com a casa, já foi muito estudada e pode ser explicada, pois...

[...] o simbolismo da casa e pela casa é extenso em nossa sociedade. De casa vem também casamento, casadouro e casal, expressões que denotam um ato relacional, plenamente coerente com o espaço da morada e da residência (DA MATTA, 1984, p.11).

Além disso, segundo Bachelard (2000, p.34), a casa é mais do que um centro de moradia, é um centro de sonhos e para DaMatta (1997, p.57), “a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa idéia de amor, carinho e calor humano”.

<sup>14</sup> Vide item “2.6. A preservação de Tiradentes segundo a visão da Comunidade Local”.



Desta forma, justifica-se, também, que a maioria dos moradores não identifique nenhuma influência da preservação da cidade e do turismo em suas moradias, nem a influência da preservação individual das suas moradias na preservação geral da cidade. Isso ocorre porque não querem a intervenção dos órgãos responsáveis pela preservação e pelo desenvolvimento turístico em seu espaço de sonhos e amor, o único espaço que verdadeiramente se sentem proprietários.

Figuras 66, 67 e 68: Os moradores de todas as faixas de idade e de renda destacam sua relação de afetividade com a residência.



Quanto aos espaços de trabalho, os moradores ressaltam a influência apenas do turismo, e de forma positiva, pois este é responsável pela geração de empregos e o conseqüente aumento na renda dos moradores. Porém, a maioria não relaciona a preservação dos lugares de trabalho com a preservação geral da cidade e vice-versa.

Apesar de não destacarem nenhuma influencia negativa do turismo nos espaços de trabalho, é necessário ressaltar alguns aspectos que demonstram o contrário. O turismo implantado em Tiradentes privilegia a criação de pousadas, hotéis e restaurantes de alto padrão e conseqüentemente, alto custo. Este padrão de investimentos é utilizado para estimular a permanência de visitantes de alto poder aquisitivo. Tiradentes, ao investir no turismo voltado para este tipo de visitante, contribui para o aumento dos impactos negativos desta atividade sobre a população local, pois...

[...] um fator a ser considerado é que o turista de maior poder econômico terá hábitos elitistas (até de mão-de-obra), e assim não terá nenhum benefício econômico do período de permanência para o pequeno comércio e serviços que a população oferece (CALVENTE. In: LEMOS, 2001, p.86-87).



Figura 69, 70 e 71: O artesanato e os artesãos locais são cada vez menos valorizados pelo visitante em Tiradentes.



Porém, é nos espaços de lazer que a influência do turismo aparece com mais destaque na opinião dos moradores. O lazer em Tiradentes é direcionado para os visitantes, tanto no que diz respeito ao tipo de atividade oferecida, quanto ao custo destas atividades. Isso também é um dos reflexos do processo de gentrificação, que ao valorizar o casario antigo, passa a estimular a ocupação do Centro Histórico principalmente por opções de divertimento para o visitante de alto poder aquisitivo.

Outro aspecto importante ligado ao lazer é que este, além de não ser direcionado ao morador, também se torna inacessível devido ao fato de que apesar de todos terem trabalho e considerarem o local de trabalho adequado, não possuem finais de semana ou feriados de folga, e às vezes nem mesmo férias, pois nestes períodos a cidade atrai mais visitantes. Assim, pode-se afirmar que a qualidade de vida dos moradores torna-se pior, através do trabalho excessivo.

O problema da falta de lazer para os moradores se agrava ao analisar a situação de crianças e jovens. Estes são os mais prejudicados, pois sem opções de divertimentos acabam se envolvendo com drogas, bebidas e atos de violência como foi destacado por vários entrevistados.

Figuras 72 e 73: O alto custo e o tipo de atividades de lazer oferecidas, faz com que crianças e jovens fiquem sem opções de divertimento.





Quanto à relação entre a preservação individual dos lugares de lazer com a preservação geral da cidade e vice-versa, a maioria os moradores não identificaram nenhum fator relevante.

Observa-se, então, um total descaso dos moradores em relação à preservação da cidade. Para eles, a preservação de Tiradentes não influencia em nenhum de seus espaços cotidianos. Apesar disso, Tiradentes possui normas específicas de preservação que interferem em grande parte da cidade. Afirma-se, então, que apesar do Plano de Preservação de Tiradentes poder ser considerado eficiente em certos aspectos de controle da expansão urbana, como por exemplo, a limitação de gabarito, este se mostra cada vez mais ineficiente no que diz respeito à conscientização da população para a preservação e à garantia da relação de pertencimento entre moradores e Área Histórica.

Nota-se, em Tiradentes, cada vez mais um processo de distanciamento do morador com o Núcleo Histórico através, principalmente, do crescimento desordenado e da ocupação das elevações ao redor desta área. Surge, então, a criação de áreas residenciais de população de baixa renda, vistas pelo estereótipo da periferia. De modo geral...

[...] nas cidades brasileiras, a demarcação espacial (e social) se faz sempre no sentido de uma gradação ou hierarquia entre centro e periferia [...]; dentro e fora. Isso provavelmente explica a ausência de uma ocupação sistemática dos morros e elevações pelos segmentos dominantes (DA MATTA, 1984, p.05).

Estas noções servem, principalmente no caso de Tiradentes, para ressaltar a existência de uma mobilidade de grupos sociais no espaço da cidade. Dentro deste processo de mobilidade social e espacial, pode-se afirmar que, atualmente, mais do que o centro físico se concentra no Núcleo Histórico e sim o centro do poder econômico.

Desta forma, a grande maioria de ações e investimentos para melhorias da infra-estrutura e preservação do patrimônio está voltada para esta área. Isso gera um grave problema, pois...

[...] é claro [...] que tais intervenções não deverão ser limitadas aos centros históricos propriamente ditos, mas estendidas a toda a área da cidade na medida em que influa no centro histórico e o condicione (ARGAN, 1998, p.80).



Os prejuízos deste processo se refletem principalmente em dois aspectos: o estímulo do pastiche nas construções de áreas muito próximas ao Núcleo Histórico e as alterações das relações entre a paisagem e o Núcleo Histórico.

Quanto ao primeiro aspecto, a proliferação das construções que imitam o casario colonial, ou seja, o denominado pastiche, representa uma tentativa dos moradores de pertencerem ao Núcleo Histórico. Esse processo, em larga escala, cria um falso histórico, um cenário capaz de iludir os visitantes e mais importante do que isso reflete a necessidade dos moradores de fazerem parte da cidade oficialmente reconhecida, ou seja, a cidade turística, que claramente foi identificada na delimitação sugerida pelos moradores no item “2.7. Os limites da Área Histórica de Tiradentes segundo a visão da Comunidade Local”.



Figura 74, 75, 76: Edificações na Santíssima, na Canjica e no Centro imitam as características da arquitetura colonial.



Quanto ao segundo aspecto, pode-se afirmar que a falta de planejamento das áreas de expansão da cidade vem alterando progressivamente a paisagem ao redor do Núcleo Histórico. Isto ocorre porque estas áreas encontram-se situadas em lugares de visibilidade privilegiados, ganhando muitas vezes maior



destaque do que os monumentos da cidade, como por exemplo, a Matriz de Santo Antônio, considerada o monumento de maior relevância de Tiradentes.

Nota-se, então, que apesar da existência de uma legislação específica de preservação na cidade, esta se mostrou insuficiente no decorrer dos anos e já comprovadamente sabe-se que...

[...] ao reacender-se o debate sobre patrimônio cultural, devemos estar preparados para eventuais revisões da legislação que permitam o amparo e a proteção, sem imobilismo e paralisia (VELHO, 1984, p.39).

Tiradentes, ao não possuir uma legislação eficiente que amenize os efeitos negativos da especulação imobiliária e contenha a expansão desordenada, garantindo a preservação do entorno do Núcleo Histórico, passa por um processo comum a várias cidades históricas, onde “setores de núcleos urbanos perdem suas características ambientais devido [...] à ruptura de escala e congestionamento da infra-estrutura de serviços básicos” (TOLEDO, 1984, p.32).

Mais do que isso, a ação da especulação imobiliária favorece a substituição das antigas classes populares por novas classes sociais possuidoras de maior poder aquisitivo, provocando verdadeiras falsificações arquitetônicas. Isto acontece a partir da implantação de novos programas arquitetônicos que alteram as configurações originais das edificações, preservando apenas as fachadas e volumetria.

Observa-se, então, que mais do que planos de recuperação e restauração do casario setecentista e dos monumentos da cidade, torna-se urgente a criação de projetos e ações que visem conscientizar a população para a preservação através principalmente da garantia da relação de pertencimento entre moradores e Núcleo Histórico.



## Conclusão

Os dados apresentados nesta dissertação demonstraram a importância do conhecimento das relações entre Comunidade Local e Área Histórica para a preservação cultural de Tiradentes. A partir da análise destas relações foi possível identificar importantes aspectos da visão do morador. Estes aspectos forneceram dados fundamentais para a preservação da cidade como, por exemplo, a delimitação da área histórica na visão dos moradores, a influência do turismo e da preservação em seus espaços de moradia, trabalho e lazer, e as relações de afetividade entre os moradores e a cidade.

Além disso, observa-se no decorrer desta dissertação, que se torna cada vez mais necessária a valorização da pesquisa para estabelecer as metas da preservação arquitetônica e urbanística.

Só assim será possível captar, na devida complexidade, as peculiaridades de grupos específicos, da história local e regional, de segmentos mais desprivilegiados e de tradições e visões de mundo mais afastadas dos padrões que têm norteado, predominantemente, as decisões de política cultural (VELHO, 1984, p.38).

Quando lidamos com conceitos tão abstratos e mutáveis como Memória, Identidade, Valores e Pertencimento, bases essenciais para estabelecer as políticas de preservação das cidades, torna-se fundamental um profundo conhecimento das áreas a se intervir e das populações que ali residem. E para que isso ocorra...

[...] é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo, pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem na superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia (VELHO, 1999, p.123-124).

Desta forma, destaca-se a necessidade de apreensão do denominado ponto de vista do cidadão, ou seja, “uma série de estratégias discursivas por meio das quais os cidadãos narram as histórias de sua cidade” (SILVA, 2001. p. 09).



O ponto de vista do cidadão, ou seja, a lógica peculiar pela qual os moradores enxergam sua cidade permitiu, no caso de Tiradentes, chegar à formulação de algumas questões fundamentais para nortear as políticas de preservação, como por exemplo:

- Porque a afetividade e familiaridade dos moradores com a cidade não são demonstradas quando se fala de preservação?
- Porque o amor que possuem pelas suas casas não se reflete em uma necessidade de preservação destas?
- Se o que atrai o visitante é o patrimônio, porque a sua preservação não é considerada relevante pelo morador?

Segundo Gilberto Velho, para responder questões como estas se torna cada vez mais importante a ampliação do próprio conceito de patrimônio cultural. Além disso, é imprescindível...

[...] o enriquecimento e a flexibilização dos meios e instrumentos de que dispomos (como) parte de um projeto mais amplo, a longo prazo, de democratização da sociedade brasileira. Está em jogo a noção de cidadania, a questão dos direitos humanos, assim como, necessariamente, a questão fundamental da memória de uma nação (VELHO, 1984, p.39).

Esta preocupação é constante no debate sobre políticas culturais, pois cada vez mais se percebe que...

[...] não se logrará uma política efetiva de preservação e o desenvolvimento do patrimônio caso ele não seja avaliado adequadamente pelo público dos museus e sítios arqueológicos, pelos habitantes dos centros históricos e receptores de programas educativos e de difusão. Para cumprir estes objetivos, não basta multiplicar as pesquisas patrimoniais, os museus e a divulgação: é necessário conhecer e entender os parâmetros de percepção e compreensão em que se baseia a recepção dos destinatários (CANCLINI, 1994, p.106).

Desta forma, torna-se cada vez mais necessário investir na criação de métodos que proporcionem a participação efetiva dos moradores e usuários no desenvolvimento de ações e projetos de preservação. Somente desta forma, a preservação alcançará seu objetivo, onde o patrimônio cultural oficialmente instituído seja verdadeiramente sensível às especificidades culturais de cada lugar e de cada comunidade.



Para que isso seja possível, em Tiradentes, é fundamental a utilização dos recursos provenientes da principal atividade econômica da cidade, o turismo, revertendo para a comunidade os benefícios desta atividade e, sobretudo, amenizando seus malefícios no cotidiano dos moradores.



## Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: **Revista Território**, n.º 04, jan-jun., 1998. p. 05-26

AMENDOLA, Giandomenico. **La Ciudad Postmoderna**. Madrid: Ed. Celeste, 2000. 380p.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. **Rodrigo e o SPHAN**. Rio de Janeiro: MinC/SPHAN/Pró-Memória, 1997. 184p.

**ANTEPROJETO de lei que institui o código de obras do Município de Tiradentes**. Tiradentes: Prefeitura Municipal de Tiradentes, 2001. 29p.

ARAUJO, Márcia Maria Pereira e MARTINS, Angela Maria Moreira. Analisando o planejamento e a realização de eventos turísticos no Centro Histórico de Tiradentes - MG. In: **Anais do II Simpósio Nacional de Arquitetura e Urbanismo para o Turismo**. Vitória: IAB/ES, 2003. p.1-12.

ARAUJO, Márcia Maria Pereira e MARTINS, Angela Maria Moreira. As relações entre visitantes e comunidade local em Tiradentes – MG: Subsídios pra o planejamento turístico. In: **Anais do II Simpósio Nacional de Arquitetura e Urbanismo para o Turismo**. Vitória: IAB/ES, 2003. p.1-12.

ARAUJO, Márcia Maria Pereira e MARTINS, Angela Maria Moreira. Os limites da área histórica de Tiradentes na visão de seus moradores. In: **Anais do Seminário Visões Contemporâneas de Sítios e Centros Históricos** (CD-ROM). Rio de Janeiro: LabLet/PROARQ/UFRJ, 2003. p.1-22.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 280p.

AS NOVAS praças de Tiradentes. In: **Boletim SPHAN próMemória**. Rio de Janeiro: SPHAN, n.9, novembro/dezembro 1980. p.13-14.

A TRADICIONAL Tiradentes. In: **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1941. s/p.

ÁVILA, Affonso. A formação regional e os núcleos urbanos: campos das vertentes, formação e potencial, análise e conjuntura. In: **FJV Análise e Conjuntura**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, V.7, n. 12, dez. 1997. p 10- 20.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 242p.

BARREIROS, Eduardo Canabrava. **As Vilas del Rei e a cidadania de Tiradentes**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. 128p.



- BARROSO, Maria Jusselina de Faria. Turismo e Lazer: potencial e aproveitamento – Campo das Vertentes, formação e potencial. Economia, administração e tecnologia. In: **FJV Análise e Conjuntura**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, V. 7, n. 12, dez. 1977. p.21-29.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987. 406p.
- BRANT, Chico. Um presépio chamado Tiradentes. In: **Revista Casa & Jardim Especial: Minas Colonial**. São Paulo: Editora Abril, 1981. p.100-114.
- BRAZIL, Raymundo Pereira. **Minas Gerais na grandeza do Brasil**. Belo Horizonte: 1936. 675p.
- BURTON, Richard. **Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976. 366p.
- CALVENTE, Maria D.C.M.H. In: LEMOS, Amália I. G. de. (org.). **Turismo. Impactos sócioambientais**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2001. p. 85-92.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001. 290p.
- CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção da imaginária nacional. In: **Revista do Patrimônio, n.º 23**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. p. 95-115.
- CARVALHO, Edmilson. A cultura como valor de troca. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br> . Acesso em 02/12/2002.
- CASAL, Manuel Ayres do. **Corografia Brasílica**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976. 342p.
- CASTRO, Iná Elias de. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 121-140.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade / Editora UNESP, 2001. 283p.
- CHUVA, Márcia Romero & PINHEIRO, Maria de Fátima Oliveira (org.). **Sítio Histórico de Tiradentes – guia bibliográfico**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996. 136p.
- COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1999. 383p.
- CURY, Isabelle (org.) **Cartas Patrimoniais**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000. 384p.
- DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 163p.



DA MATTA, Roberto. Casa, rua & outro mundo. In: **Revista do Patrimônio**, n.º 19. Rio de Janeiro: IPHAN, 1984. p.05-14.

DINES, Alberto. São João del Rei: Viagem à Minas Gerais de Tancredo Neves, num roteiro que inclui também as cidades de Tiradentes e Prados. In: **Revista Quatro Rodas**. São Paulo: Editora Abril, n.º 299, junho de 1985. p.130-141.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1994. 199p.

DURÁN, Maria-Angeles. **La ciudad compartida. Conocimiento, afecto y uso**. Madrid: Consejo Superior de los Colegios de Arquitectos de España, 1998. 246p.

EDWARD, José. Os ETs mudam Tiradentes. In: **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril, 27 de fevereiro de 2002. p.73-74.

ESCHWEGE, W. L. Von. **Pluto Brasileenses**. Primeiro Volume. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 377p.

É TEMPO de acordar Tiradentes, In: **Revista Horizontes**. Belo Horizonte, primavera de 1969, s/p.

FREIRE, Priscila. A sinalização indica: Tiradentes está sendo descaracterizada. In: **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 17 de fevereiro de 1978. s/p.

FREITAS, Sérgio Ricardo de. **Tiradentes: uma cidade histórica**. Belo Horizonte: Desenho e Propaganda Studio/ Espaço Alternativo Gradual Editora Gráfica, s/d. 60p.

FREUNDENFELD, R. **A Isto é Minas Colonial!** São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.

FROTA, Lélia Coelho. **Tiradentes: retrato de uma cidade**. Rio de Janeiro: Campos Gerais; Fundação Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1993. 158p.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Condições de vida nos municípios de Minas Gerais 1970, 1980, 1991**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1993. 243p.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Microrregião do Campo das Vertentes: aspectos institucionais administrativos. Volume n.º 2**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/ Centro de Desenvolvimento Urbano, 1977.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Microrregião do Campo das Vertentes: estudo preliminar e diretrizes de desenvolvimento. Volume n.º 1**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/ Centro de Desenvolvimento Urbano, 1977.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira. A influência do pensamento modernista no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). In: **Cadernos de**



**Debates n.º 1 – Ideólogos do Patrimônio Cultural.** Rio de Janeiro: IBPC, 1991. p.15-24.

GUTIÉRREZ, Ramon. Valoración del patrimonio arquitectónico no monumental. In: **Valoración e Inventario de la arquitetura contextual no monumental – Memorias del Simposio.** Santafé de Bogotá: Escala Ltda, 1991. p.33-40.

GUTIÉRREZ, Ramon. **Arquitetura Latino-americana: textos para reflexão polêmica.** São Paulo: Nobel, 1989. 149p.

GUTMAN, Margarita e HARDOY, Jorge E. **Impacto de la urbanización en los centros históricos de iberoamerica.** Madrid: Mapfre, 1992. 536p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 102p.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio, n.º 24.** Rio de Janeiro: IPHAN, 1996. P.68-76.

HARDOY, Jorge E. A cidade Latino Americana: a vigência dos sítios históricos. In: **Revista do Patrimônio, n.º 21.** Rio de Janeiro: IPHAN, 1986. p.129-133.

IBGE, Cadastro Geral de Empresas 1999. **Malha Municipal digital do Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

IBPC. **Projeto Piloto – Sítio histórico de Tiradentes: fundamentos e propostas de intervenção.** Rio de Janeiro: Departamento de Identificação e Documentação – DID/IBPC, 1994. (trabalho digitado) 73p.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. 236p.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 1993. 205p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 117p.

LEMOS, Amália I. G. de. (org.). **Turismo. Impactos sócioambientais.** São Paulo: Ed. Hucitec, 2001. 302p.

LIMA JR, Augusto de. **A capitania das Minas Gerais.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. 140p.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil.** São Paulo: Martins, 1942. 435p.

MARTINS, Angela MM. **Notas de aulas.** ProArq, Rio de Janeiro, 2003. s/p.

MARTINS, Angela M.M. Turismo realmente sustentável: um conceito a desenvolver, In: MUNIZ, J.N. e GOMES, E. C. **Participação social e gestão**



**pública. As armadilhas da política de descentralização.** Viçosa: UFV, 2002. p.53-62.

MAWE, John. **Viagens ao interior do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. 243p.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os “usos culturais” da cultura: uma contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza (orgs.), **Turismo, espaço, paisagem e cultura.** São Paulo: Hucitec, 1996. p. 88-99.

MENESES, Ulpiano. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e Paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002. p. 29-64.

MONTEIRO, Bettina. Tiradentes. In: **Revista Veja Especial.** São Paulo: Editora Abril, julho de 2002. p.40-41.

MOTTA, Lia. A SPHAN em Ouro Preto. In: **Revista do Patrimônio, n. ° 22.** Rio de Janeiro: IPHAN, 1987. p. 108-122.

NOISETTE, P. e VALLERÜGO, F. **Le marketing des villes. Un, défi pour le developpement stratégique.** Paris: Les Ed. D’Orgaganisation, 1996, p. 215-265.

NUNES, Sílvio. Tiradentes, a cidade morta. In: **Noite Ilustrada.** Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1950. s/p.

PEDROSA, Milton. Uma cidade marcha para a morte – de mãos dadas, o tempo e o homem – Tiradentes, um núcleo abandonado. In: **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1950. s/p.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Turismo Cultural em Tiradentes: estudo de metodologia aplicada.** São Paulo: Ed. Manole, 2000. 188p.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1976. 417p.

PRAÇAS em Tiradentes serão reurbanizadas. In: **Boletim SPHAN próMemória.** Rio de Janeiro: SPHAN, n.6, maio/junho 1980. p.13-14.

PRINCIPAIS centros históricos estão sendo inventariados. In: **Boletim SPHAN pró-Memória.** Rio de Janeiro: SPHAN, n. 44, nov./dez. 1988. p. 8- 11.

QUARANTA, G. La prise en compte des biens paysagers dans la promotion touristique d’une zone environnementale protégée. In: **Tourisme et milieu.** Paris: Ed. CTHS,1997. p.147-156.

RESTAURAÇÃO em cidades históricas: Tiradentes/São João del Rei. In: **Boletim SPHAN próMemória.** Rio de Janeiro: SPHAN, n.32, setembro/outubro, 1984. p. 16.



RODARTE, Cristiane Serra. **O uso e o comportamento social do turista e do morador nos espaços públicos do Centro Histórico de Tiradentes – MG.** Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. 188p.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1998. 309p.

RUGENDAS, João Maurício. **Viagem Pitoresca ao interior do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. 288p.

SAINT HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. Tiradentes: ano 261. In: **Estado de Minas.** Belo Horizonte, 18 de janeiro de 1980, Caderno de Turismo, p. 8.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. Atrás das fachadas pintadas a triste ruína de Tiradentes. In: **Estado de Minas.** Belo Horizonte, 19 de outubro de 1979, Caderno de Turismo, p. 21.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. **Guia da cidade de Tiradentes, antiga São José do Rio das Mortes.** Tiradentes, 1978. 35p.

SANTOS, Paulo. **Formação de cidades no Brasil colonial.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001. 179p.

SCHEIBE, Stephen David. Uma síntese: campo das vertentes, formação e potencial. In: **FJV Análise e Conjuntura.** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, v. 7, n.12, dez. 1977, p. 2-9.

SEGRE, Roberto. **América Latina. Fim de milênio. Raízes e perspectivas de sua arquitetura.** São Paulo: Studio Nobel, 1991. 326p.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos.** São Paulo: Perspectiva, 2001. 247p.

SILVA, Maria Beatriz Setúbal de Resende. Preservação na gestão das cidades. In: **Revista do Patrimônio, n.º 24.** Rio de Janeiro: IPHAN, 1996. p.165-174.

SPIX, Johann Baptiste e MARTIUS, Karl Friedrich. **Viagem pelo Brasil. 1817-1820.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

TELLES, Augusto C, da Silva. Centros Históricos: notas sobre política brasileira de preservação. In: **Revista do Patrimônio, n.º 19.** Rio de Janeiro: IPHAN, 1984. p.29-33.

TERRA onde nasceu Tiradentes tem atrativos para o turista. In: **Estado de Minas.** Belo Horizonte, 03 de janeiro de 1969, Caderno de Turismo, p.6.

TOLEDO, Benedito Lima. Bem cultural e identidade cultural. In: **Revista do Patrimônio, n.º 19.** Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. p. 29-32.



VELHO, Gilberto. **Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999. 142p.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999. 149p.

VELHO, Gilberto. A grande cidade brasileira: sobre heterogeneidade e diversidades culturais. In: **Revista do Patrimônio**, n.º 21. Rio de Janeiro: IPHAN, 1986. p. 49-50.

VELHO, Gilberto. Antropologia e patrimônio cultural. In: **Revista do Patrimônio**, n.º 20. Rio de Janeiro: IPHAN, 1984.p. 37-39.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1978. 115p.

WAISSMAN, Marina. Valoración de la arquitetura contextual no monumental. In: **Valoración e Inventario de la arquitetura contextual no monumental. Memorias del Simposio**. Santafé de Bogotá: Escala Ltda, 1991. p. 25-32.

WALSH, Robert. **Notícias do Brasil (1828-1829)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. 226p.

ZEIN, R. T. Patrimônio e identidade cultural: conceitos e debates. In: **Sala São Paulo de Concertos**. São Paulo: Alter Marjet, 2001. p. 75-104.

## Sites visitados

<http://www.ibge.gov.br> Acesso em 22/05/2002.

<http://www.iphan.gov.br> Acesso em 22/05/2002.

<http://www.guiadasvertentes.com.br> Acesso em 03/07/2002.

<http://www.guiavirtual.tur.br> Acesso em 03/07/2002.

<http://www.guiatiradentes.com.br> Acesso em 03/07/2002.

<http://www.mgconecta.com.br/tiradentesturismo> Acesso em 03/07/2002.

<http://www.mg.gov.br> Acesso em 22/05/2002.

<http://www.mostratiradentes.com.br> Acesso em 20/01/2003.

<http://www.portaldaviagem.com> Acesso em 03/07/2002.

<http://www.terra.com.br/cidadeshistoricas> Acesso em 03/07/2002.

<http://www.tiradentes.tur.br> Acesso em 03/07/2002.

As relações entre a Comunidade Local e a Área Histórica de Tiradentes - MG:  
uma contribuição para a preservação do patrimônio cultural em áreas urbanas

---

Márcia Maria Pereira Araujo



## Anexo 1: Modelo de questionário

	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – FAU — PROARQ – Mestrado em Arquitetura						N.º da entrevista:	
	Área de Concentração: História e Preservação do Patrimônio Cultural							
	Entrevistado:						Data:	
Endereço:				Responsável pela família:				
<b>CARACTERÍSTICAS DA FAMÍLIA</b>								
	Família	Idade	Sexo	Escolaridade	Profissão	Local de trabalho	Local de estudo	Renda mensal
01								
02								
03								
04								
05								
06								
07								
08								
09								
10								
Há quanto tempo a família mora em Tiradentes: _____ Onde morava antes de vir para cidade: _____ Porque decidiu morar aqui: _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ Gostaria de mudar da cidade: ( ) Sim ( ) Não Para onde: _____ Porque: _____ _____ _____								

<b>CARACTERÍSTICAS DOS LUGARES DE MORADIA</b>								
Residência ( ) Própria ( ) Alugada ( ) Outros: _____ Valor do aluguel: R\$ _____					Possui residência secundária: ( ) Sim ( ) Não Onde: _____ Possui outros imóveis: ( ) Sim ( ) Não Onde: _____			
Há quanto tempo a família mora nesta casa: _____ Morou em outro lugar em Tiradentes: _____ Onde: _____ Porque mora aqui: _____ _____ _____ _____ Gostaria de morar em outro lugar: ( ) Sim ( ) Não Onde: _____ Porque: _____ _____ O que acha da casa onde mora: _____ _____ _____ Como a preservação de Tiradentes interfere na sua casa: _____ _____ Como a preservação da sua casa influencia na preservação de Tiradentes: _____ _____ Como a atividade turística influencia na sua casa: _____ _____ _____								
Área do lote	Afastamento frontal	Afastamentos laterais	Área construída	Área livre	Usos da área livre	N.º de pavimentos	N.º de cômodos	Relação dos cômodos
Tipologia da cobertura	Materiais da cobertura	Tipologia dos vãos	Materiais das esquadrias	Cores da esquadrias	Materiais de revestimento das fachadas	Cores das fachadas	Outros elementos importantes	
OBS:								

	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – FAU — PROARQ – Mestrado em Arquitetura		N.º da entrevista:
	Área de Concentração: História e Preservação do Patrimônio Cultural		
	Entrevistado:		Data:
Endereço:		Responsável pela família:	

CARACTERÍSTICAS DOS LUGARES DE TRABALHO	
Local que trabalha: _____	Atividade que desenvolve: _____ Há quanto tempo trabalha neste local: _____
Meio de transporte utilizado para ir trabalhar: _____	Caminho percorrido: _____
Trabalhou em outro lugar em Tiradentes: ( ) Sim ( ) Não	Onde: _____
Porque trabalha neste lugar: _____	
_____	
_____	
Acha o lugar adequado para a atividade que desenvolve: ( ) Sim ( ) Não Porque: _____	
Gostaria de trabalhar em outro lugar: ( ) Sim ( ) Não Onde: _____ Porque: _____	
Como a preservação de Tiradentes interfere no seu lugar de trabalho: _____	
Como a preservação do seu lugar de trabalho influencia na preservação de Tiradentes: _____	
Como a atividade turística influencia no seu lugar de trabalho: _____	
_____	
OBS: _____	

CARACTERÍSTICAS DOS LUGARES DE LAZER							
	Família	Locais de lazer diário	Atividades que realiza	Locais de lazer no fim de semana	Atividades que realiza	Locais de lazer nas férias	Atividades que realiza
01							
02							
03							
04							
05							
06							
07							
08							
09							
10							
Quais as atividades de lazer que gostaria de realizar:							
Atividades							
Locais							
Época							
Acha os lugares de lazer que frequenta, na cidade, adequados: ( ) Sim ( ) Não Porque: _____							
_____							
_____							
Como a preservação de Tiradentes interfere nos seus espaços de lazer: _____							
_____							
Como a preservação dos seus espaços de lazer influencia na preservação de Tiradentes: _____							
_____							
Como a atividade turística influencia nos seus espaços de lazer: _____							
_____							

Outras atividades exercidas em Tiradentes, além de residência, trabalho e lazer :							
Atividades							
Locais							
Época							

	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – FAU – PROARQ – Mestrado em Arquitetura		N.º da entrevista:
	Área de Concentração: História e Preservação do Patrimônio Cultural		
	Entrevistado:		Data:
Endereço:		Responsável pela família:	

DELIMITAÇÃO DA ÁREA HISTÓRICA		
Quais os dez principais lugares da Área Histórica de Tiradentes:	Quais as principais modificações positivas de Tiradentes nos últimos anos: _____ _____ _____ _____ _____	A partir das fotos apresentadas, quais os dez principais lugares da cidade de Tiradentes:
1. _____	_____	1. _____
2. _____	_____	2. _____
3. _____	_____	3. _____
4. _____	Quais as principais modificações negativas de Tiradentes nos últimos anos: _____ _____ _____ _____ _____	4. _____
5. _____	_____	5. _____
6. _____	_____	6. _____
7. _____	_____	7. _____
8. _____	_____	8. _____
9. _____	O que acha da preservação de Tiradentes: ( ) Muito Boa ( ) Boa ( ) Regular ( ) Péssima	9. _____
10. _____	Qual a importância da preservação para os moradores: _____ _____ _____	10. _____

Obs:



As relações entre a Comunidade Local e a Área Histórica de Tiradentes - MG:  
uma contribuição para a preservação do patrimônio cultural em áreas urbanas

Márcia Maria Pereira Araujo



Anexo 2: Logradouros pertencentes a cada setor de preservação



## Anexo 2:

### Logradouros pertencentes a cada setor de preservação

#### Setor 1

- Rua Santíssima Trindade, do Beco da Matriz até a Rua da Câmara
- Rua Padre Toledo
- Beco do Pacu, 80m a partir da Rua Santíssima Trindade
- Travessa João Moura
- Rua Frederico Ozanan, lado mais próximo à Matriz
- Rua Jogo da Bola
- Rua da Câmara
- Largo do Ó
- Rua Direita
- Largo do Rosário
- Rua do Chafariz
- Rua Operário Geraldo Resende
- Largo do Sol
- Rua da Cadeia, entre a Rua Direita e a Rua Ministro Gabriel Passos
- Rua Ministro Gabriel Passos, lado mais próximo à Matriz
- Rua Resende Costa
- Largo das Forras
- Excetuando o lado que dá continuidade à Rua Ministro Gabriel Passos
- Rua dos Inconfidentes, do Largo das Forras até a Ponte sobre o Ribeiro Santo Antônio
- Beco da Matriz, lado da Matriz
- Rua Maestro Antônio de Pádua Falcão, lado que compõe os fundos do Largo das Forras

#### Setor 2

- Rua Santíssima Trindade, até o Beco de Matriz\*
- Rua Padre Gostar, da Praça Padre Bernardino até a Rua João Batista Ramalho



- Rua João Batista Ramalho, da Rua Padre Gaspar até 80m a partir da Rua Santíssima Trindade
- Rua Antônia da Encarnação Xavier, 80m a partir da Rua Santíssima Trindade
- Rua José Luiz de Paiva, 80m a partir da Rua Santíssima Trindade
- Praça Padre Bernardino\*
- Rua Transversal a Rua Santíssima Trindade (nova sem saída)
- Beco da Matriz, lado oposto da Matriz, 80m a partir da Rua Santíssima Trindade

\* Nestes logradouros ficam incluídos no Setor 2 as faixas de 80m a partir das testadas dos lotes

### Setor 3

- Rua Ministro Gabriel Passos, lado mais próximo ao Ribeiro Santo Antônio
- Largo das Forras, lado que dá continuidade a Rua Ministro Gabriel Passos
- Trecho de Rua entre a Ponte de Pedra e a Praça Silva Jardim

### Setor 4

- Largo do Chafariz, faixa de 80m nos fundos do Largo e na sua lateral em direção a Rua Francisco Cândido Barbosa e todo o lado fronteiro ao Chafariz até o Ribeiro Santo Antônio
- Rua Francisco Cândido Barbosa, 80m a partir do Largo do Chafariz fechando no Ribeiro Santo Antônio de um lado e em faixa de 80m no lado da Serra de São José
- Rua Custódio Gomes
- Rua Antônio Ferreira Coimbra, entre a Rua Custódio Gomes e a Rua Nicolau Panzera, lado mais próximo à Igreja das Mercês
- Rua São Francisco de Paula
- Praça Delfim Ribeiro Guedes (Largo das Mercês), no lado do Solar da Ponte, abrangendo faixa de 80m a partir da testada do lote
- Rua Sylvio de Vasconcelos, de um lado – da Igreja das Mercês – indo até a Padroeiro Santo Antônio. Do outro lado, incluindo apenas o trecho até a direção do Beco das Mercês (ou das Almas)
- Rua Henrique Diniz, faixa de 80m a partir das testadas dos lotes



- Praça Silva Jardim
- Rua dos Inconfidentes, 80m a partir da Rua Henrique Diniz

Além das áreas já descritas, o Setor 4 também compreende os lotes na continuação da Rua da Cadeia, entre o Ribeiro Santo Antônio e os fundos dos lotes da Rua do Chafariz (Setor 1) e da Rua Ministro Gabriel Passos (Setor 3)

## Setor 5

- Rua José Luiz de Paiva\*, excetuando os 80m iniciais a partir da Rua Santíssima Trindade, incluídos no Setor 2
- Rua Maestro Antônio de Pádua Falcão\*, lado que forma os fundos da Rua Martins Paolucci
- Rua Martins Paolucci, trecho inicial englobado na faixa de 80m da Rua Martins Antônio de Pádua
- Beco da Matriz, lado oposto da Matriz, excetuando os 80m iniciais a partir da Rua Santíssima Trindade, incluídos no Setor 2
- Beco da Pedreira, compreendendo a faixa do lote que faz esquina com a Rua José de Paiva
- Nestes logradouros, no lado mais afastado da Matriz, ficam incluídos no Setor 5 as faixas de 80m a partir das testadas dos lotes

## Setor 6

- Rua João Batista Ramalho, da Rua Frei Veloso, subindo para a Rua Santíssima Trindade, excetuando o trecho de 80m antes da Rua Santíssima Trindade, incluído no Setor 2
- Rua Frei Veloso, lado mais próximo à Igreja Santíssima Trindade, área entre a testada dos lotes e o limite do Setor 2
- Rua Frei Veloso, da Rua João Batista Ramalho até a Rua Frederico Ozanan, lado do Córrego do Pacú
- Rua Antônia da Encarnação Xavier, da Rua Frei Veloso subindo para a Rua Santíssima Trindade, excetuando o trecho de 80, antes da Rua Santíssima Trindade, incluído no Setor 2
- Rua Frederico Ozanan, lado do Córrego do Pacú
- Travessa Frederico Ozanan



## Setor 7

- Rua dos Inconfidentes da Ponte sobre o Ribeiro Santo Antônio até a Praça Teófilo Reis, excetuando o trecho inicial de 80m, do lado mais próximo da Igreja das Mercês, incluído no Setor 04
- Praça Teófilo Reis
- Rua Joaquim Ramalho, 80m a partir da Praça Teófilo Reis
- Travessa Antônio Teixeira de Carvalho, entre a Praça Teófilo Reis e a Ponte sobre o Rio das Mortes
- Rua Sylvio de Vasconcelos, a partir do Beco das Mercês (das Almas) até a Rua Alberto Paolucci, do lado oposto à Igreja das Mercês
- Rua Alberto Paolucci, sendo que ao lado da Igreja das Mercês fica incluído apenas faixa de 80m a partir das testadas dos lotes
- Rua Francisco Pereira de Moraes, da Rua dos Inconfidentes até a Igreja de Santo Antônio da Canjica, faixa de 80m a partir das testadas dos lotes
- Beco da Lagoa, no trecho inicial englobado na faixa de 80m da Rua Francisco Pereira de Moraes
- Travessa Professor Pinto, no trecho inicial, 80m a partir da Rua Francisco Pereira de Moraes
- Rua Padroeiro Santo Antônio
- Rua Agostinho Ferreira, no lado oposto à Igreja das Mercês, até a esquina com o beco das Mercês (das Almas)

Além destas áreas faz parte do setor a faixa de 80m atrás da Igreja de Santo Antônio da Canjica

## Setor 8

- Av. Presidente Castelo Branco nas áreas compreendidas no semicírculo com centro na Estação e raio que alcança a esquina da Praça da Estação com o leito da Estrada de Ferro – englobando a Praça da Estação
- Praça da Estação nos trechos compreendidos pelo prolongamento do semicírculo, definido pelas tangentes perpendiculares a sua base
- Rua Capitão Miranda dentro do mesmo prolongamento do semicírculo já descrito

**Obs: Em caso de dúvida, permanece a delimitação gráfica dos Setores.**

As relações entre a Comunidade Local e a Área Histórica de Tiradentes - MG:  
uma contribuição para a preservação do patrimônio cultural em áreas urbanas

Márcia Maria Pereira Araujo



### Anexo 3: Tabela de fotos



Prefeitura



Estação Rodoviária



Rio das Mortes



Largo das Forras



Rua da Câmara



Casa do Padre Toledo



Riacho na Serra de  
São José



Matriz de Santo Antônio



Monumento do Trevo



Museu de Arte Sacra



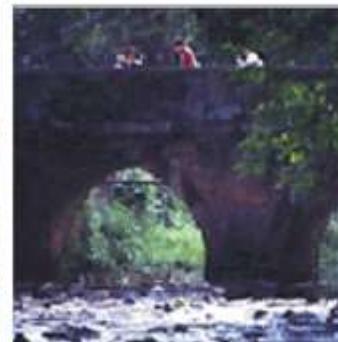
Igreja da Santíssima  
Trindade



Ginásio Esportivo



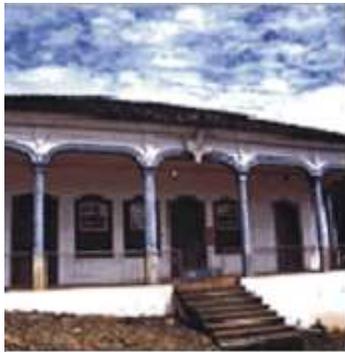
Estação Ferroviária



Ponte sobre o Ribeirão  
Santo Antônio



Igreja de Nossa Senhora  
das Mercês



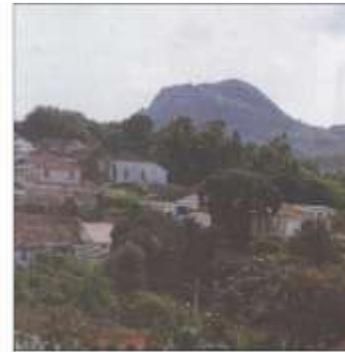
Câmara Municipal



Igreja de Santo Antônio da Canjica



Bosque da Mãe d'Água



Serra de São José



Igreja de Nossa Senhora do Rosário



Ponte no acesso à Rodoviária



Centro Cultural Yves Alves



Cachoeira do Manguê



Chafariz de São José



Praça da Estação Ferroviária



Igreja de Bom Jesus da Pobreza



Rua Direita



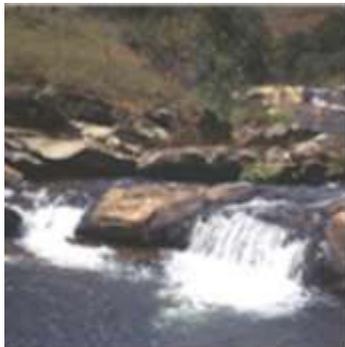
Casa de Custódio Mesquita



Ponte sobre o Rio das Mortes



Igreja de São João Evangelista



Cachoeira do Quatorze



Monumento a Tiradentes



Trilha na Serra de São José



Fazenda do Pombal



Poço da Matriz



Casa do Comendador Assis



Maria Fumaça



Passo



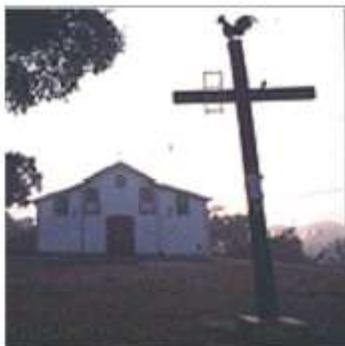
Cachoeira do Urubu



Sobrado Ramalho/IPHAN



Balneário Águas Santas



Igreja de São Francisco de Paula



Estrada Velha



Relógio de Sol



Casa da Cultura